

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS
MISSÕES PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**O ACOLHIMENTO DA CRIANÇA DE 3 A 5 ANOS: INGRESSO NA ESCOLA DE
EDUCAÇÃO INFANTIL**

ELISIANE ANDREIA LIPPI

FREDERICO WESTPHALEN

2016

ELISIANE ANDREIA LIPPI

**O ACOLHIMENTO DA CRIANÇA DE 3 A 5 ANOS: INGRESSO NA ESCOLA DE
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Regional Integrada – URI, Campus de Frederico Westphalen.

Orientador: Dr. Arnaldo Nogaro

FREDERICO WESTPHALEN

2016

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

A Banca Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**O ACOLHIMENTO DA CRIANÇA DE 3 A 5 ANOS QUANDO INGRESSA NA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Elaborada por
Elisiane Andreia Lippi

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestra em Educação

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arnaldo Nogaro - URI
(Presidente/Orientador)

Membro Profa. Dra. Hedi Maria Luft
(1ª arguidora)

Membro Profa. Dra. Elisabete Cerutti
(2ª arguidora)

Frederico Westphalen, dezembro de 2016.

IDENTIFICAÇÃO

Instituição

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Câmpus de Frederico Westphalen

Av. Assis Brasil, 709 – Bairro Itapagé – 984000-000 – Frederico Westphalen – RS

Diretores do Câmpus

Diretor Geral: Silvia Regina Canan

Diretora Acadêmica: Elisabete Cerutti

Diretor Administrativo: Clovis Quadros Hempel

Departamento

Curso de Pós- Graduação *Stricto Sensu*

Área de Concentração: Educação

Chefe: Prof.^a Dr.^a Edite Maria Sudbrack

Linha de Pesquisa:

Formação de professores e práticas educativas

Mestranda

Elisiane Andreia Lippi

Orientador

Arnaldo Nogaro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre me deu forças para jamais desistir da longa jornada. Agradeço também à minha família, que constantemente me auxiliou de maneira positiva, me incentivando, me ajudando em tudo o que foi preciso. Pai, mãe, irmão... Amo vocês! Ao meu esposo, Sidney Pedro Mambrini, que me acompanhou diariamente na realização desse trabalho, me ajudou em todos os momentos, me ouviu, me aconselhou e abriu mão de muitas coisas para me apoiar nesta trajetória. A você o meu amor e o meu agradecimento.

Um agradecimento todo especial ao meu orientador professor Arnaldo Nogaro, que me orientou com competência, dedicação e muita compreensão. Ser humano fantástico e um exemplo de profissional a ser seguido.

Aos meus colegas do Mestrado em Educação por afugentarem minhas angústias e tristezas, especialmente à minha colega, amiga e comadre Manoelle Silveira Duarte, por me auxiliar sempre que foi preciso, por me ouvir, secar minhas lágrimas e acalmar meu coração.

Às minhas colegas da Escola Nossa Senhora Auxiliadora e da Escola de Educação Infantil Ceci Capuani pela compreensão, auxílio constante e afeto de sempre. Aos meus amados alunos que, mesmo sem saber, motivaram esta pesquisa, me mostram que estou no caminho certo na opção por ser educadora infantil e na esperança de acreditar em um mundo melhor.

Aos participantes desta pesquisa, que acolheram tão generosamente esta proposta de estudo e dedicaram uma parte do seu tempo para que este trabalho pudesse ser realizado, bem como à SMEC de Frederico Westphalen, que possibilitou a minha entrada nas escolas e, desta forma, a realização desta pesquisa.

Enfim, agradecimento a todos os professores que passaram pela minha vida e que me ensinaram a ser o que sou hoje, sem vocês eu nada seria.

“As crianças se comunicam conosco através de seus olhos, tom de suas vozes, posturas de seus corpos, seus gestos, seus maneirismos, seus sorrisos, seus pulos para cima e para baixo, sua desatenção. Elas nos mostram, através da maneira pela qual fazem as coisas, assim como através daquilo que fazem, o que está acontecendo dentro delas. Quando chegarmos a ver o comportamento das crianças através do significado que as coisas têm para elas, de dentro para fora, estaremos no caminho certo para compreendê-las.”

(Cohen & Stern, com Balaban)

RESUMO

A dissertação aqui apresentada tem como tema central o acolhimento da criança de 3 a 5 anos na escola de Educação Infantil. Possui como objetivo investigar como ocorre o acolhimento das crianças de 3 a 5 anos ao ingressarem em escolas de Educação Infantil, com o intuito de auxiliar, de forma teórica e prática, neste processo tão importante que envolve a escola, professores, famílias e, principalmente, as crianças. Trata-se de uma pesquisa de campo junto a três escolas de Educação Infantil, duas públicas e uma privada, do município de Frederico Westphalen, envolveu-se 18 sujeitos: seis professores, três coordenadores pedagógicos ou responsáveis pela escola e nove pais. O enfoque metodológico utilizado é a hermenêutica, abordagem que possui mais afinidade com a realidade da pesquisa, de natureza qualitativa. Esta traz para a realidade educacional de Frederico Westphalen subsídios teóricos e práticos, para que seja possível reduzir as dificuldades que educadoras infantis, tanto das escolas públicas quanto privadas, encontram no acolhimento da criança e no processo de adaptação escolar. As escolas de Educação Infantil estão fazendo o seu melhor dentro de suas realidades e estão desenvolvendo um bom trabalho junto às crianças e seus pais. Porém, isto não quer dizer que não haja possibilidade de melhorar e/ou aprimorar mecanismos e desenvolver ações quando se trata do acolhimento da criança ao ingressar na escola.

Palavras-chave: Educação Infantil. Adaptação Escolar. Infância. Práticas pedagógicas. Acolhimento.

ABSTRACT

This thesis is focused on the 3 to 5 years old children's reception in Childhood Education school. It aims to investigate how are receptioned the 3 to 5 years old children when they join the school of child education in order to assist, theoretical and practical, this important process involving the school, teachers, families and especially children. This is a field survey of three schools of Childhood Education, considering that two of them are public schools and one is private, in the city of Frederico Westphalen. Eighteen people were involved: six teachers, three coordinators or responsible for school and nine parents. The methodology used is the hermeneutic, which is a qualitative methodology and has more affinity with the research reality. It brings to the Frederico Westphalen's educational reality the theoretical and practical information, so it can be possible to reduce the difficulties that educators (from public and private schools) find when they welcome children and also to decrease difficulties in the school adaptation process. It was concluded that the Childhood Education schools are doing their best within their realities and they are developing a good job with the children and their parents. However, this doesn't mean that there is no possibility to improve and enhance educational mechanisms and develop actions when it comes to children's reception when starting at school.

Keywords: Childhood Education. School Adaptation. Childhood. Pedagogical practices. Reception.

SUMÁRIO

1 INICIANDO: PRIMEIROS PASSOS	11
2 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA HISTÓRIA DE CONQUISTAS E DESAFIOS	19
2.1 Concepção da infância: do adulto em miniatura a um sujeito dotado de direitos	19
2.2 História da Educação Infantil no Brasil: do direito à obrigatoriedade.....	24
3 DESENVOLVIMENTO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO DA CRIANÇA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	36
3.1 Estratégias fundamentais no acolhimento da criança na escola: algumas questões teóricas e práticas	45
3.1.1 A infância e o brincar: aprendendo a conviver através da ludicidade	46
3.1.2 Projetando o acolhimento e o progresso da criança na escola através da observação	58
4 METODOLOGIA DA PESQUISA	65
4.1 Estabelecendo o cenário da pesquisa	66
4.2 Desenho metodológico da pesquisa	67
4.3 A escolha dos sujeitos e espaços da pesquisa.....	71
4.4 A coleta dos dados e sua análise	72
5 A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS E A COSTURA TEÓRICA	75
5.1 O acolhimento da criança sob o ponto de vista da escola: com a palavra direção e coordenação pedagógica	76
5.2 O acolhimento da criança sob o ponto de vista das educadoras	86
5.3 O acolhimento da criança na escola sob o ponto de vista das famílias.....	93
6 ACOLHIMENTO: AINDA TEMOS MUITO O QUE CAMINHAR	103
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICES	114
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido para as educadoras de Educação Infantil.....	115
APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido para os coordenadores pedagógicos	116
APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido para os familiares dos alunos.....	117

APÊNDICE D – Questionário a ser aplicado com as educadoras de Educação Infantil	118
APÊNDICE E – Entrevista semiestruturada a ser aplicada com as coordenadoras pedagógicas	120
APÊNDICE F – Questionário a ser aplicado aos familiares dos alunos	121
APÊNDICE G – Autorização da direção da escola da rede privada para realização da pesquisa	124
APÊNDICE H – Autorização da SMEC de Frederico Westphalen para a realização da pesquisa nas escolas da rede pública	125

1 INICIANDO: PRIMEIROS PASSOS

Ser criança é deleitar-se, é aproveitar as brincadeiras, criar canções, saborear um fruto retirado diretamente do pomar, passar sem pisar nas linhas sobre uma rua de paralelepípedos, saltitar sobre pedras, pensando estar atravessando um rio de lavas ou andar sobre muros, imaginando uma grande ponte velha que pode desabar a qualquer momento. Através de sua imaginação, a criança tudo pode, e quão gostoso é ter essa liberdade e poder viver a infância. Segundo Corsaro (2011, p. 15-16)

[...] a infância – esse período socialmente construído em que as crianças vivem suas vidas – é uma forma estrutural. Quando nos referimos à infância como uma forma estrutural queremos dizer que é uma categoria ou uma parte da sociedade, como classes sociais e grupos de idade. Nesse sentido, as crianças são membros ou operadores de suas infâncias. Para as próprias crianças, a infância é um período temporário. Por outro lado, para a sociedade, a infância é uma forma estrutural permanente ou categoria que nunca desaparece, embora seus membros mudem continuamente e sua natureza e concepção variem historicamente. É um pouco difícil reconhecer a infância como uma forma estrutural por- que tendemos a pensar nela exclusivamente como um período em que as crianças são preparadas para o ingresso na sociedade. Mas as crianças já são uma parte da sociedade desde seu nascimento, assim como a infância é parte integrante da sociedade.

Desta forma, não importa a raça, a cor ou o credo, “[...] as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas.” (CORSARO, 2011, p.15). Assim, atualmente, as crianças são consideradas sujeitos pensantes, que fazem parte de uma família e, conseqüentemente, da sociedade.

Porém, o conceito de infância nem sempre foi vislumbrado como este emaranhado de sentimentos e emoções e a criança não tinha tanto reconhecimento perante a sociedade tal como tem atualmente. Tendo isso como ponto de partida, pode-se dizer que tampouco a Educação Infantil era vista como essencial para o desenvolvimento integral do ser humano.

Em seus primórdios, e em alguns espaços escolares ainda hoje, a Educação Infantil é vista como sendo um espaço frequentado pelas crianças para que seus pais possam trabalhar, tornando-se, para muitos, um “armazém” de crianças. Essa situação ficou mais evidente quando do ingresso de mulheres no mercado de trabalho em maior número, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Este caráter assistencialista surgiu, ainda, com o propósito

de resolver problemas sociais ligados ao combate da pobreza e para garantir a sobrevivência das crianças.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 17), a

[...] tônica do trabalho institucional foi pautada por uma visão que estigmatizava a população de baixa renda. Nessa perspectiva, o atendimento era entendido como um favor oferecido para poucos, selecionados por critérios excludentes. A concepção educacional era marcada por características assistencialistas, sem considerar as questões de cidadania ligadas aos ideais de liberdade e igualdade.

Com o tempo, profissionais de diferentes áreas, dentre eles médicos sanitaristas, advogados ligados às causas sociais e aos direitos humanos, setores de igrejas voltados ao atendimento de pessoas carentes e educadoras preocupadas com a infância levantam questões e problematizam a situação das crianças, o que provocou um novo olhar sobre o ser criança.

Desta forma, esta visão foi mudando com a concepção de que, mais do que apenas cuidar, poderia haver um momento de estímulo à aprendizagem da criança, promovendo, também, o caráter educativo na Educação Infantil. Tomando como base esses dois pilares fundamentais na Educação Infantil que é o cuidar e o educar, permite-se compreender o desafio do vasto mundo das crianças, com suas especificidades, suas necessidades fisiológicas, psicológicas, intelectuais, afetivas e emocionais, surgindo legislações e políticas públicas nacionais que amparam esta etapa da Educação Básica e auxiliam os professores e equipe diretiva das escolas a abordar todas estas questões em seus projetos pedagógicos.

Assim, as educadoras infantis¹ passam a ter uma importância significativa na vida escolar das crianças, pelo fato de poderem despertar o conhecimento do mundo, do meio e dos seus pares sociais, os quais tem a oportunidade de conviver frequentando a escola.

Neste caso, ainda segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, Vol. II, p.32)

O desenvolvimento da capacidade de se relacionar depende, entre outras coisas, de oportunidades de interação com crianças da mesma idade ou de idades diferentes em situações diversas. Cabe ao professor promover atividades individuais ou em grupo, respeitando as diferenças e estimulando a troca entre as crianças.

¹ No decorrer do texto, será possível observar a existência e prevalência do termo “educadora infantil” definida no gênero feminino. Isto justifica-se pelo fato de todas as participantes desta pesquisa serem mulheres e pela predominância feminina na atuação profissional com crianças nesta etapa. Ainda, vale ressaltar que o termo “educadora” se refere à professora, recreacionista, monitora ou atendente que trabalha junto às crianças na escola de Educação Infantil (OLIVEIRA, et. al., 1996, p. 15).

Considerando o que foi aqui descrito, pode-se dizer que a educadora infantil influencia diretamente na vida escolar da criança. Este é um passo muito significativo por se tratar de um momento frágil de separação, que envolve as emoções tanto da criança que está ingressando na escola, quanto da família que acompanha seu crescimento. Para a instituição de ensino e para a educadora infantil que a receber não é diferente.

Nestes momentos, a educadora se depara com o desafio de acolher em sua sala de aula crianças que talvez, até o presente momento, nunca tenham frequentado lugares com mais crianças do que o número existente em sua própria família, e que, a partir de seu ingresso na escola, vai passar a conviver com pessoas que desconhecia, ou, até mesmo crianças que já frequentam uma escola e, por motivos de mudança de cidade, migram para uma instituição de ensino diferente, ou ainda, pelo fato de uma turma estar trocando de professora no início do ano letivo. Nestas circunstâncias, as perguntas que a educadora faz para si mesmo são: “O que fazer agora?”, “Quais são meus conhecimentos a respeito da adaptação² escolar?”, “O que falar aos pais?”, “O que posso disponibilizar para a criança para que se sinta segura e confortável neste novo ambiente de convivência?”, “Que suporte possuo da equipe diretiva da minha escola para receber novos alunos?”.

É inevitável o fato de que há essa preocupação por parte da educadora que, por inúmeros fatores, desconhece importantes ações pedagógicas e comportamentais que pode e deve ter frente a uma criança que está passando pela fase da adaptação escolar.

Neste sentido, busca-se através desta proposta vinculada à Linha de Pesquisa I - Formação de Professores e Práticas Pedagógicas, investigar como acontece o acolhimento das crianças de 3 a 5 anos de idade no momento de seu ingresso na escola de Educação Infantil no município de Frederico Westphalen, a fim de que se possa auxiliar de forma teórica e prática neste processo tão importante que envolve a escola, os professores, as famílias e, principalmente, as crianças.

Ainda, buscando atingir as especificidades da pesquisa, atribuiu-se alguns objetivos específicos, tais como: Verificar como se dá o processo de adaptação das crianças acolhidas

²É importante expor a fala de alguns estudiosos a respeito da Educação Infantil para melhor ilustrar o que se quer comunicar neste estudo quando se utiliza o termo “Adaptação escolar”, trazendo-o sempre como um processo que perpassa a entrada da criança na escola, a forma como é acolhida no ambiente escolar e o período que necessita para entender que estar na escola é prazeroso e não necessita de sofrimento para permanecer neste ambiente. Sartori (2016, p.26) destaca que a adaptação “refere-se a um momento de separação”, que contém variáveis e envolve os pais, as crianças e a escola no processo de acolhida da criança na escola. Novaes (1975, p.17) propõe que “O termo biológico de adaptação aplica-se às mudanças morfológicas e fisiológicas dos seres vivos nas suas relações com o meio.” E, ainda, complementa afirmando que “[...] adaptação está relacionada às modificações necessárias para responder às circunstâncias, sugerindo vinculação do indivíduo com o meio e, como tal, implica em processo dinâmico referente a tais condições”.

pelas escolas de Educação Infantil pesquisadas no município de Frederico Westphalen; Investigar se as professoras estão preparadas no que diz respeito ao processo de acolhimento e adaptação da criança à escola; Averiguar se existe um planejamento estratégico por parte da escola para receber estas crianças que estão em fase de adaptação e como é esta organização; Entender como os pais percebem a ação da escola e das professoras neste processo de acolhimento; Analisar como os pais contribuem com as professoras e a escola neste processo; Compreender que estratégias são utilizadas pelas professoras para atender o cuidar e o educar das crianças que estão neste processo.

Buscando atingir os objetivos propostos, é importante salientar que, esta pesquisa de cunho qualitativo, está pautada na Hermenêutica. Na pesquisa, esta concepção filosófica toma como forma a interpretação, compreensão dos textos além de suas palavras, fazendo reflexões aquém das aparências previamente escritas, interpretando textos escritos por autores em suas mais variadas obras e em diferentes épocas para tentar entender como a Educação Infantil é vista na atual conjuntura da sociedade, no intuito de promover um diálogo entre o que se julga ser o ideal vigente nas teorias e o que está dentro do patamar real analisado pela autora da pesquisa na prática das escolas. Para além desta perspectiva de análise, a Hermenêutica abre caminhos para a triangulação de dados, em que é possível compreender o que a escola, os pais e os professores percebem sobre a escola no momento da acolhida da criança, possibilitando um múltiplo olhar acerca de uma mesma temática.

Para analisar esta realidade, a pesquisa em questão se destaca por ser uma investigação inicialmente bibliográfica, envolvendo livros, periódicos online, legislações e demais fontes provenientes de estudos acerca da Educação Infantil. Posteriormente, realizou-se uma pesquisa de campo, envolvendo os métodos de questionário e entrevista semiestruturada.

Os sujeitos da pesquisa estão localizados no município de Frederico Westphalen, abrangendo um universo de pesquisa que compreende a maior escola de Educação Infantil privada e mais duas escolas de Educação Infantil públicas do município em questão. Os sujeitos da pesquisa são as coordenadoras pedagógicas das escolas³, as educadoras de Educação Infantil⁴ e a família⁵ dos alunos das escolas pesquisadas, promovendo desta forma a possibilidade de triangulação de dados já argumentada.

Além disso, para atribuir legitimidade à pesquisa, foi necessário realizar o Estado do Conhecimento a respeito do tema. A busca foi realizada no período de outubro de 2014 a

³ Contemplando-as na pesquisa através de entrevista semiestruturada.

⁴ Escolhidas aleatoriamente para responder ao questionário.

⁵ Famílias estas, cujos filhos estudam na turma da professora que irá responder o questionário. As famílias também serão submetidas à aplicação de questionário.

fevereiro de 2015, abrangendo teses e dissertações armazenadas na biblioteca virtual que pode ser acessada no link <<http://bdtd.ibict.br/>>, no período entre 2003 a 2013. Para delimitar a pesquisa, utilizou-se o sistema de *Procura Avançada*, em que se atribuía o nome do descritor ou palavra-chave no item *Assunto*, selecionava-se o *País* (Brasil), que *Grau* de trabalho queria encontrar (Dissertações ou Teses), qual *Idioma* (Português) e em que período de tempo nos *Anos de defesa* (2003 a 2013). Este procedimento foi realizado com todas as palavras-chave definidas pela mestranda e seu orientador.

Considerando a breve explanação da proposta de pesquisa, considerou-se necessário explorar os seguintes descritores: Educação Infantil; Adaptação Escolar; Afetividade; Educadora Infantil; Brincar; Brincar na Educação Infantil; Infância; Professor de Educação Infantil; Adaptação na Escola; Aprendizagem Infantil; Acolhimento.

Devido ao grande número de descritores selecionados para a pesquisa, optou-se por analisar mais detalhadamente, em termos quantitativos, apenas os trabalhos encontrados na pesquisa geral e que possuem algum vínculo com a proposta de pesquisa da mestranda.

A partir da pesquisa realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, de forma geral, puderam ser encontrados os resultados quantitativos ilustrados na tabela⁶.

Tabela 1: Número total de teses e dissertações pesquisadas por descritor relacionado ao tema de pesquisa.

Descritor	Teses	Dissertações	Total	%
Educação Infantil	4	29	33	55%
Adaptação Escolar	0	1	1	2%
Afetividade	0	2	2	3%
Educadora Infantil	0	1	1	2%
Brincar	0	1	1	2%
Brincar na Educação Infantil	1	3	4	7%
Infância	3	4	7	12%
Professor de Educação Infantil	2	8	10	17%
Adaptação na Escola	0	0	0	0%
Aprendizagem Infantil	1	0	1	2%
Acolhimento	0	0	0	0%
Total	11	49	60	100,00%

Fonte: Elaborada pela autora, 2015.

Na tabela 1 é possível observar que por ser um tema que abrange todos os descritores pesquisados, a palavra-chave *Educação Infantil* obteve o maior número total de teses e

⁶ Demais tabelas, quadros e imagens a respeito da pesquisa do Estado do Conhecimento podem ser encontrados, na íntegra, no artigo intitulado “Estado do Conhecimento acerca do acolhimento da criança quando ao seu ingresso na escola de Educação Infantil” publicado nos Anais do XII EDUCERE, acessando o link: <<http://educere.bruc.com.br/anais/p1/trabalhos.html?tipo=2&titulo=&edicao=5&autor=lippi&area=59>>

dissertações encontradas, totalizando 33 trabalhos com alguma referência ao tema de pesquisa.

Nas mesmas condições, com os descritores *Acolhimento* e *Adaptação na escola* não possuíam registros de nenhum trabalho com vínculo ao tema de pesquisa, sendo que os trabalhos encontrados com estas palavras-chave faziam referência ao *Acolhimento* da criança de rua, da criança com deficiência nas casas de abrigo ou até mesmo nas escolas de Educação Infantil, detalhando estas especificidades. Com o termo *Adaptação na escola*, foram encontrados trabalhos que se referiam às adaptações de filmes, livros, documentários, dentre outros, que, por não se tratar do tema de pesquisa, não foram selecionados para a análise.

Ao analisar os resultados obtidos através da pesquisa do Estado do Conhecimento, constata-se que houve um período razoável de tempo em que a Educação Infantil e as demais palavras-chaves pesquisadas estiveram em voga e que agora, há pouco tempo, deixou de estar presente com tanta frequência nas pesquisas de teses e dissertações. Isto é preocupante, uma vez que a Educação Infantil constitui a primeira etapa da Educação Básica, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96).

Com a relevância de se tornar a primeira etapa da formação do ser humano, cresce a responsabilidade por pesquisas que venham a acrescentar conhecimentos e experiências teóricas e práticas neste campo de pesquisa tão amplo e desafiador, afinal, o que acontece no entorno do ser humano, desde quando ele nasce, fica registrado em seu inconsciente. Isto indica que tudo aquilo que vê, ouve e sente desde muito cedo em sua primeira infância influencia no seu desenvolvimento e amadurecimento enquanto ser crítico e criativo. Assim, a educadora infantil tem um papel essencial no desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Essa responsabilidade exige dela muito conhecimento teórico e prático e com isso, muita pesquisa.

Ao sair das salas de aula da universidade e ingressar como docente na Educação Infantil, a educadora sente a necessidade de buscar mais conhecimentos e, principalmente, pesquisar soluções para as dificuldades que encontra em sua sala de aula. Entre tantas leituras e discussões com colegas a respeito das práticas educativas na Educação Infantil, pode-se dizer que ainda há muito que ser estudado sobre esta etapa fase esta que é, para a criança, um momento importante de construção do conhecimento, de aprender a conviver, de compartilhar, de saber ter autonomia para resolver conflitos simples do cotidiano e, principalmente, de sentir segurança no espaço que frequenta e nas pessoas com as quais convive.

Assim, para que estes aprendizados ocorram, é preciso que a criança ingresse em uma escola de Educação Infantil, e que a instituição possa recebê-la com muito carinho, afeto, dedicação, planejamento, pois é um momento importante em que ela precisa sentir-se segura com a educadora e quem mais estiver naquele ambiente para poder afastar-se, temporariamente, das pessoas que ama sem muito sofrimento. Neste processo, envolve-se fortemente a prática da educadora infantil, que pode tornar-se o grande responsável no que diz respeito ao acolhimento dessas crianças na escola.

Desta forma, a justificativa pela escolha do tema “O acolhimento da criança de 3 a 5 anos: o ingresso na escola de Educação Infantil” se deu para poder ampliar o referencial teórico que até então é escasso e, ainda, pela necessidade de haver pesquisadores que almejam incansavelmente encontrar respostas no que se refere ao acolhimento da criança na escola, à adaptação escolar e à área da Educação Infantil.

Segundo Rossetti-Ferreira et al. (2011, p.51) habitualmente,

[...] a criança convive com poucas pessoas em casa, com quem já estabeleceu um forte vínculo afetivo. Lá ela pode explorar os cômodos e objetos da casa, observando e participando das atividades dos familiares. Já na creche ou pré-escola, a criança passa a conviver com um grande número de adultos e crianças, em um ambiente novo, que geralmente lhe é estranho. Tudo é novo. Mudam as pessoas, os objetos, os espaços, a rotina.

Neste sentido, a pesquisa em questão pretende contribuir com a prática de educadoras infantis no que diz respeito ao período de adaptação da criança na escola de Educação Infantil, para que estes possam auxiliar os pais e as crianças para os deixarem seguros no novo ambiente que estarão frequentando. E, para que isso ocorra, é necessário que haja um planejamento eficaz de acolhimento da criança e sua família. Planejamento este que deve ser elaborado pela educadora e acompanhado de perto pela coordenação pedagógica e direção da escola.

Nesta perspectiva, a pesquisa ajudará as educadoras e também escolas de Educação Infantil a prepararem essa acolhida da maneira mais atrativa possível, com subsídios teóricos e práticos sobre as ações que podem ser realizadas pela educadora quando recebe a criança.

Ainda, esta pesquisa tende a conhecer a realidade atual da cidade de Frederico Westphalen no que tange o acolhimento das crianças nas escolas de Educação Infantil, procurando informar a comunidade educativa de como isto vem sendo planejado e executado, bem como algumas sugestões que podem ser aplicadas no intuito de melhorar a atual recepção das crianças na escola, uma vez que se pretende divulgar este estudo em seminários de

formação de professores, artigos publicados, palestras educacionais, dentre outros espaços relacionados à prática docente, bem como o disponibilizando o material elaborado às escolas participantes.

Por tudo isso e pela originalidade do projeto proposto, defende-se e justifica-se a importância da existência dessa e demais pesquisas que envolvem o conhecimento acerca da infância e do desenvolvimento integral das crianças, para que se possam ampliar estudos teóricos que abordam esta importante etapa na vida do ser humano e, ainda, contribuir com a comunidade escolar e educadoras que trabalham na Educação Infantil para que melhorem cada vez mais sua prática à luz de novas teorias.

Dando início ao estudo, procura-se conhecer o histórico da infância e da Educação Infantil no Brasil, quem é a criança que a educadora infantil trabalha e quais são as principais legislações e políticas públicas vigentes no país para dar suporte e aparato teórico à construção da prática destas educadoras, bem como à Educação Infantil como um todo. Num segundo momento, são abordadas reflexões teóricas e práticas a respeito do acolhimento da criança na escola de Educação Infantil, englobando o trabalho dos gestores das escolas e das educadoras infantis dentro de uma perspectiva de educação plena, que envolva o progresso e o desenvolvimento das crianças nesta faixa etária. Posteriormente a este capítulo, apresenta-se o caminho metodológico para que se chegasse aos resultados desta pesquisa. Em seguida, traz-se a análise dos dados das entrevistas e questionários, técnicas aplicadas com as gestoras de escolas de Educação Infantil do município de Frederico Westphalen, bem como com educadoras que atuam nestas escolas e pais de alunos que estudam nas respectivas instituições de ensino. Por fim, são apresentadas as principais conclusões oriundas da pesquisa, bem como reflexões a respeito de aperfeiçoamentos que podem ser planejados e estabelecidos na Educação Infantil de Frederico Westphalen.

2 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA HISTÓRIA DE CONQUISTAS E DESAFIOS

A infância é uma fase da vida do ser humano que é repleta de desafios, experiências, curiosidades, conhecimento a respeito do mundo, época de fazer contato com novas pessoas, socializar-se, brincar, divertir-se. Porém, nem sempre as crianças tiveram esses privilégios reconhecidos. Inseridos na ausência do reconhecimento da infância como uma fase essencial no desenvolvimento humano, a Educação Infantil também foi negligenciada. Graças a estudiosos e defensores da área é que a infância, o ensino e o cuidado aos infantes passaram a ser reconhecidos, inclusive adquirindo legislações próprias que amparam o bem-estar, o progresso e o desenvolvimento integral da criança.

Desta forma, faz-se necessário investigar e refletir brevemente a respeito da história da infância e da Educação Infantil, bem como conhecer algumas das legislações e documentos oficiais nacionais que resguardam o direito das crianças receberem uma educação digna e de qualidade em amplos aspectos.

2.1 Concepções da infância: do adulto em miniatura a um sujeito dotado de direitos

A infância nem sempre esteve presente nas pesquisas envolvendo a educação e a sociedade. O conceito de infância vem mudando cada vez mais durante o passar do tempo e da história. Ao ser considerada, em tempos passados, como um “adulto em miniatura”, não fazia parte da criança a identidade como um ser pensante e ativo e, assim, assumia um papel totalmente passivo perante os adultos. Somente a partir do século 18 a importância do desenvolvimento integral do ser humano, desde a mais tenra idade, é reconhecida, então, surge o conceito de infância que pode ser observado nos tempos atuais (ARIÈS, 1978).

Anterior a esta data, as crianças apareciam raramente pintadas em obras de arte. Estas obras que, segundo historiadores, são retratos da realidade do que ocorria nos tempos passados. Quando finalmente as crianças foram retratadas em uma pintura de Oto III no século 11, foram caracterizadas como adultos. Segundo Ariès (1978, p. 17):

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância neste mundo.

Uma miniatura otomana do século XI nos dá uma ideia impressionante da deformação que o artista impunha então aos corpos das crianças, num sentido que nos parece muito distante do nosso sentimento e de nossa visão. O tema é a cena do Evangelho em que Jesus pede que se deixe vir a ele as criancinhas, sendo o texto latino claro: *parvuli*. Ora, o miniaturista agrupou em torno de Jesus oito verdadeiros homens, sem nenhuma das características da infância: eles foram simplesmente reduzidos numa escala menor. Apenas seu tamanho se distingue dos adultos.

Assim, pode-se afirmar que a infância era desconhecida como uma fase importante na vida do homem. Porém, isto não significa que as crianças daquela época não eram bem cuidadas.

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento da infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia (ARIÈS, 1978, p. 99).

Esta forma de negligenciar a infância também ficou evidente na literatura que, apenas por volta do século 18, começou a incorporar em seu repertório palavras mais específicas e histórias que condiziam com o imaginário infantil. “Desta forma, conclui-se que é muito recente o conceito de infância, embora já tenham transcorrido alguns séculos” (AYRES, 2012, p. 162-163).

Ao abordar o conceito de infância, faz-se necessário também refletir a respeito do conceito de criança. Esses dois termos não podem ser considerados como sinônimos, embora estejam intimamente relacionados. Quanto ao conceito de infância, Qvortrup (2010, p. 634-635) revela que em

[...] linguagem coloquial e no discurso científico, a infância é comumente caracterizada como um período. O período que temos em mente é relativo ao indivíduo e pode ter várias durações; de qualquer forma deve ser o período de tempo que demarca o começo e o fim da infância individual de uma pessoa. [...] Em termos estruturais, a infância não tem um começo e um fim temporais, e não pode, portanto, ser compreendida de maneira periódica. É compreendida, mais apropriadamente, como uma categoria permanente de qualquer estrutura geracional.

De qualquer forma, pode-se dizer que a infância, fase em que a criança começa a inserir-se na sociedade, não tem um período pré-determinado para iniciar ou terminar, porém, desde quando nasce o indivíduo já se torna um ser social, pensante e ativo em uma sociedade em constante transformação. Assim, é possível caracterizar a *criança* como o sujeito socializador e a *infância* como uma fase em que este ser estará envolvido no fazer social. Então, neste caso, a infância não pode ser considerada apenas como uma preparação para a

vida em sociedade ou uma antecipação da fase adulta, pois ela já está no contexto do desenvolvimento social e cultural.

Em outras palavras, a infância tanto se transforma de maneira constante assim como é uma categoria estrutural permanente pela qual todas as crianças passam. A infância existe enquanto um espaço social para receber qualquer criança nascida e para incluí-la – para o que der e vier – por todo o período da sua infância. Quando essa criança crescer e se tornar um adulto, a sua infância terá chegado ao fim, mas enquanto categoria a infância não desaparece, ao contrário, continua a existir para receber novas gerações de crianças (QVORTRUP, 2010, p. 637).

No decorrer dos tempos, os conceitos de infância foram se transformando gradualmente. “Como cada nação tentou entende-la e integrá-la na sua cultura, a infância assumiu um aspecto singular conforme o cenário econômico, religioso e intelectual em que apareceu” (POSTMAN, 1999, p. 66). Em alguns países, as condições de infância melhoraram com o entendimento de que, como ser social, a criança deveria ser respeitada, também, como um ser individual.

[...] nas sociedades ocidentais, conforme as relações sociais foram se tornando cada vez mais próximas e as interdependências mais extensas e menos controláveis, o indivíduo surge como um ser único, específico e responsável por suas próprias ações. É reconhecido o indivíduo singular em um espaço social diverso, amplo e complexo, que tem expectativas em relação a ele mesmo e que deve adaptar-se à normativa social. Assim, três elementos são essenciais para compreender esse percurso acerca da infância e das crianças: Primeiramente, a individualidade surge como elemento essencial na contemporaneidade; em segundo lugar, a institucionalização familiar e escolar se tornaram os ancoradouros da infância e para as crianças; e, por fim, nos dias atuais a infância passou a ser reconhecida como uma geração que é parte da estrutura social, e as crianças, como atores sociais. De todo modo, essa forma como hoje entendemos as crianças e a infância e lidamos com elas faz parte de uma gradual e intrincada construção sócio-histórica (BRASIL, 2015, p.10).

Da mesma forma, não se pode falar em infância sem lembrar a história da pedagogia, que marca o início dos estudos sobre esta fase da vida do ser humano. Segundo Cambi (1999, p. 387) no

[...] curso do século XIX foram ora as ciências humanas ora as instituições educativas burguesas que puseram cada vez mais no centro da pedagogia a criança, assumida na sua especificidade psicológica e na sua função social. A infância foi vista como uma idade radicalmente diferente em relação à adulta, submetida a um processo evolutivo complexo e conflituoso, emotivo e cognitivo, portadora, porém, de valores próprios e exemplares: da fantasia à igualdade, à comunicação. Assim, a criança tornou-se o sujeito educativo por excelência, reclamando uma rearticulação das instituições educativas, reclamando o “jardim-de-infância” ao lado da escola, porque é justamente na idade pré-escolar que se desenvolve o germe da personalidade humana.

Desta forma, o processo de construção da concepção de infância avança e parte das fundamentações teóricas e práticas de estudiosos importantes, como: Comênio, Rousseau, Pestalozzi, Decroly, Montessori, dentre outros e gradativamente vem sendo mais discutida atualmente por estudiosos da área da pedagogia, psicologia, sociologia, etc., tentando entender as necessidades fundamentais desta faixa etária e pesquisando cada vez mais profundamente o complexo mundo infantil. Quanto à infância e sua complexidade, Pinheiro (2008, p. 15-16) afirma que

[...] atualmente, mesmo diante dessa vasta discussão que se desenvolve a partir do século XVIII, a temática ainda se apresenta como um tema complexo, que exige, ao longo do tempo, ressignificações através da colaboração de várias abordagens, como: o campo orgânico, psicológico, antropológico, social e educacional que atualmente definem a criança numa perspectiva integral.

Sob o ponto de vista antropológico, pode-se dizer que foi a partir do ano de 1980 que a infância começou a ser analisada e estudada. Segundo Friedman (2015, p. 38)

No âmbito da antropologia surgiu, na década de 1980, um interesse em olhar para os grupos infantis. Os pensadores e as pesquisas apontaram que as crianças têm linguagens e culturas próprias, são atores sociais e têm voz, necessidades e interesses diversos, que variam conforme o contexto no qual elas crescem e se desenvolvem. A grande diferença entre os grupos infantis e outros grupos é que as crianças estão em permanente desenvolvimento, motivo pelo qual sua observação, sua escuta e seu conhecimento tornam-se muito mais complexos e desafiadores [...].

Ainda, segundo alguns estudiosos, as concepções de infância passaram a mudar depois do livro de Jean-Jacques Rousseau “Emílio”, “[...] no qual o autor traça as bases do que concebe como um projeto pedagógico” (MUNIZ⁷, 1999, p. 245), mostrando a influência da escola na história da infância. Ainda, segundo a autora,

As ideias de Rousseau a respeito da educação de crianças e de seu lugar na sociedade vieram a influenciar a pedagogia, e seus reflexos são percebidos ainda hoje. Nesse livro, Rousseau inaugura uma noção de infância que vai marcar e caracterizar essa fase da vida do homem.

Naquela época, Rousseau (1995, p. 6) afirmava que “Eles procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que esta é antes de ser homem.”. Com esta afirmação, buscava explicar que a infância tem um significado importante na construção do ser humano,

⁷Apud KRAMER, S.; SANTOS, A. P. dos (Org.) **Infância e Educação Infantil**. 2.ed Campinas, SP: Papirus, 1999.

marcado por esta fase tão bonita e repleta de imaginações e brincadeiras de faz-de-conta, que refletem o mundo adulto e que auxiliam na formação de suas opiniões e ações mais tarde em sua vida.

Ainda sobre a importância de reconhecer a infância como uma fase essencial ao desenvolvimento humano, Rousseau (1995, p. 10) afirma que se

[...] o homem nascesse grande e forte, seu porte e sua força seriam inúteis até que ele tivesse aprendido a deles servir-se. Ser-lhe-iam prejudiciais, impedindo os outros de pensar em assisti-lo e, abandonado a si mesmo, ele morreria de miséria antes de ter conhecido suas necessidades. Deplora-se o estado da infância; não se vê que a raça humana teria perecido se o homem não começasse sendo criança.

Desta forma, a infância precisa ser marcada por toda espécie de experiências sensoriais, motoras, afetivas, que possam ser significativas para seu desenvolvimento, uma vez que, viver esta fase da vida, significa estar desfrutando da sua natureza humana, lembrando-se sempre de que a criança é um ser ativo, que compõe a sociedade desde seu nascimento.

Segundo Kramer (1995, p. 271-272) as

[...] crianças são sujeitos sociais e históricos marcados pelas condições da sociedade em que vivemos. A criança não é filhote do homem, ser em maturação biológica; ela não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança!). Contra essa percepção, que é infantilizadora do ser humano, tenho definido uma concepção que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação -, mas entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a compreender as crianças, mas também a ver o mundo do ponto de vista da criança. Pode nos ajudar a aprender com elas.

Corroborando com esta concepção, Ferreira (2004, p. 58) defende que

[...] as crianças não se “limitam” a produzir o mundo dos “grandes” à sua escala mas, “pelo avesso”, o reconstróem e ressignificam através de múltiplas e complexas interações com os pares, permite mostrá-las não só como *autoras* das suas próprias infâncias mas também como *actores sociais* com interesses e modos de pensar, agir e sentir específicos e comuns [...].

Tendo seu próprio modo de conceber o mundo que a cerca, as crianças se definem como seres sociais, que produzem sua própria cultura e que são capazes de mostrar aos adultos elementos que vão além do que conseguem ver. Além disso, cada criança nasce com uma bagagem genética e cultural que precisa ser respeitada. Friedman (2015, p. 39) afirma que

Compreender a complexidade do ser humano e saber que suas raízes e as bases de sua formação acontecem já desde o ventre materno e se prolongam de forma muito intensa e fundante nos primeiros anos de vida é fundamental para o desafio de educadoras, professores e instituições que acolhem crianças pequenas.

Assim, partindo deste princípio de que a criança é um ser pensante e atuante na sociedade, que possui seus próprios direitos e deveres, o conceito de infância volta-se para o ser criança como um todo, instituindo sua construção integral como ser humano na sociedade e também na escola de Educação Infantil que frequenta ou irá frequentar.

A Constituição Federal de 1988 traz um capítulo que reconhece todos os direitos básicos para todas as crianças, adotando, portanto o princípio da universalidade, bem como a sua condição especial de pessoa em desenvolvimento. Marco importante no Brasil para a mudança da concepção de infância (BONA, 2010, p.25).

Ainda, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, v.1, 1998, p.21) “As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”. Com isto, efetiva-se o fato de que hoje, na sociedade, a criança é respeitada e valorizada dentro de suas potencialidades, nas capacidades humanas de se comunicar, vivenciar experiências, aprender, interagir, criar, brincar, e ainda, ensinar os adultos o real sentido de viver em sociedade.

2.2 História da Educação Infantil no Brasil: do direito à obrigatoriedade

Em seus primórdios, a Educação Infantil passou por uma série de dificuldades, até mesmo pela falta de reconhecimento da infância como uma fase essencial do desenvolvimento humano como já apontado anteriormente. Segundo Kuhlmann Jr. (2000, p.7):

Criada na França em 1844, é na década de 1870 – com as descobertas no campo da microbiologia, que viabilizaram a amamentação artificial – que a creche encontra condições mais efetivas para se difundir interna e internacionalmente, chegando também ao Brasil.

Quanto ao nascimento das instituições de Educação Infantil no Brasil, Silva (2010, p. 28) destaca que as

[...] primeiras instituições brasileiras de atendimento às crianças de zero a seis anos surgiram ainda no Império, com o intuito de amparar as crianças abandonadas nas ruas das cidades, como os orfanatos, os asilos para pobres e a Santa Casa de Misericórdia, com sua roda dos expostos.

Ao se referir à roda dos expostos, faz-se importante salientar que ela foi criada no Rio de Janeiro em 1832, no período Imperial, com o intuito de acolher órfãos abandonados. A roda consistia em uma

[...] espécie de portinhola giratória com um dos lados voltado para a parte externa do prédio, onde o bebê era colocado, e equipada com uma campainha que a infeliz mulher tocava para alertar as irmãs de caridade, no interior da casa, de que havia uma nova criança ali abandonada, para que elas, girando a tal portinhola, fossem buscar os bebês (RIZZO, 2010, p.37).

Quando a autora faz referência à “infeliz mulher” que tocava à campainha, fala a respeito da mãe do bebê que, por pertencer à corte e por ser pressionada ao engravidar e dar à luz ainda sem estar devidamente casada, concebendo assim um filho indesejado, tenta esconder a vergonha que é ser mãe solteira perante a sociedade e coloca seu filho para doação na roda dos expostos. Desta forma, pode-se entender que nesta época, as crianças não tinham valor como ser humano, ou seja, eram insignificantes e poderiam ser facilmente substituídas, enquanto a mulher era subordinada aos homens, que, assim, se desvencilhavam facilmente da responsabilidade paterna. Isto posto, ao dissertar sobre a roda dos expostos, Rizzo (2010, p.37) expõe que “[...] Não se pode aceitar que isso fosse uma política de proteção à criança; tampouco de assistência à mulher-mãe”.

Com este entendimento, o enfrentamento do preconceito machista foi uma das grandes conquistas da mulher a partir do século 18, quando passou a trabalhar nas fábricas. Com o seu ingresso no mercado de trabalho, cresceu a necessidade de haver um local em que pudessem deixar as crianças enquanto exerciam sua profissão. Assim, em meados do século 19, ocorreu o nascimento da escola de Educação Infantil no Brasil, com característica principal sua ação assistencialista, ou seja, seu maior objetivo era manter as crianças em um espaço seguro, cuidando delas, enquanto seus pais trabalhavam. Segundo Kuhlmann Jr. (2000, p. 12) “O vínculo das creches aos órgãos de serviço social fazia reviver a polêmica entre educação e assistência, que percorre a história das instituições de Educação Infantil.”, uma vez que, naquela época, o cuidado com a infância era de responsabilidade da assistência social pública e, por isso, não se caracterizava como um espaço de aprendizagem.

Por haver este caráter assistencialista, em primeira instância, apenas as crianças que pertenciam às classes sociais mais abonadas tinham um formato de assistência diferenciado, em que se pensava já na questão do cuidar e também do educar, enquanto as crianças pobres recebiam apenas o cuidado das pessoas que trabalhavam com Educação Infantil na época.

No entanto, segundo Oliveira (1996, p. 16) opondo-se

[...] à ideologia criada naquele período histórico dentro de alguns setores da elite e que defendia a ideia de que não seria bom para a sociedade como um todo que se educasse as crianças pobres, alguns reformadores protestantes defendiam a educação com um direito universal. Todavia, aos mais pobres era proposta a educação da ocupação e da piedade. Um exemplo disso era as *knittingschools* (escolas de tricô) criadas por Oberlin na região da Alsácia francesa no final da segunda metade do século XVIII, onde mulheres tomavam conta de grupos de crianças pobres pequenas e lhes ensinavam a Bíblia e a tricotar. Iniciava-se assim a concepção de pré-escola baseada no binômio cuidado e educação. [...]

Então, ao ponderar que foi a partir deste perfil de estrutura que surgiu a educação aliada ao cuidado também aqui no Brasil, isto é, o ensino de trabalhos manuais aos mais pobres, considera-se decadente a instrução de crianças pobres no que tange as questões cognitivas, culturais e de cidadania, já recebidas pelas crianças mais favorecidas socialmente naquele período histórico. Considerando estes aspectos e acrescentando, Oliveira (1996, p.17) pontua que na

[...] verdade, historicamente, também entre nós a defesa de uma concepção mais assistencialista ou mais educativa para o atendimento realizado em creches e pré-escolas tem dependido da classe social das crianças por elas atendidas. Assim, enquanto os filhos das camadas médias e dominantes eram vistos como necessitando de um atendimento estimulador de seu desenvolvimento afetivo e cognitivo, às crianças mais pobres era proposto um cuidado mais voltado para a satisfação de necessidades de guarda, higiene e alimentação.

Contemplando esta realidade, pode-se afirmar que, somente depois que pessoas da alta sociedade procuraram pelos serviços oferecidos nas creches e pré-escolas para atenderem suas crianças, é que as políticas públicas começaram a existir e legitimar a Educação Infantil tal como está nos tempos atuais, ou seja, amparada pelas legislações nacionais e ganhando cada vez mais força através de estudos designados para esta área, bem como o entendimento de que o cuidar e o educar nas escolas de Educação Infantil são práticas indissociáveis.

Desta forma, ao contemplar o cuidar e o educar, pode-se dizer que:

O reconhecimento do caráter educativo das creches implica o rompimento de sua herança assistencialista, assim como a definição de propostas pedagógicas para as crianças pequenas que possam garantir a aprendizagem e o desenvolvimento infantil respeitando as particularidades dessa faixa etária. O importante na efetivação dessa identidade institucional é que a creche seja um espaço de educação de qualidade, permitindo vivências e experiências educativas, comprometidas com os direitos fundamentais da criança e garantindo a promoção da cidadania (ANDRADE, 2010, p. 146).

A partir disso, pode-se dizer que a Educação Infantil tomou novos rumos, deixando para traz sua concepção apenas de cuidado para agregar consigo o caráter educativo. Segundo Rizzo (2010, p.42), do “[...] nascimento da primeira creche às atuais houve uma sensível mudança de conceitos, em razão do qual se ampliaram seus objetivos e responsabilidades junto à criança”. Tomando como princípio o conceito de que a criança é um ser ativo, pensante e que precisa progredir no que tange as questões do desenvolvimento cognitivo, biológico, sociocultural, emocional, dentre outros aspectos, ainda na infância para obter um desenvolvimento pleno, integral durante toda a sua vida, cresce a necessidade de que as instituições infantis de cuidado e de educação possam prosperar em conhecimentos e qualidade educacional.

Nas últimas décadas, a área da Educação Infantil vem consolidando uma nova concepção sobre como educar e cuidar de crianças pequenas em instituições educacionais, assegurando a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Essa concepção busca romper com dois modos de atendimento fortemente marcados na história da Educação Infantil: o que desconsidera o potencial educativo das crianças dessa faixa etária, limitando-se a tarefas de controle e de guarda e, também, o que se orienta por práticas descontextualizadas, centradas em conteúdos fragmentados e na decisão exclusiva do/a professor/a. (BRASIL, 2016, p. 54)

Desta forma, a educadora infantil precisa estar ciente de suas tarefas e, principalmente, de sua responsabilidade na educação e cuidado de crianças pequenas, proporcionando, além de um planejamento pautado em projetos bem elaborados e com intencionalidade pedagógica, um ambiente escolar prazeroso e acolhedor.

Quanto ao ambiente propício para este desenvolvimento integral da criança, Nogaró e Nogaró (2012, p. 54) defendem:

Espera-se que o ambiente da Educação Infantil tenha condições para que a criança seja acolhida, sinta-se segura, expresse emoções, instigue a curiosidade, investigue, enfim, desenvolva sensibilidade, habilidades sociais, epistemológicas, conheça o entorno e aprimore descobertas sobre o seu corpo.

Assim, na atualidade, o desafio imbricado para a Educação Infantil é muito complexo e exige estudo e conhecimento por parte de quem trabalha com esta área. Neste caso, elaborar uma proposta pedagógica consistente e um currículo que contemple as especificidades infantis é o mínimo que se espera de uma instituição que tem como propósito oferecer qualidade no cuidar e no educar.

Segundo Andrade (2010, p. 118) a

[...] organização curricular das instituições de Educação Infantil precisa considerar a construção de uma proposta pedagógica que, ao favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem infantil, contemple a formação dos profissionais envolvidos nos cuidados e educação das crianças e promova a participação efetiva das famílias no projeto pedagógico das instituições.

Neste sentido, a Educação Infantil na contemporaneidade exige que a direção, coordenação pedagógica, professores e familiares das crianças trabalhem juntos na escola, em prol da qualidade educacional nesta etapa da Educação Básica.

No entanto, considerando que a educadora infantil é a principal mediadora entre a proposta pedagógica da escola e a sua aplicabilidade no cotidiano escolar com a criança, pode-se declarar que ela é a responsável por articular o cuidar e o educar em sua prática e, portanto, tornando-se a mediadora da construção do conhecimento ao mesmo tempo em que toma os cuidados necessários com as crianças.

Nestes termos, o binômio cuidar e educar faz parte da história e da atual conjuntura da Educação Infantil no Brasil. Segundo Fink e Fontana (2012, p. 14) a

[...] insistência em manter os termos cuidar e educar relaciona-se ao percurso histórico das creches e pré-escolas no Brasil. O cuidar é algo dinâmico, instantâneo, mas não significa dizer que o educar não esteja presente nesse momento. Porém, o educar é mais profundo, é mais abrangente, é um processo. Ao educar o professor despertará o sujeito a buscar entender certas indagações (Por quê? Como? Para quê?) possibilitando assim que este sujeito reflita e construa conhecimentos que vão além do ato de educar, o que não significa dizer que o cuidar não se faça presente.

Assim, a Educação Infantil se caracteriza, hoje, como um espaço em que, ao mesmo tempo em que deve permitir à criança a ludicidade, a brincadeira, o faz-de-conta, o aprender brincando, experimentando alimentos saudáveis e saber sua utilidade ao corpo humano, movimentando seu corpo e aprimorando a psicomotricidade, desenvolver-se com jogos de raciocínio lógico-matemáticos, dentre tantas outras experiências cognitivas essenciais nesta faixa etária, precisa também oportunizar o carinho, o afeto, o diálogo, a interação social entre colegas e também com adultos, caracterizando o cuidado que, ao se deparar com as mais diferentes realidades familiares existentes na atualidade, faz-se cada vez mais necessário.

Sabendo da importância dessa etapa da Educação Básica para o crescimento e o desenvolvimento do ser humano como um todo, também cabe aos poderes públicos tomar providências, para que a Educação Infantil, em hipótese alguma, fique desassistida e que, ao mesmo tempo, possam garantir que todos os cidadãos, independentemente de raça, cor,

religião ou classe social possam desfrutar dos cuidados e da educação oferecida pelas escolas infantis e pelos profissionais qualificados que lá atuam.

Neste sentido, tendo como principal foco deste estudo a Educação Infantil, é necessário que haja uma reflexão a respeito do respaldo legal e dos direitos garantidos pela sociedade durante a história brasileira para esta etapa da Educação Básica.

Segundo Paschoal e Machado (2009, p. 85) verifica-se

[...] que, até meados do final dos anos setenta, pouco se fez em termos de legislação que garantisse a oferta desse nível de ensino. Já na década de oitenta, diferentes setores da sociedade, como organizações não-governamentais, pesquisadores na área da infância, comunidade acadêmica, população civil e outros, uniram forças com o objetivo de sensibilizar a sociedade sobre o direito da criança a uma educação de qualidade desde o nascimento. Do ponto de vista histórico, foi preciso quase um século para que a criança tivesse garantido seu direito à educação na legislação, foi somente com a Carta Constitucional de 1988 que esse direito foi efetivamente reconhecido.

Complementando, Kramer (2006, p. 801-802) aponta que nos

[...] anos de 1980 e 1990, com gestões eleitas para municípios e estados, surgiram propostas diferenciadas, algumas voltadas à melhoria da qualidade de vida da população. Importante foi o papel desempenhado pelos movimentos sociais que conquistaram o reconhecimento, na Constituição de 1988, do direito à educação das crianças de 0 a 6 anos e do dever do Estado de oferecer creches e pré-escolas para tornar fato esse direito (assegurada a opção da família), reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996. Nos últimos anos, movimentos sociais, redes públicas municipais e estaduais e universidades têm buscado expandir com qualidade a Educação Infantil. Pela primeira vez na história da educação brasileira foi formulada uma política nacional de Educação Infantil.

Assim, essas legislações nacionais, que amparadas na Constituição Federal de 1988, pela Lei nº 9.394/96 (LDB) e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 reconheceram a infância e a necessidade de existir a Educação Infantil como obrigatoriedade, assegurada a todas as crianças de 0 a 6 anos e, posteriormente à Lei 11.274⁸, de 6 de fevereiro de 2006, crianças de 0 a 5 anos, em qualquer classe social, têm o direito de ser cuidada e educada nas instituições de Educação Infantil.

Para o direito à educação ainda na mais tenra idade do ser humano, fica definido na Lei 9.394/1996, em seu Art. 21º que “a educação escolar compõe-se de:

- I - Educação Básica, formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio;
- II - Educação Superior”.

⁸ Lei que assegurou a entrada das crianças no Ensino Fundamental a partir dos 6 anos de idade, definindo a expansão desta etapa da Educação Básica para 9 anos.

Para assegurar esta educação para todos, fica definido na LDB/1996, que o Estado e os municípios se encarregariam de gerir esta etapa e, ainda, no Art. 29º diz que “A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Com esta definição de primeira etapa da Educação Básica, crescem as responsabilidades dos órgãos públicos sobre a Educação Infantil e políticas públicas que a amparam nacionalmente. Isto se evidencia no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, que foi instituído em 1998, com o propósito de

[...] contribuir com as práticas e programas de Educação Infantil, socializando informações, discussões e pesquisas, subsidiando o trabalho educativo de técnicos, professores e demais profissionais da Educação Infantil e apoiando os sistemas de ensino estaduais e municipais (BRASIL, 1998, v. I, p.13).

Para cumprir seu objetivo principal, este documento é constituído por “[...] um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade.” (BRASIL, 1998, v. I, p.13). Desta forma, não é uma diretriz que exige que suas instruções sejam obrigatórias, mas sim um conjunto de sugestões, recomendações e orientações que norteiam a elaboração de propostas curriculares em todo território nacional.

Isto se tornou necessário diante das conclusões encontradas na publicação de um documento⁹, que resultou de um estudo do Ministério da Educação e do Desporto sobre as necessidades de haver uma referência nacional, uma vez que se constatou que várias propostas estavam sendo elaboradas em todo o país, sem que houvesse algo que norteasse essas ações, criando-se assim o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

Neste sentido, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil se constitui de orientações provenientes de estudos realizados sobre esta etapa da Educação Básica, em três volumes:

- Volume 1: introdução

Neste volume é apresentada a realidade brasileira das creches e pré-escolas, bem como as concepções de ser criança, sobre o cuidar e o educar, como deve ser o perfil do profissional que trabalha com a Educação Infantil, localiza o leitor sobre como é a organização do

⁹ BRASIL. **Proposta Pedagógica e currículo em Educação Infantil**: um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise. MEC/DPE/COEDI. Brasília: 1996.

referencial e expõe orientações para as instituições no espaço físico e também na elaboração do projeto educativo.

- Volume 2: formação pessoal e social

Nesta parte, o Referencial aborda as questões sociais e a construção da autonomia das crianças dentro das instituições de Educação Infantil, contemplando as suas aprendizagens nas diferentes faixas etárias, orientando sobre os conteúdos que podem ser trabalhados e as orientações gerais para que os professores possam ler e se inteirar de vários aspectos essenciais que precisam estar presentes no cotidiano da sala de aula.

- Volume 3: conhecimento de mundo

Nesta parte do documento, são explorados seis eixos temáticos que podem ser trabalhados com as crianças no intuito de que conheçam o mundo através das suas experiências. Os seis eixos contemplados são: **movimento**, em que se apresentam orientações sobre a expressividade e o equilíbrio e a coordenação motora; **música**, destacando a importância da presença da música na Educação Infantil, teorizando os conteúdos possíveis de serem trabalhados e orientando os professores para a aplicação destes conteúdos; **artes visuais**, apontando a importância da presença das artes visuais na vida da criança, bem como orientando os professores com práticas coerentes; **linguagem oral e escrita**, que vem ao encontro de como se dá o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na Educação Infantil, bem como as orientações de como o professor pode explorá-las; **natureza e sociedade**, evidenciando como se dá a relação entre a criança, a natureza e a sociedade e trazendo orientações teóricas e práticas aos professores; e, também, a **matemática**, que expõe como o professor pode introduzir este conteúdo programático já na mais tenra idade de maneira lúdica e criativa.

Tendo em suas mãos este documento, tão instrutivo, a educadora, a coordenação pedagógica e a equipe diretiva da escola podem esbaldar-se em conhecimento e transpor para a sua realidade municipal essas práticas elaboradas essencialmente para se obter uma Educação Infantil linear e de qualidade em todo o território brasileiro.

Porém, a proposta de se obter um currículo único para a Educação Infantil do país nem sempre foi bem aceita, uma vez que, repassava a ideia de ensino escolarizante, como o ensino fundamental e médio. Então, esta forma curricular de apresentar a Educação Infantil nas escolas, passou a ser conhecida como “proposta pedagógica” ou “projeto pedagógico”, que nada mais é do que apenas uma nomenclatura para a criação de um currículo para a Educação Infantil dentro das escolas. O objetivo de utilizar a nomenclatura diferenciada também era romper com o engessamento e formalização que o currículo carrega enquanto elemento

balizador da ação da escola. A ideia era permitir mais flexibilidade e espaço para atender as peculiaridades de cada escola e das crianças em contextos diversos para que a prática pedagógica pudesse atender com maior propriedade as singularidades próprias da infância.

Desde a Constituição Federal de 1988 a Educação Infantil vem sendo defendida como essencial na vida educacional de cada cidadão. Ainda, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, diz em seu texto que a Educação Infantil constitui a primeira etapa da Educação Básica, sendo definida então como uma etapa a ser pesquisada e, acima de tudo, ter seus direitos garantidos e sua organização muito bem pensada e elaborada.

Assim, a partir da Resolução CNE/CEB nº 1/99 e do Parecer CNE/CEB nº 22/98, definiram-se em um Conselho formado por representantes da sociedade, bem como lideranças e profissionais da educação, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI's), que posteriormente foi incrementada pelo Parecer CNE/CEB nº 20/09 e a Resolução CNE/CEB nº 05/09. Essas Diretrizes buscam apresentar, segundo Oliveira (2010, p.2)

[...] a estrutura legal e institucional da Educação Infantil – número mínimo de horas de funcionamento, sempre diurno, formação em magistério de todos os profissionais que cuidam e educam as crianças, oferta de vagas próximo à residência das crianças, acompanhamento do trabalho pelo órgão de supervisão do sistema, idade de corte para efetivação da matrícula, número mínimo de horas diárias do atendimento – e colocam alguns pontos para sua articulação com o Ensino Fundamental.

Desta maneira, a Educação Infantil passa a dispor de uma diretriz curricular, obrigatória, para que as escolas criem suas propostas pedagógicas partindo desta e também tomando como base o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, melhorando o atendimento das necessidades da infância e do desenvolvimento infantil nesta faixa etária. O fato de haver diretrizes comuns faz com que haja um atendimento em aspectos mínimos a todas as crianças ao mesmo tempo em que orienta, baliza suplantando assim o espontaneísmo e até mesmo o despreparo de algumas escolas e educadoras.

Desta forma, buscando sempre a melhoria nesta etapa da Educação Básica brasileira, além do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), foram implantados outros documentos oficiais, criados pelo Ministério da Educação e Secretaria da Educação Básica e, também, pela Rede Municipal Primeira Infância¹⁰, das quais podem ser citadas:

¹⁰É formada por um conjunto de organizações da sociedade civil, do governo, do setor privado, de outras redes e de organizações multilaterais que atuam na promoção e defesa dos direitos da primeira infância. Disponível em: <http://primeirainfancia.org.br/?page_id=28> .

- Subsídios para Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil (1998).
- Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil (2006).
- Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil – vol. 1 e 2 (2006).
- Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de 0 a 6 anos (2006).
- Indicadores de Qualidade na Educação Infantil (2009).
- Critérios para um Atendimento em Creches que respeite os Direitos Fundamentais das Crianças (2009).
- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010).
- Plano Nacional pela Primeira Infância (2010).
- Guia para a Elaboração de Planos Municipais pela Primeira Infância (2011).
- Plano Nacional de Educação – PNE (2014).
- Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica – BNCC (2016).

Há pouco tempo, sancionou-se no Congresso Federal a Lei 12.796, de 4 de abril de 2013, com o intuito de alterar a Lei 9.394/1996, modificando os artigos que garantem o ensino da Educação Infantil até os 5 anos de idade, para que se faça cumprir a Lei 11.274¹¹, de 6 de fevereiro de 2006 e, ainda, intervém que as crianças de 4 anos de idade sejam matriculadas na Educação Básica. Segundo o Art. 6º da Lei 12.796 “É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na Educação Básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade.”.

Ainda mais recentemente, houve a criação do Plano Nacional de Educação 2014-2024, que prevê algumas estratégias e mudanças para assegurar uma Educação Infantil com cada vez mais qualidade. Amparada pela Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, o PNE tem como objetivo “[...] articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e o desenvolvimento do ensino, em seus diversos níveis, etapas e modalidades, por meio de ações integradas das diferentes esferas federativas.” (BRASIL, 2014, p. 9). Dentre as metas do PNE referentes à Educação Infantil, pode-se citar como principal a

Meta 1: universalizar, até 2016, a Educação Infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de Educação Infantil em

¹¹ Lei que assegurou a entrada das crianças no Ensino Fundamental a partir dos 6 anos de idade, definindo a expansão desta etapa da Educação Básica para 9 anos.

creches de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE (BRASIL, 2014, p.49).

Assim, trazendo como premissa a Lei 12.796, de 4 de abril de 2013, já mencionada, esta meta busca atender, de forma ampla, todas as crianças em idade de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos que, segundo essa mesma Lei, têm de estar matriculadas nas escolas de Educação Infantil, como obrigatoriedade e acolher, ao menos, metade das crianças brasileiras em idade de 3(três) anos até 2024. Visando cumprir esta Lei, o PNE oferece algumas estratégias essenciais. Dentre elas, pode-se destacar a expansão das escolas de Educação Infantil através de uma parceria entre todos os órgãos responsáveis por este nível de ensino; realizar um planejamento estratégico, envolvendo pesquisas e levantamento de dados de números de crianças já atendidas e crianças ainda por ser acolhidas; ampliar, na medida do possível, o número de creches e pré-escolas oferecidas nos municípios, dentro de um padrão com estrutura de qualidade; avaliar o andamento e crescimento da Educação Infantil, com base nos parâmetros nacionais de qualidade, buscando observar o número de pessoal especializado em trabalhar com esta área, recursos pedagógicos, dentre outros aspectos; estabelecer parcerias com instituições privadas de ensino de forma gratuita, ampliando o número de matrículas; fornecer formação continuada para professores; promover acessibilidade de crianças indígenas e com deficiência, dentre outras estratégias coerentes com a oferta de uma Educação Infantil de qualidade e para todos, como direito de qualquer cidadão.

Ainda mais recentemente, já neste ano de 2016, criou-se a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica. Segundo a apresentação deste documento,

A Base Nacional Comum Curricular é uma exigência colocada para o sistema educacional brasileiro a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996; 2013), Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (Brasil, 2009) e Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014), e deve se constituir como um avanço na construção da qualidade da educação. (BRASIL, 2016, p. 25).

Além disso, este documento tem o objetivo de orientar as escolas, os sistemas de ensino em suas propostas curriculares em todas as modalidades de ensino inseridas na Educação Básica, no intuito de que se possa constituir o direito à aprendizagem e ao desenvolvimento do sujeito de forma integral.

Neste documento, a Educação Infantil é apresentada em três etapas: *Bebês* (0 a 18 meses), *Crianças bem pequenas* (19 meses a 3 anos e 11 meses) e *Crianças pequenas* (4 anos a 5 anos e 11 meses). Ainda, com base no que se referem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil para o pleno desenvolvimento da criança no que tange as concepções

de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se o documento aponta cinco campos de experiências essenciais para esta faixa etária: “O eu, o outro e o nós”; “Corpo, gestos e movimentos”; “Traços, sons, cores e imagens”; “Escuta, fala, linguagem e pensamento” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”. O objetivo da criação destes campos de experiências seria a continuidade do ensino destes no Ensino Fundamental e Médio, dando segmento à formação integral do sujeito.

Segundo a BNCC,

As crianças, desde bebês, têm o desejo de aprender. Para tal, necessitam de um ambiente acolhedor e de confiança. A representação simbólica, sob a forma de imagens mentais e de imitação, importantes aspectos da faixa etária das crianças da Educação Infantil, impulsionam, de forma criativa, as interrogações e as hipóteses que os meninos e as meninas podem ir construindo ao longo dessa etapa. Por isso, as crianças, nesse momento da vida, têm necessidade de ter contato com diversas linguagens; de se movimentar em espaços amplos (internos e externos), de participar de atividades expressivas, tais como música, teatro, dança, artes visuais, audiovisual; de explorar espaços e materiais que apoiem os diferentes tipos de brincadeira e investigações. A partir disso, os meninos e as meninas observam, levantam hipóteses, testam e registram suas primeiras “teorias”, constituindo oportunidades de apropriação e de participação em diversas linguagens simbólicas. O reconhecimento desse potencial é também o reconhecimento do direito de as crianças, desde o nascimento, terem acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de saberes e conhecimentos, como requisito para a formação humana, para a participação social e para a cidadania. (BRASIL, 2016, p.55).

Neste mesmo viés, Andrade (2010, p.22) afirma que historicamente,

[...] as concepções de infância, direitos das crianças e Educação Infantil foram modificando-se em decorrência das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais ocorridas na sociedade, ocasionando a implantação de determinadas políticas públicas para a infância vinculadas às diferentes esferas de atuação governamental, como a assistência social, a saúde e a educação.

Muitas são as legislações e políticas públicas que englobam a Educação Infantil na esfera nacional atualmente. Cabe aos cidadãos tomar conhecimento dos direitos que elas lhe garantem e exigí-los junto às esferas municipais de educação, bem como acompanhar o desenvolvimento de seus filhos pequenos em suas escolas infantis e certificar-se de que essas instituições estão cumprindo seu dever de proteger, cuidar e educar as crianças através de um projeto pedagógico consistente e professores com formação adequada para atuar.

3 DESENVOLVIMENTO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO DA CRIANÇA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao refletir sobre o que seria pesquisado neste estudo, querendo se referir intimamente à entrada da criança na escola e o seu acolhimento por parte da instituição, analisou-se ferrenhamente o termo adaptação escolar. Afinal, o que é adaptação? Qual é o real significado deste termo? Quem passa pelo período de adaptação: a criança, a família, a escola, todos estes indivíduos? Por estes e outros questionamentos pode-se justificar o porquê deste estudo envolver o acolhimento¹² da criança na escola e não apenas o período de adaptação, que é tão complexo e abrangente dentro da educação e do campo da psicologia escolar.

O termo “adaptação escolar” recebeu muitas críticas de estudiosos, afinal, se o vocábulo adaptação for analisado no sentido literal traduzido pela Língua Portuguesa, significaria “ajuste, acomodação, apropriação”. Por outro lado, se este termo for investigado sob o ponto de vista de educadoras e direção de escola, chega-se à conclusão de que não há melhor expressão de uso para este período em que a criança entra na escola, é acolhida pelas educadoras e estimulada (ou não) pelos pais a permanecerem neste ambiente.

Segundo Rossetti-Ferreira et al. (2011, p.55) muita

[...] gente não gosta do termo “adaptação”. No dicionário Aurélio, adaptação quer dizer “ajustamento, acomodação”, o que é diferente das mudanças que vemos acontecer na creche. Quem se ajusta ou se acomoda é aquele que se submete a uma situação, seja boa ou ruim. A submissão é tudo o que as pessoas que trabalham com educação querem evitar. O termo “adaptação” pode dar a ideia de conformismo, de submissão, de resignação. Por isso, muitos não gostam dele. Mas o termo pegou e ainda não se arranhou um melhor.

Para compreender melhor o que é o termo “adaptação” no contexto da escola de Educação Infantil, que se importa com o acolhimento e o bem-estar da criança e de sua família, Novaes (1975, p. 19-20) explica que

¹² O termo acolhimento, segundo o Dicionário Aurélio, significa “Ato de acolher, refúgio, amparo, hospitalidade”. O acolhimento, sob o ponto de vista de uma escola de Educação Infantil deve ter uma definição mais abrangente além destes significados, que envolve o sentimento, as emoções, a afetividade, o aconchego, o sorriso, o abraço, o “colinho” da educadora se for necessário. Acolher uma criança que está conhecendo sua escola e as pessoas que nela convivem necessita de muito tato e cuidado por parte da direção e educadoras, para que ela sintam-se realmente resguardada e segura dentro daquele ambiente. Segundo Andrade (2016, p.17) “[...]acolher a criança na Educação Infantil significa recebe-la e aceita-la, de modo que ela possa se sentir abrigada, refugiada, amparada, protegida e de fato acolhida.”. Desta forma, define-se que a criança e seus pais precisam, de fato, serem acolhidos no momento de entrada da criança na escola, para que se possa haver um período de adaptação escolar tranquilo para todos os envolvidos.

[...] há sempre um *sentido de reciprocidade* no processo de adaptação. O sentido etimológico da palavra latina “reciprocus” quer dizer o que vai e vem, alternativo. Derivados da mesma raiz, existem os termos recíproco e reciprocidade, o último definido como “duas coisas agindo sobre a outra”. É, portanto, um termo definidor que expressa elemento integrante na adaptação da *relação recíproca* entre o indivíduo e o grupo. Assim sendo, *os níveis de adaptação e modalidades adaptativas espelham ansiedades, conflitos, tensões e características do meio e das situações.* (Grifos da autora).

Sendo assim, embora o período de adaptação escolar aconteça quando a criança entra na escola, não significa que apenas ela vai sofrer modificações e interferências. Este momento abrange todo o meio do qual ela faz parte e todas as pessoas que estão diretamente ligadas a ela nesta ocasião, seja a direção da instituição escolar, as educadoras e, até mesmo, a família.

De acordo com Rossetti-Ferreira et al. (2011, p. 51) na “[...] creche ou na pré-escola, os principais períodos de adaptação da criança, da família e da educadora ocorrem quando a criança entra na creche, quando muda de turma e quando ela sai da instituição.” Nestes momentos, todos os que acompanham a criança precisam mudar os hábitos e pensar no bem estar dos principais envolvidos, que são os pequenos.

No período de adaptação escolar, a direção da escola coordena a recepção das crianças, gerencia seu grupo de educadoras e as auxilia na construção de alternativas para acolher as crianças na escola. As educadoras precisam planejar todo o momento de recepção das crianças, planificar suas ações, pesquisar estratégias para atrair a atenção dos pequenos e ter “jogo de cintura” para pensar em novos recursos caso os que foram planejados não tenham dado certo. Por sua vez, os familiares precisam ajustar-se a rotina, rever horários de trabalho para atender às necessidades da criança no início da sua vida escolar, sem contar as emoções e sentimentos que são envolvidos em um momento de separação como este.

Neste momento do acolhimento, a ação da família é muito importante, pois, segundo Nogaro e Nogaro (2012, p. 35) como

[...] os pais são as pessoas que mais conhecem a criança, ou deveriam conhecer, podem auxiliar a escola no contato e relacionamento com ela. Podem ambientá-las melhor e tranquilizá-las diante de suas angústias, ansiedades e insegurança, demonstrando que confiam na escola e na professora, por isso estão deixando-a aos seus cuidados.

Assim, esse acolhimento por parte da educadora infantil, deve ser muito bem planejado, a fim de que a escola possa se tornar uma extensão da família da criança. É importante ressaltar que, de forma alguma, a escola substitui a família, mas deve haver, sim, cumplicidade entre as duas entidades. Como ressalta Capelatto (2009, p. 61-62):

Hoje, a escola percebe que não pode viver sem a família e a família percebe que não pode viver sem a escola. Mas alguns problemas ocorrem. O primeiro problema é que a escola perdeu sua característica mais importante, que é ser um lugar de educação. A escola não é um lugar só de aprendizagem, a escola deveria ser também o lugar onde as crianças, os adolescentes ganham continuidade do lugar afetivo que é a família, onde têm a possibilidade de socializar-se com a ajuda e a supervisão de alguém, da pedagoga ou da psicóloga da escola.

Sabe-se que na realidade social encontrada hoje nacionalmente, principalmente nas escolas públicas, nem todas as crianças têm a mesma oportunidade de afeto, educação e carinho advindos da família. Mas, como poderá aprender a cuidar se não recebe cuidado nem mesmo na escola de Educação Infantil que é o local em que passa a maior parte do seu dia?

Por isso, durante o período de acolhimento na escola, é importante que a família tenha comunicação efetiva com a unidade de ensino e, principalmente, com a educadora. É preciso que observe e comunique a educadora infantil as principais necessidades da criança, como, por exemplo, relatar se ela possui algum objeto de transitório, ou seja, um objeto que é uma presença simbólica de sua casa na escola, alertar se a criança possui alergia a algum alimento, picada de inseto ou quaisquer outras observações importantes.

Sendo assim, além de conhecer bem a criança e sua família, segundo Santos (2012, p. 31) “[...] os professores têm que estarem muito bem preparados para receber esta criança, esse profissional terá que fazer atividades especiais e diferenciadas com essa criança para que ela se sinta segura e tranquila neste novo ambiente”.

Neste caso, o brincar torna-se um grande aliado da educadora no que diz respeito ao entrosamento do aluno recém-chegado com sua turma. Além disso, se for uma turma que está apenas migrando de um ano a outro (do Jardim para a Pré-escola, por exemplo), o brincar torna-se um meio de formar vínculos de afeto e confiança entre a educadora infantil e a criança, bem como propicia ao profissional docente uma grande oportunidade de realizar suas intervenções educativas quanto à interação.

Segundo Ayres (2012, p. 167), é

[...] na fase inicial da vida escolar que a criança tem que adquirir o prazer de ir à escola, que a escola se configure como um lugar de alegria onde a criança vá encontrar um ambiente todo moldado à sua natureza e ao seu desenvolvimento global. Essa base precisa estar muito bem pensada, planejada e estruturada pela Educação Infantil.

Por esse motivo é tão importante que o acolhimento da criança, que está em fase de adaptação, seja muito bem pensado pela escola e, principalmente, pela educadora que irá

recebê-la, fazendo com que a criança se sinta segura neste novo ambiente e seus familiares percebam que terão o melhor para o desenvolvimento da criança.

À escola, aqui representada pelo professor, cabe receber a criança. Portanto, deve-se criar condições para que o espaço escolar seja reconhecido pela criança. Para o professor, é um momento de ação voltada para o aluno com a intenção de conhecê-lo e permitir que ele o conheça, ou seja, que entre ambos se estabeleça um laço, uma relação de confiança. (SARTORI, 2016, p.14).

Desta forma, a educadora é a principal agente responsável pelo acolhimento da criança na escola. A ela, dentre tantos outros atributos, cabe o de bem receber. Ninguém vai gostar de adentrar e permanecer em um espaço em que não é bem atendido, que é recebido por pessoas mal-humoradas, que não querem estar naquele ambiente tanto quanto elas. Crianças gostam de carinho, de afeto, de sorrisos. Gostam de amor, de proteção e de limites. Enfim, gostam daqueles que gostam delas.

Desta forma, quando a educadora não está bem preparada emocionalmente e profissionalmente a criança não se sente bem acolhida, o momento de separação dos pais torna-se mais custoso e o processo de adaptação pode se prolongar mais do que o esperado. De acordo com Sartori (2016, p. 26) a “[...] adaptação é, portanto, um momento marcado por angústia. Angústia da mãe e do filho”.

O membro da família que mais tem ligação com a criança provavelmente é a mãe. É um longo caminho até que a criança compreenda que não é uma extensão da mãe e até que a mãe compreenda que o filho está crescendo e que esta separação não trará um afastamento sentimental do filho em relação a ela. “No que diz respeito à entrada da criança na escola, trata-se de um momento que pode ser traduzido como um momento de conflito, de tensão, uma vez que uma separação entre mãe-criança se coloca como fundamental.” (SARTORI, 2016, p.35).

Assim, todos os envolvidos neste processo de separação, merecem respeito e apoio dos profissionais qualificados dos quais as escolas de Educação Infantil estão cercadas. Torna-se necessário que se compreenda os sentimentos e tente amenizar os abalos emocionais causados às crianças e seus familiares quando os pequenos são deixados na escola.

Quando se refere ao sentimento da criança ao ser deixada na escola, pode-se dizer que são muito variáveis e é individual de cada uma, pois as reações são específicas dependendo de qual é a sua primeira percepção ao se deparar com um ambiente que não está acostumada a frequentar, bem como com adultos e outros colegas que desconhece. Segundo Balaban (1988, p.13-14) a

[...] separação dos pais ou daquela pessoa que é a sua principal fonte de atenção torna as crianças pequenas frequentemente muito infelizes. Elas muitas vezes se sentem abandonadas, deixadas de lado, desprezadas. Elas podem se sentir amedrontadas, como também muitas vezes, enraivecidas. As crianças, às vezes, gritam e choram. Atiram coisas. Batem nas outras crianças. Tentam bater no professor. Elas batem. Dão pontapés. Deitam no chão e têm crises de mau humor.

Ao mesmo tempo em que algumas crianças reagem desta forma, outras se mostram pacientes, compreensivas e até despedem-se dos pais com naturalidade, como se já conhecesse o ambiente e as pessoas que nele se encontram há muito tempo. Elas podem reagir assim por diversos fatores: primeiramente, ela pode ser uma criança que lida bem com a separação dos pais, já está acostumada a passar longos períodos de tempo sem os progenitores presentes no seu dia a dia e logo, não se abala tanto com sua ausência; segunda situação, elas ingressam na escola com tranquilidade, mas no decorrer do dia percebem que a escola não era o que esperavam, não atendeu às suas expectativas e, no dia seguinte, já não é mais tão segura ao chegar à sala de aula; terceira possibilidade é o fato de a criança conseguir esconder seus sentimentos de insegurança e, quando olhada de longe, não aponta nenhum problema eminente e, desta forma, é negligenciada pela educadora que, inocentemente, pensa que está tudo bem com ela, mas quando chega mais perto, percebe que ela não está envolvida totalmente com o que está acontecendo ao seu redor e está imersa em seus pensamentos enquanto o corpo fica inerte. É importante salientar que estas três possibilidades não são estanques e podem haver muitas outras situações que dependem de cada indivíduo e da sua complexa forma de expressar seus sentimentos positivos ou, até mesmo, suas angústias e seu desconforto. Nestas e em outras tantas situações, o olhar da educadora deve estar atento.

Ao ingressarem na sala de aula em seu primeiro dia na escola, as crianças precisam perceber o ambiente e as pessoas que se deslocam por ele. Elas realizam todo um trabalho de análise, para tentar encontrar na educadora aspectos que podem lhes parecer familiar e chegar mais próximo do que entende como um adulto ideal, um adulto em que possa confiar e se sentir segura.

As crianças precisam avaliar o ambiente humano assim como o ambiente físico quando entram numa nova sala de aula. O professor torna-se uma fonte de curiosidade e profundo interesse. Elas pensam: Será que o professor fala minha língua? O professor é da minha cor? Algumas maneiras de agir ou atitudes do professor me são familiares? As reações do professor ao meu comportamento são iguais às reações dos meus pais? Fatores como esses contribuem para a sensação de estranheza ou desconforto, porque as crianças pequenas tendem a delinear todo o mundo adulto pelo comportamento de seus próprios pais. (BALABAN, 1988, p. 15).

Desta forma, se as crianças chegam à escola com ideias pré-concebidas de como é o adulto ideal para ela, fica cada vez mais difícil para a educadora alcançar as expectativas dos

pequenos, uma vez que cada profissional tem seu jeito próprio de ser e demonstrar suas atitudes: alguns falam alto, outros são contidos no tom de voz, alguns são agitados, outros são calmos, alguns chegam com cuidado, com calma, outros chegam abraçando, alguns sorriem, outros são mais fechados, enfim, cabe ao adulto, detentor do conhecimento, observar o comportamento da criança e designar qual a melhor forma de interagir com ela naquele determinado momento, pois as “[...] crianças precisam de tempo para colocar esse novo tipo de adulto dentro de seu esquema intelectual de trabalho. Precisam de tempo para diferenciarem o que acontece em casa daquilo que acontece na escola.” (BALABAN, 1988, p. 15-16).

Ainda, os pequenos necessitam de tempo para poder confiar neste novo adulto que passa a conviver com eles a partir daquele dia. Causa-lhe estranheza perceber que a educadora tem condutas diferentes de seus pais nas suas mais variadas atitudes suas no dia a dia: a educadora incentiva para que guarde os brinquedos, os pais impõem isso como uma ordem; a educadora conduz atividades sequenciais, uma após outra, mantendo uma rotina diária, ao avesso de seus pais que deixam fazer o que tem vontade; na escola, a educadora mostra que há momentos para tudo, quando em casa os pais perguntam o que a criança quer fazer. Tudo isso, para os adultos, parece ser algo comum do cotidiano, mas para as crianças isso está além de seu entendimento racional. E esse sentimento de encontrar no adulta educadora aquilo que vê no adulto pai/mãe permanece até alcançar uma sensação de segurança, de afeto com a profissional docente e a escola, percebendo que são atitudes comuns no seu dia a dia de aluno e que pode confiar no adulto que está o acompanhando na sala de aula.

Conforme Balaban (1988, p.16-17), até

[...] que a criança comece a sentir essa sensação de confiança, no entanto, o professor e a sala de aula permanecem estranhos. Dia após dia a familiarização substitui o desconhecido. Esse processo gradual começa com o relacionamento do professor com as crianças. Quando as crianças veem o professor com mais confiança, elas frequentemente começam a expandir os seus relacionamentos até o ambiente físico e até as outras crianças de maneira mais aberta. Estabelecer um bem-estar com o professor como base, torna as crianças capazes de se sentirem bem com toda a sala de aula.

Com isso, pode-se perceber fortemente a responsabilidade que tem a educadora infantil ao acolher suas crianças na escola e, ainda, além da preocupação com a entrada da criança na escola e sua insegurança em ficar, surge alguém mais a quem a educadora infantil precisa dar atenção: os pais. Eles normalmente chegam aflitos, curiosos, apreensivos, pois nem de longe conseguem conceber qual será a reação do filho quando encontrar uma sala de

aula repleta de estranhos. No caminho para a escola, já se iniciam as indagações: “Se ele chorar, o que farei?” ou “Se não chorar, não sentir a minha falta, então é porque não me ama?” Outros já vêm mais confiantes: “Li a respeito e sei como proceder!”, mas ao tempo em que se depara com a reação de choro do filho, mesmo depois de ter se informado sobre a chegada da criança na escola, após ter ouvido longas orientações da educadora sobre o assunto, ainda que adotando todas as atitudes orientadas, a preocupação ganha corpo e cai por terra toda a sua segurança em deixar o filho na escola sob os cuidados de desconhecidos.

Às vezes, os professores dizem que não é a criança que está tendo problemas com a separação, mas sim os pais. É claro que os sentimentos da criança estão intimamente ligados com os do pai ou da mãe. Os pais podem ter vários tipos de emoção quando trazem seus filhos para a escola pela primeira vez. Não é possível compreender os sentimentos da criança sem avaliar simultaneamente os sentimentos dos pais. O ingresso na escola é um acontecimento significativo para ambos. (BALABAN, 1988, p.17).

Neste caso, segundo Sartori (2016, p.31) “[...] os pais possuem uma dupla função: a de introdução e a de sustentação”, ou seja, a entrada da criança na escola deve partir de uma escolha madura, pensada por parte da família, pois uma vez que a criança é levada à escola e por motivo de ceder ao choro é trazida de volta para casa, ela aprende que chorar é a forma mais fácil de conseguir o que quer e convence os pais de que a escola não é um ambiente no qual ela queira estar, transformando a segurança que tinham em dúvidas a respeito da instituição, da educadora e do real motivo para a inserção dela naquele momento ao convívio escolar.

Um desses tipos de preocupação pode ser a ambivalência dos pais. Por um lado, eles querem que seus filhos vão à escola ou a uma creche. Ficar longe das crianças lhes proporciona mais tempo – para si mesmos ou para desenvolverem o seu trabalho. Às vezes, os pais, regularmente, querem “se ver livre” dos filhos. Eles gostariam, no íntimo, de ter a vida que tinham antes de ser pais. Por outro lado, amam seus filhos e gostariam de tê-los por perto para protegê-los e para ter certeza de que tudo anda bem com eles. Esses sentimentos ambivalentes são, muitas vezes, incômodos para os pais. Quando começa a escola, eles podem se preocupar exageradamente com seus filhos, como uma maneira de encobrir, para si mesmos, sua sensação de prazer com a liberdade redescoberta. (BALABAN, 1988, p.18).

Assim, ao envolver a família e seus diversos sentimentos neste processo de chegada e de acolhimento da criança na escola e a sua permanência na mesma, deve-se levar em consideração quatro fatores fundamentais: Primeiro: os pais estão decididos, querem levar a criança para a escola e tem o desejo que ela permaneça naquele espaço, porém a criança é quem não está pronta e não quer ficar; Segundo: os pais estão um tanto indecisos, pensam que

a criança não irá se adaptar ao novo ambiente, supõem que ela ainda é imatura e não está pronta, mas a criança prova o contrário, mostra interesse pela escola e quer ficar; Terceiro: os pais querem e precisam que a criança vá para a escola, demonstram a ela este desejo, falam apenas aspectos bons daquele ambiente e a criança se adapta com facilidade; e Quarto: os pais até pensam ser o momento certo de a criança ir para a escola, mas a sua insegurança de perdê-la como seu “bebê”, o medo inconsciente de que a criança cresça os faz não querer que ela vá para a escola e, de fato, a criança não se adapta. Todos esses fatores giram em torno do sentimento dos pais, das crianças e da atitude da escola em mostrar segurança para acolhê-los da melhor forma, fazendo deste o momento menos doloroso possível. Desta forma, “[...] torna-se relevante tratar essa ‘entrada’ como um processo que contém variáveis, que envolvem tanto os pais, as crianças, quanto a escola.” (SARTORI, 2016, p. 36).

Quando se faz referência à escola, não se fala apenas do desempenho da educadora infantil neste processo, mas também toda a equipe diretiva. Sartori (2016, p.101) enfatiza que no

[...] que concerne à escola, é possível haver uma estruturação do trabalho de modo que se deixe que seus profissionais possam ser sensíveis às situações sem, no entanto, perderem as diretrizes do trabalho que precisam fazer, ou, ainda, de exercerem a função de um suporte. A orientação aos pais envolve esse suporte, do trabalho, da continuidade e o desenrolar do processo de adaptação da criança.

Assim, um acompanhamento bem feito por parte dos gestores, sejam diretores ou coordenadores pedagógicos, assegura uma melhor desenvoltura e passa segurança aos profissionais que estarão trabalhando diretamente com as crianças: educadoras e auxiliares.

Quando se fala a respeito das educadoras que trabalham com a Educação Infantil, precisa-se considerar o seu perfil atuante na área da educação, sua metodologia de ensino, sua formação para atuar, enfim, é preciso ponderar que este profissional estará com uma grande responsabilidade em mãos, pois se trata da educação e o cuidado da criança pequena. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, o

[...] trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta

com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação. (BRASIL, 1998, p. 41).

Este perfil polivalente requerido da educadora infantil precisa ser levado a sério, afinal, é ela quem acolhe as crianças na escola, planeja suas ações, reflete, reformula, observa, anota, avalia cada pequeno individualmente e opta pela melhor forma de cuidar e educar cada um dentro de suas peculiaridades infantis. Além disso, quando se trata da chegada da criança na escola, a educadora precisa estar preparada para oferecer atenção individualizada também aos pais das crianças, orientando-os e tranquilizando-os para que, com o tempo, eles possam confiar em seu trabalho e incentivar o filho a ter segurança nas suas ações enquanto profissional docente, principalmente no que tange ao período de adaptação escolar. Para Sartori (2016, p.102-103)

[...] o período da adaptação escolar provoca nos professores um questionamento real, no qual a sua decisão de sustentar sua função é colocada em prova. Isso é importante porque a criança, por sua vez, vai se ligar ao professor na medida em que sentir nele um segurança e, principalmente, na medida em que ele se portar de forma mais autêntica.

Assim, pode-se afirmar que a postura profissional da educadora ao acolher a criança na escola e passar segurança para ela é de suma importância. Neste caso, a sua experiência com crianças pequenas ajuda muito, uma vez que ela já sabe como lidar com situações de choro, de conversas com os pais, de entretenimento da criança para que se acostume com o ambiente escolar, dentre outros aspectos que acabam sendo novidade para quem está iniciando sua carreira na Educação Infantil.

Porém, como as educadoras vão se transformando conforme vivenciam suas práticas em sala de aula, não se pode descartar o bom trabalho de um profissional que está recém embarcando nesta jornada com a educação de crianças pequenas, pelo contrário. Aos colegas que trabalham há mais tempo nesta área, aos coordenadores pedagógicos e a direção cabe o papel de incentivar seu trabalho, mostrando que algumas situações que ocorrem com as crianças quando entram na Educação Infantil e que sentimentos de ansiedade, de insegurança e de angústia são naturais quando se trabalha com os pequenos, afinal, este “mal-estar” que ocorre com todos os envolvidos no processo é algo corriqueiro no acolhimento da criança na escola. Sartori (2016, p. 99) enfatiza que “[...] é possível manter a posição de que esse mal-estar é inevitável, ou ainda, é parte do processo. Mesmo os sentimentos que são favoráveis ao processo apontam para o elemento de mal-estar, na medida em que são evidenciadas preocupações, responsabilidade”.

Desta forma, cabe destacar que existem preocupações e responsabilidades diversas dentre os envolvidos e que devem ser considerados como fatores importantes no processo de adaptação escolar. Assim, é possível refletir que as educadoras sentem-se pressionados em fazer um bom trabalho para “segurar” a criança na escola. Pais e familiares sentem-se inseguros com a possível “perda” da criança para a escola e se preocupam se ela ficará bem na presença de pessoas que não conhece. De igual maneira, coordenadores pedagógicos e direção preocupam-se com a relação educadora/criança e educadora/família e fazem o possível para intermediar todas essas ações. No final, todos querem o mesmo objetivo: ver a criança bem!

3.1 Estratégias fundamentais no acolhimento da criança na escola: algumas questões teóricas e práticas

O acolhimento da criança na escola é um período desafiador e que precisa ser pensado, estruturado e muito bem planejado pela equipe diretiva e pelos profissionais da escola. Para que haja sucesso nas atividades, a direção da instituição de Educação Infantil precisa orientar e auxiliar as educadoras na elaboração de uma recepção bem feita, para que crianças e familiares sintam-se acolhidos no ambiente escolar.

Sabendo disso, é importante que a direção da escola e a educadora possam ter alguns subsídios teóricos e práticos para embasar sua ação no acolhimento da criança na escola e no período designado como adaptação escolar. É importante salientar que não existe um período estipulado, previamente definido, para que haja adaptação da criança à escola, da escola à criança, dos pais à escola, dentre outras relações. É na vivência do cotidiano, na observação dos fatos, no planejamento, na reflexão diária a respeito da prática, na reformulação de atividades para atingir o resultado esperado, nos sentimentos, nas ações, na troca de olhares, no vínculo que se estabelece entre educadora e criança que se chega à conclusão de que houve a adaptação ou se ela ainda está em processo.

No entender de Nogaró e Nogaró (2012, p. 48) um bom

[...] “indicador” para perceber o sentimento da criança em relação à escola é quando ela sente prazer de lá voltar, faz “opção” mais pela professora do que pela mãe e, em casa, comenta, ilustra, manifesta, expressa positivamente situações vividas naquele ambiente; tudo isto demonstra que se sente segura, acolhida e amada, condições essenciais para seu desenvolvimento sadio.

Além deste sentimento das crianças, é importante lembrar que os pais exercem um papel importante nesta fase de sua vida. Eles precisam estar dispostos a levar a criança na

escola e deixá-la sob a proteção e educação de um profissional, mostrando aos seus filhos que gostam da escola, da educadora e que se sentem confiantes em relação ao crescimento que terá a partir do seu ingresso na instituição de ensino.

Grande parte desta confiança, a propósito, é construída através do contato direto que os pais têm com a educadora de seus filhos, com a orientação que recebe destes profissionais e quando percebem que a educadora está bem informada a respeito do período de adaptação escolar e está preparada psicologicamente e com atividades lúdicas atraentes para superar os desafios encontrados.

Assim, traz-se aqui brevemente, alguns subsídios práticos que podem auxiliar educadoras a fazer da acolhida da criança na escola uma ação bem sucedida. Cabe ressaltar que não há receita pronta para o planejamento na Educação Infantil e em nenhum outro nível de ensino, mas podem-se oferecer sugestões para melhorar o ensino nas escolas que acolhem e educam pequenos e auxiliar na preparação das aulas no que se refere a brincadeiras que podem ser utilizadas para que a criança conheça e conviva melhor com seus pares, estratégias de observação dos primeiros dias da criança na escola e sua evolução para posteriores avaliações de desenvolvimento e aprendizagem, bem como estratégias que a educadora pode utilizar como “carta na manga” para integrar seu novo aluno ao grupo.

Portanto, cada leitor que tiver contato com este texto, poderá utilizá-lo da forma que preferir: seguindo a risca o que indica a sugestão, transformando a atividade em algo mais próximo à sua realidade, adequando a recreação às necessidades e interesses da faixa etária em que trabalha, enfim, quem lê pode tomar este texto como seu e (por que não?) incrementá-lo conforme julgar necessário.

3.1.1 A infância e o brincar: aprendendo a conviver através da ludicidade

Quando se fala em ludicidade é impossível não remeter-se a brincadeiras, jogos, brinquedos, cores, formas, histórias, ilustrações, cantigas, músicas, ou seja, conhecimento com sabor de entretenimento.

Entendendo sua importância, o lúdico se encontra nas principais ações do trabalho pedagógico realizado na Educação Infantil, fazendo da brincadeira uma ferramenta riquíssima para a educadora desta faixa etária quando a questão é a socialização e a convivência com os demais colegas de classe.

Segundo Thiessen (1991, p. 15), o

[...] comportamento social do pré-escolar concentra-se em suas brincadeiras. É brincando que a criança vai, pouco a pouco, tomando contato com a realidade; na brincadeira ela oscila entre o real e o simbólico e tenta descobrir sua própria identidade e a dos outros. A brincadeira capacita a expressão de sentimentos perturbadores, ajudando a criança a aprender a lidar com eles.

Desta forma, o brincar torna-se um grande parceiro da educadora e o ajuda a fazer com que haja a interação educadora/criança e criança/colegas, ao mesmo tempo em que os pequenos desenvolvem suas capacidades cognitivas através de um entretenimento espontâneo e prazeroso. Portanto, a educadora infantil pode e deve planejar momentos de brincadeiras orientadas, alcançando mais facilmente os objetivos que têm em analogia ao relacionamento das crianças que estão sendo acolhidas pela escola, que são várias e podem ser classificadas, segundo Friedmann (2012) como brincadeiras e jogos tradicionais, que envolvem dinâmicas com fórmulas de escolha; brincadeiras ou jogos de perseguir, procurar e pegar; brincadeiras ou jogos de correr e pular; brincadeiras ou jogos de atirar; brincadeiras ou jogos de agilidade, destreza e força; brincadeiras de roda; brincadeiras ou jogos de cócegas; brincadeiras ou jogos de adivinhar e pegar; prendas; brincadeiras ou jogos de representação; brincadeiras ou jogos de faz de conta; brincadeiras ou jogos com brinquedos construídos; brincadeiras ou jogos de salão, dentre outras tantas brincadeiras e jogos que podem ser usadas em prol da constituição da coletividade e da sociabilidade das crianças.

Todas estas brincadeiras relacionadas, quando organizadas para serem aplicadas ao grande grupo, reforçam na criança a pertença à sua turma de colegas e a deixa mais segura quanto a permanecer na escola e poder se divertir com novos amigos. Segundo Novaes (1975, p. 82-83),

[...] reforçar as reações positivas dos alunos dando condições para que se conheçam e possam interagir com os colegas, em atividades grupais que propiciem clima institucional favorável à interação social, expansão e segurança pessoais, são metas importantes a atingir para estimular entrosamento, a abertura e reforço de relacionamento; quanto mais o aluno sentir que pertence ao grupo escolar, tanto mais condições poderá ter para adaptar-se.

Neste sentido, criou-se neste trabalho um pequeno aporte prático, em que serão apresentadas algumas brincadeiras e jogos orientados, que foram garimpados e selecionados de livros, materiais on-line ou até mesmo do acervo prático da autora deste trabalho, apontando o título da brincadeira, explicações de como brincar, possíveis variações e algumas inferências a objetivos que podem ser alcançados além do principal, que é a socialização da turma no período de adaptação escolar. Vale ressaltar que, quando o a brincadeira for extraída de algum livro ou site on-line haverá uma nota de rodapé informando a devida referência.

➤ **BRINCADEIRA 1: Alerta**¹³

Como brincar: Uma das crianças, de posse da bola, deve correr e arremessá-la para o alto, gritando “alerta” e anunciando o nome de um companheiro, que deve pegar a bola. Os outros que estavam correndo devem se deter. Então a criança cujo nome foi anunciado dá três passos e, parada, tenta acertar com a bola quem estiver mais próximo. Se acertar, aquele que foi queimado começa a brincadeira. Se errar, repete a ação.

Objetivos: Desenvolver o controle emocional, noção espacial e temporal, atenção, coordenação motora, além de reconhecimento de grupo, pois, geralmente, as crianças começam a chamar somente os amigos mais próximos e, durante o desenrolar da brincadeira, passam a reconhecer os demais colegas.

Variação: Podem ser preparadas, antecipadamente, cartelas com o nome das crianças participantes da brincadeira. Aquela que for arremessar a bola deve retirar uma cartela e lê-la, designando o nome de quem deverá apanhar a bola. Dessa maneira, trabalha-se o reconhecimento e a leitura do nome dos integrantes do grupo.

➤ **BRINCADEIRA 2: Brincando de roda**

Como brincar: Forma-se, com todos os integrantes da turma, um grande círculo com todos em pé e de mãos dadas. Nesta mesma posição, várias músicas populares podem ser trazidas para a brincadeira, como, por exemplo:

CIRANDA, CIRANDINHA

Ciranda, cirandinha

Vamos todos cirandar!

Vamos dar a meia volta

Volta e meia vamos dar

O anel que tu me destes

Era vidro e se quebrou

O amor que tu me tinhas

Era pouco e se acabou

Por isso, dona (dizer o nome da criança)

Entre dentro desta roda

¹³FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na Educação Infantil:** observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012.

*Diga um verso bem bonito
Diga adeus e vá se embora*

A LINDA ROSA JUVENIL

A linda rosa juvenil

Juvenil, juvenil

A linda rosa juvenil

Juvenil

Vivia alegre em seu lar

Em seu lar, em seu lar

Vivia alegre em seu lar

Em seu lar

Um dia veio uma bruxa má

Muito má, muito má

Um dia veio uma bruxa má

Muito má

Que adormeceu a Rosa assim

Bem assim, bem assim

Que adormeceu a Rosa assim

Bem assim

E o tempo passou a correr

A correr, a correr

E o tempo passou a correr

A correr

E o mato cresceu ao redor

Ao redor, ao redor

E o mato cresceu ao redor

Ao redor

E um dia veio um belo rei

Belo rei, belo rei

E um dia veio um belo rei

Belo rei

Que despertou a Rosa assim

Bem assim, bem assim

Que despertou a Rosa assim

Bem assim

Batemos palmas para o rei

Para o rei, para o rei

Batemos palmas para o rei

Para o rei

A CANOA VIROU

A canoa virou

Pois deixaram ela virar

Foi por causa de (nome da criança)

Que não soube remar

Se eu fosse um peixinho

E soubesse nadar

Eu tirava (nome da criança)

Do fundo do mar

O CRAVO E A ROSA

O Cravo brigou com a rosa

Debaixo de uma sacada.

O Cravo ficou ferido

E a Rosa despedaçada.

O Cravo ficou doente

A Rosa foi visitar.

O Cravo teve um desmaio,

A Rosa pôs-se a chorar.

Objetivos: Aprimorar a coordenação motora, enriquecer do vocabulário e a percepção da rima, construir a sonoridade, cadência e o ritmo ao cantar a cantiga e dar visibilidade a todas as crianças que participam.

Variação: Se optar por cantar, na brincadeira de roda, músicas que contenham personagens, pode-se sugerir que cada criança interprete um personagem conforme suas características na canção, tornando esse jogo teatral uma forma divertida para desenvolver a expressão corporal.

➤ **BRINCADEIRA 3: Dança das cadeiras**¹⁴

Como brincar: Disponha as cadeiras em círculo, sendo que o número de assentos seja menor do que o de participantes. Coloque uma música para tocar. Enquanto a música toca, todos os jogadores dançam em volta das cadeiras. Quando a música parar, cada um deve tentar ocupar um lugar. A criança que não conseguir lugar sai do jogo levando consigo mais uma cadeira. O vencedor será aquele que conseguir sentar na última cadeira.

Objetivos: Desenvolver a atenção, concentração, noção espacial, noção matemática e a coordenação auditiva e motora.

Variações: Colar na cadeira de cada um o seu nome e, dependendo da idade, colar a foto da criança também. A brincadeira procede de modo tradicional, porém, quando a música para, a professora orienta se a criança deve sentar em sua cadeira ou na cadeira do colega. Nesta variação, não é necessário que alguém saia da brincadeira. Sentar na cadeira dos colegas ou permitir que um deles sente-se na sua, ajuda a criança a superar o egocentrismo, dividindo a “sua cadeira” com os demais.

➤ **BRINCADEIRA 4: Mímica**¹⁵

Como brincar: Uma criança tenta representar, por meio de gestos, uma ação, o nome de um filme, de uma música, de uma personagem, etc. Para isso, pode-se dividir o grupo em equipes, ganhando aquela que acertar mais mímicas. Pode-se também, escolher uma criança por vez para representar para o resto da turma. Aquela que acertar será a próxima a apresentar.

Objetivos: Estimular o pensamento abstrato, ampliar o vocabulário, aprimorar o desempenho gestual e corporal e o controle emocional quando necessita esperar a sua vez de brincar.

Variação: Dependendo da faixa etária, podem-se permitir alguns sons. Ainda, podem-se fazer fichas com a imagem do que será representado.

➤ **BRINCADEIRA 5: Caras e caretas**¹⁶

¹⁴ 100 Brincadeiras. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/filhos/brincadeiras/danca-das-cadeiras/4e42d3a93cb3176863000016.html>>. Acesso em: outubro de 2016.

¹⁵ FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na Educação Infantil:** observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012.

¹⁶ VILA, Gladys B. de; MÜLLER, Marina. **Brincadeiras e atividades recreativas para crianças de 6 meses a 6 anos.** Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Paulinas, 1992.

Como brincar: Uma criança representa expressões que significam, por exemplo, raiva, contentamento, tristeza, espanto, protesto, choro, gargalhada etc. As demais crianças devem interpretá-la dizendo o que representa cada expressão respectivamente.

Objetivos: Desenvolver a expressão corporal, identificar os “estados de espírito” pela expressão facial.

Variação: Pode-se conversar, no grande grupo, que tipos de situações cotidianas levam cada um a expressar aquelas caras e caretas.

➤ **BRINCADEIRA 6: Espelho mágico**

Como brincar: Faz-se uma roda com todas as crianças da turma. Escolhe-se uma criança para iniciar a brincadeira e esta vai até o centro do círculo, devendo fazer gestos e movimentos diferentes para que os demais colegas a imitem como se fosse um grande círculo de espelhos mágicos.

Objetivo: Desenvolver a expressão corporal, a criatividade, a desinibição perante o grupo de colegas.

Variação: A professora pode definir um determinado movimento que a criança deve fazer, considerando a temática que está trabalhando.

➤ **BRINCADEIRA 7: A quem pertence?**

Como brincar: A professora recolhe, secretamente, objetos pessoais das crianças que estão na turma e coloca dentro de uma caixa. Com os alunos em círculo, ela tira um a um os pertences pedindo: “A quem pertence?”. O aluno que é dono do objeto se manifesta e recolhe de volta o que é seu.

Objetivos: Identificar seus próprios pertences, criar vínculos através de objetos pessoais que possuem semelhanças.

Variação: Pode-se solicitar que cada criança traga, em um dia específico, um brinquedo de sua casa para realizar esta brincadeira.

➤ **BRINCADEIRA 8: Passe a bola.**



Como brincar: Em círculo, sentados no chão, a professora comanda a brincadeira sugerindo que as crianças passem uma bola de mão em mão, cantando a seguinte canção:

Passe a bola, passe a bola

Passe a bola sem parar

Se você ficar com a bola

O seu nome vai cantar.

A criança que ficar com a bola, então, canta seu nome para os demais colegas.

Objetivos: Conhecer os colegas e reconhecer seus nomes, desenvolver a lateralidade e o ritmo.

Variação: Além de dizer o seu nome, a criança poderá dizer algo a mais sobre si mesma, como, por exemplo: usa óculos, tem um cachorro, gosta de histórias, tem irmãos, etc.

➤ **BRINCADEIRA 9: Eu te vejo**

Como brincar: Dividir as crianças em duplas e posicioná-las frente a frente. Elas deverão cantar e fazer os gestos conforme a letra da música, olhando para sua dupla.

Eu te vejo, eu te vejo

Como é bom te olhar

Um sorriso e um abraço

Quero logo dar

Vamos dar a meia volta,

Volta e meia vamos dar!

Depois de cantar uma vez, troca-se a dupla para que todos possam interagir com o maior número de colegas possível.

Objetivos: Desenvolver a coordenação motora, expressão corporal e a desinibição.

➤ **BRINCADEIRA 10: E agora?**

Como brincar: Posicionar as crianças em círculo, todas em pé. Canta-se a música:

Mão na cabeça, na cintura

No joelho e no dedão do pé/2x

Dá uma voltinha e três pulinhos

E agora?

Encosta a cabeça no amiguinho!

Continuar cantando a música e elencando partes do corpo para encostarem-se ao colega.

Objetivos: Desenvolver o esquema corporal, noção de espaço e desinibição.

➤ **BRINCADEIRA 11: Colega misterioso**

Como brincar: Organizar um pedaço de pano grande, TNT, um lençol, enfim, precisa, ao menos, cobrir uma criança sentada. Posicionar as crianças em círculo, sentadas uma ao lado da outra. Convidar uma das crianças para que se retire do grupo e não olhe para ver o que está acontecendo no círculo. A professora cobre uma das crianças com o pano e solicita que a criança está afastada volte e identifique quem está sob o pano. Se, depois de um tempo, a criança não conseguir identificar o colega misterioso, ele pode falar algo, cantar uma canção, para que possa ser reconhecido pela voz.

Objetivos: Desenvolver a observação, memória, raciocínio lógico, senso de localização e reconhecer o nome dos colegas.

Variação: Pode-se solicitar que as crianças mudem de lugar no círculo, dificultando ainda mais a identificação do colega misterioso.

➤ **BRINCADEIRA 12: Minha cara metade¹⁷.**

Como brincar: Nesta brincadeira serão utilizadas duas caixas que ficarão no centro de duas linhas paralelas de pessoas da mesma quantidade. Em cada caixa haverá pedaços de páginas de revista, de jornais, de figuras, enfim, cada imagem estará partida ao meio, sendo que metade em uma caixa e metade na outra. Cada um dos participantes deverá pegar um pedaço e a um determinado sinal eles deverão procurar sua cara metade. Quem encontrar primeiro pode receber um brinde ou pagar uma prenda, fica ao critério da educadora.

Objetivo: Desenvolver a coordenação motora, agilidade, raciocínio.

Variação: Esta brincadeira pode ser utilizada para separar as crianças em duplas para outra atividade que a educadora deseje propor.

➤ **BRINCADEIRA 13: Abraçando amigos**

¹⁷ Atividades para socialização. Disponível em: <<http://www.mundinhodacrianca.net/2011/09/atividades-para-socializacao.html>>. Acesso em: outubro de 2016.

Como brincar: As crianças andam pela sala de aula livremente, ouvindo uma música. Ao parar a música, a professora dá o comando de abraços: “Abraço de um!”, cada criança procura um amigo para abraçar. “Abraço de três!”, a turma divide-se de três em três pessoas para abraçarem-se e assim sucessivamente.

Objetivo: Desenvolver a afetividade, raciocínio lógico, atenção, concentração.

Variação: Cada vez que para a música para que as crianças se abracem, pode-se mudar o ritmo da música que está tocando e elas deverão caminhar pela sala seguindo o mesmo compasso da canção.

➤ **BRINCADEIRA 14: Coelho sai da toca!**

Como brincar: Separar o grupo de crianças em trios. Duas crianças, de mãos dadas, formarão a toca e a criança que sobrar será o coelho. A professora dá o comando dizendo: “Coelho sai da toca!”, todos os coelhos deverão sair e procurar uma nova toca para morar. É importante que uma criança fique sem toca, para que sempre sobre uma que é a criança que dará o comando para a troca de tocas.

Objetivo: Desenvolver a coordenação motora, orientação espacial, atenção, agilidade.

Variação: Além dos coelhos saírem das tocas, as tocas também podem trocar de coelhos. Desta forma, o coelho é quem fica parado e a criança é quem procura um novo morador para abrigar.

Além das brincadeiras sugeridas, existem muitas outras que podem ser desenvolvidas em grupo com a turminha de crianças com o objetivo de socialização. É importante salientar que, nesta fase da vida, as crianças são muito egocêntricas e, neste caso, o trabalho da educadora precisa ser atento e interferir sempre que for necessário para que não haja constrangimentos ou quaisquer outras situações que possam levar a criança a se inibir perante os colegas, principalmente no período de adaptação escolar. Desta forma, Rizzi e Haydt (1993, p.15) destacam que a

[...] educadora deve procurar despertar o espírito de cooperação e de trabalho conjunto no sentido de metas comuns. A criança precisa de ajuda para aprender a vencer, sem ridicularizar e humilhar os derrotados e para saber perder esportivamente, sem se sentir diminuída ou menosprezada.

Por isso, ao realizar brincadeiras e jogos que envolvam todas as crianças coletivamente, a educadora precisa deixar as regras claras e explicar que participar é tão bom

quanto vencer. Então, “[...] O papel da educadora é fundamental no sentido de preparar a criança para a competição sadia, na qual impera o respeito e a consideração pelo adversário.” (RIZZI e HAYDT, 1993, p.15).

Ainda, quando se refere à socialização, consciência de grupo e convivência, pode-se dizer que a criança, dentro da faixa etária de 3 a 5 anos, tem algumas peculiaridades e características que devem ser consideradas quando se pretende ensinar jogos e brincadeiras em equipe. Segundo Ferreira e Caldas (1997, p. 15-16), quando a criança tem a idade de 3 a 4 anos,

[...] realiza maior número de contatos sociais. Diverte-se menos com jogos solitários. Não é indiferente à presença de companheiros e explica-lhes o que está fazendo. Essa conversa ainda não é colaboração; ela ainda é egocêntrica. Entretanto, é uma consideração pelo companheiro. O fato de ela lhe chamar a atenção de forma mais ou menos exibicionista prova que ele não lhe é indiferente. A colaboração é pequena. Há uma pseudocolaboração evidenciada por atividades paralelas e simultâneas. Entretanto, começa a aceitar brincadeiras mais associativas em grupos pequenos. Descobre-se a si mesma através dessa relação de igualdade; sente-se uma entre muitos. Aparece a competição por ocasião das atividades comuns.

As autoras, ainda elaborando a respeito das socializações e das atitudes das crianças nas brincadeiras, destacam que, crianças com idade de 5 anos

[...] tornam-se mais sociáveis. É mais amistosa que hostil. Os desejos dos companheiros começam a ser considerados, com promessas compensatórias, mas ela ainda se coloca em primeiro lugar. Já tem sentido de grupo; a situação coletiva implica certa constância das ações individuais. Aparece a regra do brinquedo. [...] O acordo e a combinação prévia entre os participantes contribuem para a socialização. (FERREIRA e CALDAS, 1997, p. 15-16).

Considerando essas características importantes, há que se dizer que o papel da educadora infantil, ao querer socializar seu grupo de alunos dentro da perspectiva do acolhimento da criança na escola, torna-se um grande desafio que exige muito estudo teórico e prático e uma boa dose de dedicação, afinal, pesquisar sobre o que trabalhar com as crianças é essencial para desenvolver um trabalho de qualidade, criando o interesse da criança pela escola e o seu desejo em permanecer neste ambiente.

Para auxiliar no interesse da criança em estar na sala de aula, é necessário que a educadora conheça algumas artimanhas que podem ser utilizadas no seu acolhimento dentro do ambiente escolar. Desta forma, dentre muitas pesquisas realizadas, pode-se listar alguns tipos de brinquedos e materiais que mais atraem as crianças em cada faixa etária. Expõe-se aqui esta listagem para que os educadoras possam observar e considerar o que escolher para prender a atenção dos pequenos na sua chegada à escola.

Assim, crianças que se encontram entre a faixa etária de 3 a 5 anos de idade demonstram interesse por:

- Bolas de diferentes tamanhos.
- Objetos para usar no corpo: pulseiras, colares, sapatos, anéis, luvas, meias, vestidos, etc.
- Álbuns de figuras, que podem ser confeccionados pela própria educadora com imagens que ilustram o cotidiano da criança, como, por exemplo: alimentação, higiene, brinquedos, etc.
- Objetos grandes e pequenos para noção de conceitos.
- Encaixe de formas (triângulo, quadrado, círculo...).
- Instrumentos musicais ou brinquedos que emitem sons.
- Barro, argila e massa para modelagem.
- Dominó de figuras.
- Cartões com gravuras.
- Materiais utilizados na cozinha para brincadeiras domésticas: pratos, talheres, copos, xícaras, panelas, etc.
- Brinquedos para imitar médicos, cabeleireiros, ferramentas de carpintaria, etc.
- Quebra-cabeças simples.
- Fantoques.
- Sucatas e brinquedos simples para manuseio e utilização à criatividade da criança.
- Revistas para manusear.
- Roupas para vestir e desvestir bonecas.
- Livros de histórias com figuras grandes.
- Carimbos.
- Folhas para desenho livre com giz de cera, canetas coloridas ou lápis de cor.
- Blocos lógicos.

Além dessas sugestões, a educadora vai poder, com o tempo e observando a brincadeira das crianças, identificar muitos outros objetos que podem ser utilizados para atrair a criança para permanecer no espaço escolar.

É importante destacar que a educadora pode ter sempre em mãos uma caixa surpresa, com objetos coloridos, doces, livros de histórias, enfim, algo que ele possa aproveitar para prender a atenção da criança para que se distraia e se sinta bem com a educadora na ausência de seus pais.

Outro artifício que pode ser utilizado para motivar a curiosidade dos pequenos é uma recepção diferente, que pode ser uma decoração colorida e atrativa na porta da sala de aula, surpresas e materiais diferentes em cima das mesas, fazer os cartazes para a rodinha da

conversa com temas que se encontram na área de interesse das crianças dentro de cada faixa etária.

Por fim, pode-se dizer que são muitos os recursos que podem ser utilizados pela educadora infantil para bem acolher a criança em sua sala de aula, com competência, responsabilidade pedagógica, criatividade e paciência é possível desenvolver um bom trabalho e conquistar as crianças e também seus familiares.

3.1.2 Projetando o acolhimento e o progresso da criança na escola através da observação

Como já mencionado, os recursos pedagógicos são essenciais para acolher bem a criança na escola, pois é a partir deles que vai nascer a motivação para que ela permaneça com interesse em frequentar o universo estudantil. Porém, como é possível saber se a criança está realmente encantada com a escola? Como se pode concluir que o aluno está progredindo no processo de adaptação escolar? De que forma a educadora pode ajudar para que a separação da criança do seu seio familiar por algumas horas não seja tão angustiante?

Primeiramente, para bem acolher uma criança na escola é necessário conhecê-la: saber seus anseios, suas dificuldades, o que mais gosta de fazer, de brincar, de assistir na televisão, quais aplicativos utiliza no celular dos pais, quais são suas histórias favoritas, se possui algum objeto transitório¹⁸, quais são seus medos, enfim, conhecer de fato quais destas características podem auxiliar a educadora no momento de planejar a sua entrada na escola.

Balaban (1988, p. 97) propõe um questionário designado para os pais, para que a separação entre a família e a criança ocorra com mais tranquilidade possível. Segundo ela, este

[...] questionário foi realizado para ajudá-lo a saber mais sobre as crianças que estarão chegando a sua sala de aula pela primeira vez. Ele vai alertá-lo para certas reações que uma criança pode ter quando deixa o familiar, e que neste momento se tornam realidade. É também realizado para alertar os pais para a possibilidade de que seu filho ou sua filha possa precisar de ajuda e de cuidados, quando essa situação específica estiver ocorrendo. Não é um instrumento cientificamente perfeito, nem se propõe a ser. Ao contrário, é um guia feito para ajudá-lo e aos pais, a enfocar algum aspecto das experiências e da personalidade da criança, que possa estar relacionado com a entrada na escola e com o processo de separação. O seu objetivo é sensibilizá-lo e aos pais, para o significado dos comportamentos da criança neste momento.

¹⁸ O objeto transitório ou objeto transicional é um objeto que para os adultos pode parecer comum, mas para a criança ele detém uma fonte de segurança emocional. Segundo Balaban (1988, p.45-46), pelo “[...] fato destes objetos serem tão significativos para as crianças pequenas, parecem transmitir uma sensação de segurança quando as crianças trocam a familiaridade de suas casas pela infamiliaridade da escola ou da creche.”. Por isso, é essencial que o educador infantil saiba se existe para a criança esse objeto importante ou não.

Dando seguimento, a autora dá alguns exemplos de questões que podem ser aplicadas aos pais quando da entrada da criança na escola de Educação Infantil, que seguem:

1. *Que idade tinha seu/a filho/a quando o/a deixou pela primeira vez com uma babá ou com outra pessoa? Qual foi a reação dele/a naquele momento? Qual é a reação dele/a hoje? Houve alguma mudança entre as pessoas que cuidam dele/dela? Como ele/ela reage a estas mudanças? Como você se sente quando o/a deixa para que seja atendido/a por outra pessoa?*
2. *O seu filho tem um pano ou um brinquedo favorito, ao qual ele/ela seja muito ligado? Sob que circunstâncias ele/ela o usa?*
3. *Como seu filho/a reage diante de pessoas que não conhece, tanto em casa quanto fora?*
4. *Seu filho/a já foi deixado em algum lugar acidentalmente por pouco tempo, como num supermercado, por exemplo? Se foi, como ele/ela reagiu?*
5. *Como seu filho/a se comporta quando solicitado/a a se juntar a um grupo novo, como numa festa de aniversário?*
6. *Seu filho já passou a noite na casa de um amigo ou de um parente? Se já passou, descreva suas reações a esta experiência.*
7. *O pai, a mãe ou ambos já passaram uma noite fora, ou certo período de tempo? se passaram, que idade tinha a criança na época? Como ele/ela reagiu a essa separação? Quem cuidou dele/dela naquele momento?*
8. *Seu filho já foi hospitalizado? Se já foi, com que idade? Por que razão? Por quanto tempo? Os pais puderam ficar com a criança? Descreva as circunstâncias, inclusive as reações dele/dela a esta hospitalização. Como ele/ela se comportou quando chegou em casa?*
9. *Qualquer um dos pais já foi hospitalizado? Por quanto tempo? O que contaram para a criança? Ela podia visitá-los? Quais foram suas reações?*
10. *Houve a morte de alguém muito chegado à família ou de um animal de estimação? Se houve, qual era o relacionamento da criança com esta pessoa? O que lhe disseram? Quais foram suas reações à morte?*
11. *Se você ou seu cônjuge se separaram, quais são os acordos feitos quanto à vida de seus filhos? Qual foi a reação dele/dela a esta situação? De que maneira você acha que isso vai afetar a entrada dele/dela na escola e a separação dele/dela de você?*

12. *Você se mudou durante este período de vida da criança? Se afirmativo, quantas vezes? Que idade ele/ela tinha? Como ele/ela reagiu a esta mudança?*
13. *O que seu filho/a faz quando está brabo? Com medo? Triste? Contente?*
14. *O que amedronta seu filho/a?*
15. *Como seu filho/a se recupera de um estresse emocional?*
16. *Como acha que seu filho/a vai reagir na ida para a escola? Como acha que ele/a vai reagir quando o/a deixar na escola sem você?*
17. *O que seu filho/a gosta de fazer, que possa nos ajudar a planejar atividades para ele/ela?*
18. *Quais são as brincadeiras preferidas de seu filho/a? Livros de histórias? Brinquedos?*
19. *O que mais gostaria que nós soubéssemos sobre seu filho/a, que pudesse nos ajudar a fazer planos para tornar mais fácil a sua entrada na escola, assim como para facilitar a separação de vocês?*

Todas essas questões elaboradas por Balaban (1988, p. 101-102) reforçam o quão importante é conhecer a criança antes mesmo de acolhê-la na escola. Com este questionário é possível facilitar o trabalho da educadora ao planejar suas atividades, conhecer o comportamento emocional da criança e transmitir segurança aos pais, que vão ser os principais agentes no momento da separação deles com seus filhos. Afinal, os progenitores, em especial a figura materna, precisa estar ciente de que vai se separar de seu filho por algumas horas e que seu sentimento transparece à criança, que se sente insegura quando a mãe não está segura. Por isso, conhecer o comportamento da criança quando ainda não ingressou na escola se torna algo indispensável.

Isto se comprova na fala de Sartori (2016, p.85-86) quando afirma que a

[...] função atribuída à mãe está sendo entendida como a segurança oriunda do fato de estar decidida com relação à escola e conformada com o fato de que ela, no interior da escola, não pode estar junto da criança. Com relação a esse lugar da mãe e também a como realizar essa separação no âmbito escolar, é que os impasses são vividos. Ao apontar para essa questão no âmbito escolar, faz-se necessário reconhecer que a separação é algo que vem antes da escola.

Desta forma, reforça-se ainda mais a oportunidade de a educadora conhecer a criança antes de sua chegada à escola, seja através de uma conversa/entrevista com os pais na própria escola ou com uma visita à casa da criança para melhor entender sua realidade, suas

potencialidades, seu emocional e como pode prosperar com sua entrada na instituição de ensino.

Para que a criança se desenvolva integralmente dentro de suas potencialidades e habilidades, a educadora precisa estar atenta a todos os seus progressos no decorrer do ano letivo e, principalmente, neste momento de entrada na escola, que é quando a criança estará mais sensível e precisando de uma atenção maior por parte do adulto.

No intuito de melhorar o crescimento e o amadurecimento da criança dentro da instituição, é possível que o professor faça um acompanhamento do aluno através da observação de atitudes e anotações das mesmas. Oliveira (2012) propõe que se faça a observação crítica e criativa das atividades, das interações e da utilização de registros por parte da educadora infantil, que pode ser em forma de uma ficha individual de cada criança que está em período de adaptação escolar.

Para Oliveira (2012, p. 370) a entrada

[...] na instituição educativa é um momento crucial na vida de qualquer criança, pois marca a passagem do convívio estritamente familiar para o coletivo, ampliando significativamente seus laços sociais. É muito importante que essa passagem seja bem feita, oferecendo todo o apoio para a acolhida, porque disso dependerá o vínculo de confiança que a criança estabelecerá com os adultos neste ambiente. Além disso, essa confiança básica que está em construção nos primeiros dias da criança na creche ou pré-escola é a matriz do modo como ela poderá confiar em outros adultos e relacionar-se com eles. Mas, no tumulto e na tensão que envolvem esses dias, nem sempre os professores conseguem olhar em profundidade para as crianças e para suas relações no novo grupo. É por isso que o instrumento de registro das observações do período de adaptação é extremamente útil. Ele ajuda a disciplinar o olhar para o que é realmente importante nessa transição e que muitas vezes pode até mesmo passar despercebido.

Assim, a autora propõe que esta ficha de avaliação seja criada em conjunto com todo o grupo de educadoras da escola, para que se possa elencar o que é indispensável nesta forma de registro. Para ilustrar o que pode conter neste prontuário de anotações, Oliveira (2012, p.371-372) propõe o seguinte exemplo de ficha:

FICHA INDIVIDUAL DE CRIANÇAS EM PERÍODO DE ADAPTAÇÃO

Informante:

Data:

Nome da criança:

Data de nascimento:

Brinquedo favorito de casa:

Brinquedo favorito da escola:

Costumes de alimentação:

Brincadeira que aprecia:

Situações que vive com dificuldades:

Reações mais importantes com relação:

- *À professora:*
- *Às crianças do grupo:*
- *Aos demais adultos da instituição:*

Brinquedo ou objeto que traz de casa para facilitar o período de adaptação:

Melhor amigo ou parceiro da sala:

Modo como costuma chegar à unidade educacional:

Modo como costuma se despedir na saída diária da unidade educacional:

Com esta ficha elementar, mas com grandes e importantes anotações, o professor terá seu trabalho facilitado no momento do planejamento e, ainda, poderá oferecer um excelente retorno aos pais de como a criança está se comportando frente aos novos desafios de ingressar em uma instituição de Educação Infantil e deixar para trás a segurança do lar.

Além disso, no intuito de observar e anotar o progresso das crianças nesta fase da vida escolar e ampliar as sugestões a respeito do que pode ser feito em prol do desenvolvimento da criança, Oliveira (2012, p.374) propõe que a educadora faça um registro das atividades, que se trata de apontamentos escritos em um fichário.

Essa análise possibilita observar o modo como as crianças se comunicam em uma roda de conversa, as crianças que falam mais e as que ouvem mais; as hipóteses que o grupo tinha sobre o que seria um museu e como elas vão se modificando na interação com os colegas; o que rege o pensamento das crianças, o modo como acionam as lembranças e relacionam os diferentes assuntos em torno do conceito de museu. Permite também analisar se as intervenções da professora, as perguntas feitas ajudam as crianças a avançarem em suas hipóteses e, nesse caso, é possível ainda pensar em como poderia ser a continuação dessa conversa, que projetos poderiam ser propostos ao grupo etc.

Isto tudo explicita claramente o quanto observar e anotar torna-se necessário. Além disso, é preciso fazer uma ressalva no que se refere à roda da conversa que, para muitas educadoras, é uma perda de tempo. Contrário a isso, é possível afirmar que a roda inicial possibilita desenvolver muitas potencialidades escondidas e que podem ser afloradas com o estímulo da educadora. Segundo Silva (2011, p. 90), as

[...] conversas de roda tornam-se importantes à medida que contribuem para o aumento do vocabulário, para a união do grupo e para a construção do respeito entre seus membros. [...] Estar na roda possibilita à criança contar as coisas que quer, dar a sua opinião em diversos assuntos e inclusive participar da organização da rotina da creche. Esse momento é significativo para ela, pois tem uma razão de ser e existir.

Além de tudo isso, nas rodas iniciais de conversa a educadora pode aproximar-se mais das crianças para saber o que elas pensam a respeito de tudo, o que realmente é significativo para elas. Ainda, nestes momentos de conversa há a interação entre os colegas, a elaboração de conceitos de valores e virtudes que podem ser levadas para a vida toda do ser humano. Desta forma, conversar com as crianças no grande grupo e fazer registros a respeito desses diálogos possibilita à educadora ter em mãos um rico material de análise, estudo e planejamento dos próximos dias letivos.

Ainda, se tratando de observação e registros, Oliveira (2012, p. 375) propõe que se faça um diário de campo, ou seja, “[...] um caderno no qual o professor registra diariamente suas iniciativas com o grupo de crianças, suas hipóteses de trabalho, suas descobertas, suas preocupações, o que torna um instrumento para o pensamento do professor”.

Todos esses métodos de observação e anotações, além de fazer com que a educadora reflita sobre sua prática e a aprimore dia após dia, torna-se um importante instrumento de avaliação das crianças, uma vez que, nesta faixa etária, as educadoras não atribuem notas ao desenvolvimento do aluno, mas sim conceitos, isto é, fazem pareceres descritivos em relação ao desempenho apresentado pela criança durante o semestre ou trimestre do ano, dependendo de como a instituição se organiza para a elaboração destas avaliações.

Corroborando com o método de observação e registro dos comportamentos e do progresso da criança em seus primeiros dias de aula, Balaban (1988, p.56) salienta que as

[...] suas observações próprias e seguras acerca do comportamento das crianças são a mais frutífera fonte do conhecimento. Fazer breves registros da situação vivida pela criança e pelos pais no primeiro dia, ou durante a sua primeira semana, pode ser uma fonte rica de recursos tanto para ajudar a criança, quanto para trocar ideias com os pais, se houver necessidade.

Portanto, pode-se afirmar que a observação e as anotações realizadas pela educadora, por mais simplórias que sejam, ajudam e muito no planejamento e execução de atividades bem elaboradas e pensadas unicamente para quem merece ter um ensino de qualidade, que são as crianças.

É importante destacar que as sugestões aqui descritas são apenas uma pequena base de pesquisa dentre tantas outras que a educadora pode buscar e elaborar perante sua prática. As

propostas apresentadas neste capítulo vão ao encontro das necessidades da educadora infantil no desafio de acolher em sua sala de aula crianças que até então tinham apenas o seu lar como refúgio e que, a partir do momento que ingressam na escola, podem ver na educadora o papel do adulto responsável, mas que sabe ser criança no momento da brincadeira e da descontração; da pessoa que sabe impor limites sem precisar amedrontar, mas sim estabelecendo um vínculo de afeto e respeito. Enfim, é a educadora quem tem a oportunidade de incentivar o crescimento, a ascensão da criança e possibilitar aos pais e seus pequenos um ambiente seguro, agradável e confiável.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Quando se propõe estudar a respeito da Educação Infantil, cresce a oportunidade de ampliação teórica no que tange o princípio da vida escolar do ser humano. Nesta perspectiva, ao pesquisar sobre o acolhimento da criança de 3 a 5 anos quando ao seu ingresso na escola de Educação Infantil, tema conferido a este estudo, a responsabilidade redobra, tendo em vista a oportunidade de subsídio teórico e prático para educadoras que acreditam em um fazer pedagógico rico e de qualidade para a criança desde o seu ingresso na Educação Infantil até sua conclusão aos 5 anos de idade.

Nesta perspectiva, faz-se necessário estudar e dar luz ao problema desta pesquisa, que pretende saber “como ocorre o acolhimento das crianças de 3 a 5 anos de idade quando ao seu ingresso na escola de Educação Infantil no município de Frederico Westphalen?”. Ainda, para averiguar mais profundamente, buscou-se responder às seguintes questões norteadoras:

- Como o processo de adaptação das crianças acolhidas pelas escolas de Educação Infantil pesquisadas ocorre?
- As professoras estão preparadas no que diz respeito a este processo de acolhimento e adaptação da criança?
- Existe um planejamento estratégico por parte da escola para receber as crianças que estão em fase de adaptação? Como é esta organização?
- Como os pais percebem a ação da escola e das professoras neste processo?
- Como os pais contribuem com as professoras e a escola neste processo?
- Que estratégias são utilizadas pelas professoras para atender o cuidar e o educar das crianças quando estão neste processo?

Na expectativa de responder todas estas questões, pesquisadora e orientador definiram o objetivo geral deste estudo, que visa investigar como acontece o acolhimento das crianças de 3 a 5 anos de idade quando ao seu ingresso na escola de Educação Infantil no Município de Frederico Westphalen, a fim de que se possa auxiliar de forma teórica e prática neste processo tão importante que envolve a escola, os professores, as famílias e, principalmente, as crianças. Além do objetivo geral, definiram-se os objetivos específicos:

- Entender como se dá o processo de adaptação das crianças acolhidas pelas escolas de Educação Infantil pesquisadas no município de Frederico Westphalen.

- Investigar se as professoras estão preparadas no que diz a respeito deste processo de acolhimento e adaptação da criança à escola.
- Averiguar se existe um planejamento estratégico por parte da escola para receber estas crianças que estão em fase de adaptação e como é esta organização.
- Entender como os pais percebem a ação da escola e das professoras neste processo de acolhimento.
- Analisar como os pais contribuem com as professoras e a escola neste processo.
- Compreender que estratégias são utilizadas pelas professoras para atender o cuidar e o educar das crianças quando estão neste processo.

Além de definir o problema de pesquisa, as questões norteadoras e o objetivo geral e os específicos, a pesquisa, quando é respeitável e possui metas bem estabelecidas, necessita contemplar em sua essência a metodologia que a subsidia. Desta forma, o estudo passa a ter expectativas, mantém uma linha de raciocínio do início ao fim e proporciona ao leitor a certeza do compromisso do pesquisador com sua obra-prima e da veracidade do seu conteúdo. Assim, estabelecer o cenário da pesquisa, demonstrar o desenho metodológico e definir com clareza a escolha dos sujeitos participantes e a forma de analisar os dados coletados, se torna imprescindível quando se quer um trabalho rico e de qualidade.

4.1 Estabelecendo o cenário da pesquisa

O município escolhido para a realização da presente pesquisa foi Frederico Westphalen, situado na Região do Médio Alto Uruguai, Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, com área territorial de 264.976 Km² e uma estimativa populacional de 30.251 habitantes. Este número populacional tem variáveis significativas, tendo em vista que possui 4 universidades: URI, câmpus FW, com 22 cursos regulares, 12 cursos de pós-graduação e 2 de mestrados, sendo eles em Educação e Letras; UFSM/CESNORS, câmpus FW, conta com 6 cursos e 1 mestrado; UNOPAR, com 12 cursos; e a UERGS, com um curso em andamento. Além das universidades, o município conta ainda com uma Escola Técnica Federal e uma Escola Estadual Técnica. Desta forma, sua população se modifica de tempos em tempos, acrescentando habitantes na medida em que migram de suas cidades natais para o município em questão, buscando empregos para manter seus estudos.

Destaca-se na região do Médio Alto Uruguai por ser o maior Município, sendo popularmente conhecido como a “Princesa do Médio Alto Uruguai”, título conferido através da Lei Estadual nº 13.801/2011.

A base da economia local está concentrada no setor primário, contendo mais de 1.670 propriedades rurais distribuídas na produção de hortigranjeiros, bacia leiteira, gado de corte e piscicultura, que agrega valores à renda familiar. O setor industrial destaca-se na produção moveleira, do polo metalúrgico, dispondo de mais de 160 indústrias de pequeno e médio porte, exigindo, assim, maior oferta de mão de obra qualificada. Além disso, os dados apontam para cerca de 840 estabelecimentos comerciais, desde as pequenas empresas familiares até lojas de redes nacionais, dispondo ainda de rede bancária formada por sete sistemas financeiros.

Todos estes setores da economia frederiquense se encontram a cada biênio na Feira Multi-setorial Expofred. Segundo o site oficial¹⁹ do município, em que se pode confirmar todas as informações fornecidas nestes escritos, na feira multi-setorial ocorrida em 2014, passaram pelo evento cerca de 140 mil pessoas, provenientes de 60 municípios englobando os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, segundo dados da Brigada Militar. Ainda, esta feira movimentou significativamente a economia do município no período em que o evento acontece, alcançando, no ano de 2014, cerca de 17 milhões no volume total de comercializações. Segundo o site²⁰ oficial da Expofred 2016, feira ocorrida de 25 a 29 de maio deste ano, cerca de 180 mil pessoas circularam pelo Parque de Exposições Monsenhor Vitor Batistella, movimentando a economia do município e da região.

Atualmente, em uma pesquisa sobre as melhores cidades do Brasil, realizada pela revista *Isto É*, o município de Frederico Westphalen é apontado como uma das melhores cidades na categoria “cidades de pequeno porte”, com menos de 50 mil habitantes, ficando com a 22ª colocação em um total de 2.444 municípios.

No que tange a educação, a formação cultural frederiquense tem profundas raízes europeias em razão do processo de colonização ter se assentado na figura do imigrante descendente de italianos, alemães e poloneses. No município existem 13 escolas estaduais, incluindo Ensino Fundamental e Médio, 24 escolas municipais, ofertando Educação Infantil e Ensino Fundamental e 11 escolas particulares, envolvendo Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

4.2 Desenho metodológico da pesquisa

¹⁹ Disponível em <<http://www.fredericowestphalen-rs.com.br/municipio/>>

²⁰ Disponível em <<http://www.expofred.com.br/noticia.php?id=339>>.

Diante desta pesquisa, que se enquadra na área educacional, fez-se necessário posicionar-se frente a um enfoque filosófico, escolhendo o que mais se aproxima do propósito deste estudo, bem como uma teoria que vem ao encontro das teorias voltadas para o conhecimento e reflexão a respeito das ciências humanas. Segundo Gil (2010, p. 135) “A utilização de métodos filosóficos para investigar no campo das ciências empíricas não constitui tarefa das mais simples, já que ciência e filosofia são disciplinas em que se procede de forma distinta para alcançar seus objetivos.”.

Desta forma, ao analisar as mais diferentes correntes filosóficas, encontrou-se na hermenêutica a abordagem mais aproximada da realidade desta pesquisa, uma vez que se buscou interpretar textos escritos por autores em suas mais variadas obras e em diferentes épocas para tentar entender como a Educação Infantil é vista na atual conjuntura da sociedade, promovendo um diálogo entre o que se julga ser ideal e o que está dentro do patamar real encontrado nos métodos de coleta de dados pela autora da pesquisa.

A opção pela escolha da abordagem fenomenológico-hermenêutica, método no qual o sujeito aparece como intérprete do objeto reside no importante papel das pesquisas qualitativas buscarem desvendar ou decodificar subjetivamente o sentido real que está implícito nos textos, palavras, leis, etc., e oferecendo significado a partir da manifestação dos textos e de seus contextos históricos. (SILVA, 2015, p. 54).

Neste contexto, pode-se dizer que o termo hermenêutica se originou da palavra grega *hermeneuein*, tida como a filosofia da interpretação, inspirada no Deus grego Hermes, que tinha como capacidade essencial em seu ser a tradução do que a mente humana não conseguia compreender. Na pesquisa, a hermenêutica toma como forma a interpretação, compreensão dos textos além de suas palavras, fazendo reflexões aquém das aparências previamente escritas.

O ponto de vista hermenêutico, em uma pesquisa qualitativa, segundo Stein (1996, p. 95) trata-se

[...] fundamentalmente da postura que o escritor ou o pesquisador tem diante dos textos. [...] Sabemos muito bem que os acontecimentos que observamos na história, os fatos que examinamos na sociologia, certas atitudes ou casos que interpretamos na psicanálise, em tudo procedemos, nas ciências humanas, muito ao modo da interpretação do texto.

Assim, sendo a educação uma área ligada às ciências humanas, cabe aos estudiosos desta área também interpretar a Hermenêutica desta forma, como um norte para guiar os escritos e as pesquisas.

Procurando melhor trabalhar esta realidade foi proposta a triangulação de dados. Segundo Azevedo (2013, p. 4), a “[...] triangulação significa olhar para o mesmo fenômeno, ou questão de pesquisa, a partir de mais de uma fonte de dados. Informações advindas de diferentes ângulos podem ser usadas para corroborar, elaborar ou iluminar o problema de pesquisa”.

Assim, estando

[...] o pesquisador posicionado em um ponto de vista, ele precisará se posicionar em outros dois pontos de vista, no mínimo, a fim de ajustar a adequada “distância e angulação” dos conceitos e se posicionar definitivamente após a análise das visadas. Portanto, os pesquisadores organizacionais têm a possibilidade de melhorar a precisão de suas avaliações (AZEVEDO, 2013, p. 3).

Neste sentido, busca-se nesta pesquisa analisar qualitativamente os mais variados pontos de vista dos sujeitos participantes, que se delimitam em coordenadores pedagógicos, educadoras e famílias das crianças que estão sendo acolhidas na escola de Educação Infantil. Importante destacar que, esta triangulação, tem a intenção de promover um interessante diálogo, que possibilita à pesquisadora analisar a realidade do acolhimento da criança por vários ângulos existentes na relação entre escola e família, entre a criança e a escola, dentre outros relacionamentos, traçando apontamentos teóricos e práticos necessários ao fazer pedagógico da educadora.

Esta ampla visão a respeito da análise de conteúdo na triangulação dos dados é projetada por Stein (1996, p. 96) quando revela que a “[...] hermenêutica não deixa de ser crítica em relação a suas análises. Pelo contrário, fornece instrumentos importantes que o método puramente analítico e o método dialético nem sonhavam, nem pressupunham de modo algum.” Assim, mais do que simplesmente refletir, esta abordagem filosófica permite ao pesquisador ampliar seus conhecimentos frente ao que analisa, bem como agregar aspectos científicos aos fatos já existentes, embora que de maneira subjetiva.

Neste sentido, pretende-se aqui expressar a importância da escolha da Hermenêutica como abordagem filosófica para esta pesquisa em especial, por se tratar de um método que abrange a totalidade, permitindo estas múltiplas visões do problema de pesquisa para que seja possível chegar a um resultado comum, que é a conclusão e a resolução deste problema.

Segundo Stein (1996, p.98), uma investigação que tem como princípio a metodologia hermenêutica “Trata-se de uma relação com uma espécie de capacidade de percebermos em determinado texto e de desenvolvermos pela reconstrução e interpretação do texto uma espécie de espessura no nosso discurso.” Desta forma, é pautada em interpretações e diálogos

entre vários autores que escrevem sobre a Educação Infantil que esta pesquisa discorrerá, trazendo para si a responsabilidade de subsidiar, de forma teórica e prática, as educadoras infantis que encontram seus principais desafios no início do ano letivo ou na chegada de um novo aluno na escola.

Por esta perspectiva, este estudo possui enfoque qualitativo, agregando a coleta e análise de dados com o intuito de descrever, comparar e relacionar as respostas das entrevistas e questionários dos sujeitos participantes em diálogo com autores estudiosos da área. Esse tipo de pesquisa busca contribuir para a real função social da educação, que é validar novas teorias fundamentadas em diversos expoentes teóricos.

Segundo Sánches Gamboa (2012, p. 192) as pesquisas que envolvem a abordagem Hermenêutica “[...] utilizam predominantemente técnicas qualitativas que permitem a intersubjetividade e a manifestação dos sujeitos incluídos na pesquisa, tais como entrevistas abertas, histórias de vida, discursos, opiniões e depoimentos”. Assim, este estudo vem a atender estas especificidades quando se propôs ouvir coordenadores pedagógicos, pais e professores das escolas de Educação Infantil de Frederico Westphalen e, de forma ampla, contemplar a realidade deste município quanto ao acolhimento da criança na escola.

Para atender essas especificidades, a presente investigação, quanto aos fins, traz como metodologia a abordagem qualitativa e descritiva. Para identificar esta metodologia de pesquisa, Chizzotti (2001, p.79) define que a “[...] abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”.

Ainda, Chizzotti (2001, p. 79) complementa revelando que, na pesquisa qualitativa,

[...] o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Isto explicita muito do que ocorre ainda neste capítulo, com a análise dos dados desta pesquisa, em que se leva em consideração a opinião direta dos sujeitos participantes da investigação, para que se chegue a um resultado final mais próximo da realidade, que se possa atingir os objetivos propostos pelo estudo e contemplar uma conclusão significativa para o problema de pesquisa.

Ao contemplar a pesquisa como descritiva, pode-se afirmar que este tipo de investigação, segundo Gil (2010, p. 27-28) “[...] tem como objetivo a descrição das características de determinada população. [...] São incluídas neste grupo as pesquisas que possuem por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população”. Nesta perspectiva, a pesquisa em questão está vinculada a este tipo de metodologia, uma vez que busca conhecer a realidade das escolas de Educação Infantil de Frederico Westphalen como um todo, sem fazer comparativos específicos entre o que acontece em uma escola e/ou outra, mas sim compreendendo a realidade encontrada no município.

Quanto aos meios, a pesquisa em questão se destaca por ser uma investigação inicialmente bibliográfica, envolvendo livros, periódicos on-line, legislações e demais fontes provenientes de estudos acerca da Educação Infantil que dão suporte aos escritos teóricos aqui traçados.

Posteriormente, realizou-se uma pesquisa de campo, envolvendo os métodos de questionário e entrevista semiestruturada. Segundo Chizzotti (2001, p. 83), na “[...] pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam”. Assim, a pesquisa de campo realizada teve por princípio essencial envolver intimamente a opinião e os conhecimentos dos participantes, buscando na realidade das escolas de Educação Infantil pesquisadas em Frederico Westphalen algumas respostas para o problema de pesquisa, procurando, assim, ampliar o repertório teórico e prático no que tange o acolhimento da criança nas escolas infantis e promover reflexões no que se refere a este momento tão importante que envolve a escola, a família e, principalmente, a criança.

4.3 A escolha dos sujeitos e dos espaços da pesquisa

Os sujeitos da presente pesquisa estão localizados no município de Frederico Westphalen, abrangendo um universo de pesquisa que compreende a coordenação pedagógica das escolas, professores de Educação Infantil e famílias dos alunos das escolas pesquisadas, promovendo desta forma a possibilidade de triangulação de dados já defendida.

Para compor a amostra da pesquisa, três escolas de Educação Infantil de Frederico Westphalen foram selecionadas, escolhidas com o critério de representatividade de probabilística (estratificada), propondo como princípio de escolha as maiores escolas de Educação Infantil, tendo como cenário da pesquisa uma escola particular e duas escolas públicas, selecionadas por conter o maior número de sujeitos. Nestas escolas participaram da

pesquisa a coordenadora pedagógica da escola particular selecionada e as diretoras das escolas públicas, contemplando o olhar da coordenação e da direção quanto ao planejamento do acolhimento da criança na escola. Cabe salientar que, no projeto original desta pesquisa consta o interesse em dialogar com as coordenadoras pedagógicas de todas as escolas envolvidas no estudo, porém, por determinação municipal em função do concurso público do Município, as coordenações pedagógicas que estavam atuando por condição de contrato de serviço, foram afastadas do cargo na espera dos aprovados no processo seletivo. Desta forma, as diretoras das escolas municipais participantes da pesquisa foram convidadas a integrar o grupo de sujeitos envolvidos.

Da mesma forma, foram convidados a participar da pesquisa dois educadoras que trabalham com a faixa etária de 3 a 5 anos de idade, compreendendo as turmas nomeadas por “Maternal II”, “Jardim”, “Pré-escola nível A” e “Pré-escola nível B” das escolas participantes.

Ainda, foram convidadas a participar da pesquisa três famílias de crianças que passavam, até o momento da coleta de dados, pela fase da adaptação escolar ou tiveram alguma dificuldade neste processo, seja por motivo de troca de turma no início do ano letivo, transferência de escola ou por estar iniciando sua caminhada escolar pela primeira vez e foram acolhidas na escola. Estas famílias foram selecionadas pelo própria educadora que também estava participando da pesquisa.

Ao todo, atingiu-se 18 sujeitos envolvidos, compondo uma amostragem populacional significativa tendo em vista as nove escolas de Educação Infantil existentes no município.

É importante salientar que esta pesquisa²¹ tem como intuito observar a realidade encontrada em Frederico Westphalen quanto ao acolhimento da criança na escola de Educação Infantil como um todo e não tratar as escolas individualmente fazendo comparações entre elas. O objetivo maior é investigar como este acolhimento ocorre em nível municipal, para que se possa auxiliar a encontrar a forma mais próxima do ideal de recepção das crianças na etapa da adaptação escolar e expor estes resultados práticos no decorrer desta pesquisa.

4.4 A coleta dos dados e sua análise

A escolha dos instrumentos de coleta para a pesquisa de campo é um processo muito importante. Uma vez definido o problema de pesquisa, os caminhos metodológicos e os sujeitos participantes, a definição dos instrumentos trouxe ao pesquisador o desafio de selecionar a forma de abordar os sujeitos para que pudessem colaborar com a pesquisa de

²¹ O projeto desta pesquisa tramitou e foi aprovado no Comitê de Ética em pesquisa da URI.

forma a poder chegar a um resultado, uma conclusão para o problema apresentado. Após a coleta dos dados, com maior responsabilidade ainda, o pesquisador precisa encontrar-se frente a frente com as respostas elencadas pelos sujeitos e analisá-las de forma a obter os resultados procurados.

Nesta pesquisa, optou-se pela escolha da entrevista²² semiestruturada e pelo questionário para a coleta dos dados. A entrevista semiestruturada foi realizada com uma coordenadora pedagógica e com as diretoras das escolas selecionadas, buscando conhecer, nesta conversa, se existe um planejamento para o acolhimento das crianças na escola, se este planejamento acontece com a participação dos educadoras, como ele é posto em prática, dentre outras questões julgadas importantes para alcançar a essência da problemática.

Segundo Boni e Quaresma (2005, p.75) as

[...] entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Quanto aos questionários, eles foram entregues a 2 (dois) educadoras por escola de Educação Infantil selecionada, totalizando 6 (seis) participantes. Ainda, foi aplicada a técnica de questionário com os 9 (nove) familiares das crianças que se encontram em processo de acolhimento pelas escolas selecionadas e pelas educadoras participantes, sendo 3 (três) famílias por escola. Os 15 (quinze) questionários previstos para a pesquisa foram entregues, porém retornaram apenas 13 (treze), sendo 5 (cinco) questionários de educadoras e 8 (oito) questionários de familiares. Como já previsto no projeto de pesquisa, a análise dos dados será feita a partir destes questionários que retornaram. Embora 2 (dois) sujeitos não tenham retornado o questionário, é importante destacar o interesse dos participantes, de modo geral,

²²As entrevistas foram gravadas em áudio com duas participantes, sendo que a terceira optou por não efetuar a gravação e apenas anotar suas respostas. Após a transcrição do áudio das entrevistas mencionadas, o texto foi enviado às entrevistadas, para que elas pudessem reafirmar o que relataram ou alterar qualquer resposta conforme julgassem necessário. Não ocorreram modificações nas respostas em ambas às situações em que se optou pela gravação da entrevista e a terceira aprovou as anotações realizadas.

em envolver-se na pesquisa, devolvendo os questionários nos prazos combinados e respondendo a todas as perguntas sugeridas.

Segundo Gil (2012, p. 121) pode-se

[...] definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Além disso, optou-se pela técnica do questionário pelo fato de ele garantir o anonimato dos sujeitos pesquisados; por abranger questões objetivas e de fácil entendimento; por conter questões padronizadas que podem garantir a uniformidade das respostas, facilitando a posterior análise dos dados; por facilitar o acesso do pesquisador com o pesquisado e por deixar em aberto um tempo razoável para que o sujeito possa pensar na sua resposta, uma vez que estes participantes podem não disponibilizar de tempo hábil para a realização de uma entrevista presencial.

5 A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS E A COSTURA TEÓRICA

Após ter realizado a coleta dos dados, o próximo passo foi a análise e a interpretação do material coletado. Visando cumprir os objetivos propostos, o enfoque utilizado para a análise dos dados é o qualitativo. Esse tipo de pesquisa busca compreender por meio de análise, interpretação e descrição o que o pesquisador se propõe a investigar, partindo dos aspectos teóricos e práticos, contribuindo assim para a real função social da educação que é validar novas teorias fundamentadas em diversos expoentes teóricos.

Gil (2012, p. 156) aponta que a análise e a interpretação dos dados

[...] apesar de conceitualmente distintos, aparecem sempre estreitamente relacionados. A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Embora a análise e a interpretação sejam relatadas pelo autor como distintas, nesta pesquisa estas duas formas serão utilizadas em consonância, uma vez que, ao analisar os dados de forma qualitativa, estará se fazendo uma interpretação das respostas e uma intermediação entre o que o participante respondeu com respaldos teóricos de autores da área da Educação Infantil. Quanto a isso, Gil (2012, p.178) afirma que para

[...] interpretar os resultados, o pesquisador precisa ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido. Esse universo é o dos fundamentos teóricos da pesquisa e o dos conhecimentos já acumulados em torno das questões abordadas.

Desta forma, a análise dos dados procede com a categorização das respostas conforme o sujeito que a respondeu, ou seja, descrever-se-á o questionamento realizado e para quem foi aplicado²³, posteriormente, algumas pontuações importantes respondidas por cada um deles. Para melhor ilustrar os dados coletados e, ao mesmo tempo, orientar o leitor em aspectos que sejam significativos como achados da pesquisa, este capítulo será subdividido segundo a categorização da análise.

²³ Coordenadores pedagógicos, educadores ou familiares das crianças.

É importante salientar que, buscando analisar as respostas dos participantes²⁴ utilizando a triangulação de dados, ao elaborar as perguntas para os questionários e para as entrevistas procurou-se, estrategicamente, a criação de questões parecidas para todos os participantes. Assim, realizar-se a descrição dos dados categorizando por respostas da coordenadora pedagógica e diretoras, educadoras e pais dos alunos, para que seja possível constituir a análise do conteúdo e interpretar as respostas dos participantes.

5.1 O acolhimento da criança sob o ponto de vista da escola: com a palavra direção e coordenação pedagógica

A entrevista com a direção das escolas participantes foi semidirigida para melhor orientar a pesquisadora e também a entrevistada. Ainda, no intuito de que se tivesse uma visão de como acontece o acolhimento das crianças nas escolas de Educação Infantil de Frederico Westphalen como um todo, as participantes responderam as mesmas questões, seguindo o guia e, caso houvessem dúvidas da entrevistadora no decorrer das respostas, outras perguntas eram acrescentadas. Foram 3 (três) participantes desta entrevista²⁵, sendo uma delas Coordenadora Pedagógica²⁶ e duas Diretoras²⁷ das escolas de Educação Infantil participante.

Considerando a primeira questão, é importante destacar que, para bem acolher as crianças, é necessário que haja uma reorganização da escola no início do ano letivo e é esperado que todo o grupo escolar esteja preparado para este acontecimento especial que é a chegada das crianças na escola e o período de adaptação escolar.

Segundo Sartori (2016, p.84),

[...] durante um período de adaptação, é necessário que se desloquem funcionários para que os professores possam trabalhar melhor, que os diretores possam acompanhar o trabalho de seus professores, como também possam intervir nas conversas com mães, orientando-as. Enfim, parece haver aí um elemento de retraimento por parte da escola em “assumir” os impasses desse período, provavelmente por causa dessa compreensão parcial do processo.

Portanto, ao entender que o processo de adaptação escolar e a recepção da criança na escola são importantes, a instituição de Educação Infantil precisa ter um posicionamento, uma proposta “[...] na qual a adaptação passa a ser incluída como parte do ‘currículo’ da escola.

²⁴ Os participantes da pesquisa serão nominados pela função que exercem para preservar sua identidade.

²⁵ Cabe destacar que as questões da entrevista estão descritas, na íntegra, nos apêndices deste trabalho.

²⁶ Será nomeada como Coordenadora A conforme suas respostas forem citadas na análise dos dados.

²⁷ Serão nomeadas como Diretora A e Diretora B conforme suas respostas forem citadas na análise dos dados.

Isto implica atividades, materiais específicos, enfim, que toda uma programação seja elaborada com a finalidade de acolher esse momento.” (SARTORI, 2016, p.71).

Ao analisar as respostas das participantes da entrevista²⁸, pode-se dizer que, todas elas têm consciência da importância dessa programação, de um planejamento para acolher as crianças na escola e isto ocorre nas escolas que trabalham ainda antes do início do ano letivo nas reuniões de setores e professores.

A acolhida das crianças é planejada, primeiramente, antes de iniciar o ano letivo, os setores sentam e pensam algumas ideias para recepcionar essas crianças. Posterior a esta reunião, nós temos a reunião com os professores, ao qual são passadas algumas ideias e assim discutido o que é mais viável a cada turma, destacando que muda muito de uma faixa etária para outra, né. (Coordenadora A).

Corroborar-se com a participante, acrescentando que é extremamente importante tomar cuidado com as atividades e formas de recepcionar a criança em cada faixa etária e isto deve ser levado em consideração no momento de planejar a acolhida da criança. Esta mesma preocupação apresenta-se na fala da Diretora B, destacando a importância da troca de experiências ocorrida entre a direção da escola e seus professores no momento de planejar.

O comprometimento com o planejamento das ações de acolhimento e a preocupação com a faixa etária das crianças atendidas é outro ponto importante que se manifesta na fala da Diretora C, em que expõe:

No início do ano letivo então a gente tem né a primeira reunião com os professores e ali a gente já define de que maneira será essa acolhida. Cada professor fica livre para fazer as suas atividades. Eles têm as horas atividades para isso. Então eles vão sentar e vão planejar de que forma eles vão começar a receber. A gente procura fazer de uma semana a quinze dias de atividades diferenciadas do que a gente costuma fazer durante o ano, que é uma chegada diferente, ou seja, alguma coisa que chame a atenção da porta, a professora pode se vestir (fantasias), receber com pirulito [...] cada profe né fica livre para fazer essa acolhida da criança na escola dentro de sua faixa etária, cada qual na sua idade.

Segundo as respostas cedidas pelas entrevistadas, fica evidente que as educadoras são as principais responsáveis por projetar a chegada da criança e sua acolhida, sempre com a assistência e acompanhamento da direção, bem como o seu apoio no planejamento e no papel que desenvolve, principalmente neste momento do ano letivo.

A Coordenadora A complementa dizendo que [...] na reunião de setores é levantado algumas ideias e na reunião com os professores é cogitado essas ideias, ai vai do professor ver se é viável para sua turma aquela atividade, aquela forma de acolhida.

²⁸As falas das participantes serão apresentadas em letra itálicas para diferenciá-las das citações de teóricos.

A segunda pergunta da entrevista faz referência justamente a este profissional responsável pelo planejamento e acolhida da criança e sua família no ambiente escolar: a educadora infantil. Nesta questão, as entrevistadas foram convidadas a responder como as educadoras da escola se organizam para receber as crianças que ingressam na instituição de ensino no decorrer do ano letivo e como a escola, num todo, se organiza para a chegada desta nova criança no seio da sala de aula.

Segundo Nogaró e Nogaró (2012, p. 35) ao entrar pela primeira vez na escola a

[...] criança precisa encontrar, na escola, condições para desenvolver-se com autonomia e segurança. No seio da família ela é revestida de cuidados muito próximos por aqueles que com ela convivem e, ao chegar à escola, este aconchego deixará de ser tão intenso, tão “apegado”, feito por pessoas diferentes (porém preparadas profissionalmente), exigindo que ela se desafie a enfrentar obstáculos e descobrir seu jeito de ser e de agir no novo ambiente. Este é diferente de sua casa, assim passará a não mais sentir a “proteção” paterna e materna e procurará construir seu próprio espaço de convivência na relação com colegas e professores.

Desta forma, a chegada da criança na escola após o início do período letivo deve ser respeitada e planejada tanto quanto no início do ano, para que ela sinta-se acolhida e segura para criar seus vínculos, interagindo e buscando seu espaço junto aos colegas que já se conhecem, conviveram por mais tempo e, assim, criaram seu círculo de amizades.

Quanto a isso, a Diretora C defende que na

[...] verdade, se a criança chegar durante o ano não há nada muito diferente daquilo que a gente faz no início, né. Vai ser essa acolhida, as outras crianças já estão adaptadas então, vai ter mais a participação da auxiliar com as outras e a profe diretamente com essa criança nova né, ela vai ter um período, ela já não chega e fica o dia todo, ela vai ter horários alternados, até que ela consiga ficar integral na escola, vai depender de cada criança esse momento de a gente perceber que ela já pode ficar no turno integral.

Este atendimento diferenciado com o novo aluno, para que ele se sinta bem acolhido, faz parte do papel da educadora infantil na sua tarefa de responsável pelo bem-estar das crianças e no seu compromisso com o cuidar e o educar. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil,

[...]cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a autoestima. A existência de um ambiente acolhedor, porém, não significa eliminar os conflitos, disputas e divergências presentes nas interações sociais, mas pressupõe que o professor forneça elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam

a conviver, buscando as soluções mais adequadas para as situações com as quais se defrontam diariamente. (BRASIL, 1998, v.1, p. 31).

Desta forma, a educadora precisa estar preparado para este desafio de receber uma criança mesmo no decorrer do ano letivo. Deve ter uma organização diferenciada na rotina e planejamento flexível para poder atender a todos da melhor forma possível. Da mesma maneira que na abertura do ano, os pais devem ser orientados pela direção e educadoras de como proceder com o período de adaptação escolar de seu filho.

Primeiramente, as crianças novas que vão chegando no início do ano letivo elas são acolhidas no grupo, bem como as demais crianças que já são alunos da escola e no decorrer do ano letivo, se for chegando alguma criança, nós conversamos com os pais, e se a família tiver essa possibilidade de aguardar um ou dois dias para que a escola comunique o professor de que uma criança nova estará chegando na escola para que este consiga se preparar com uma atividade mais atrativa, em virtude de que é o início de tudo para esta criança, a gente faz desta forma. Caso a família não tenha essa viabilidade, a gente já comunica o professor para ir se preparando com um planejamento sempre com uma carta na manga, vamos dizer assim, para acolher essa criança que inicia o seu ano letivo na escola. (Coordenadora A).

Além disso, a Diretora B defende que a educadora infantil precisa preparar-se e organizar-se com [...] *atividades pedagógicas, jogos, brincadeiras*. Tanto na escola da Diretora B quanto nas demais escolas, a criança inicia sua inserção na instituição escolar em período diferenciado até a professora observar que ela está apta para permanecer na escola no período integral.

De uma forma geral, pode-se afirmar que as gestoras das escolas de Frederico Westphalen têm consciência da importância do acolhimento bem realizado para a criança e do planejamento para este momento em qualquer que seja o período do ano.

Dando seguimento à entrevista, as gestoras dialogaram se os pais das crianças recebem orientação a respeito do período de adaptação escolar, quem fornece as informações, de que forma eles são comunicados e como eles reagem com as explicações, uma vez que são leigos no que diz respeito à escola, sua funcionalidade e como devem proceder ao levar seu filho na instituição.

Sabe-se que os reais pesquisadores e entendedores desta nova etapa na vida da criança e da família são necessariamente a direção da escola e as educadoras que atuam nela, pois estudaram, se aperfeiçoaram e têm experiência com um grupo de crianças e sabem como acolhê-las da melhor forma. Portanto, é de extrema importância que haja uma orientação aos pais sobre este período de entrada da criança na escola e possíveis implicações no processo de adaptação escolar. Sartori (2016, p.82) relata que “[...] as mães (das crianças) precisam ser

trabalhadas, elas precisam ter confiança na escola e isso também requer um tempo, assim como um trabalho de orientação por parte da escola.”. Assim, é importante que a escola oriente os pais e responsáveis para que estes tenham segurança ao levar seus filhos para a escola e, ao mesmo tempo, incentivem a permanência deles no ambiente escolar.

Quanto a estas orientações que devem ocorrer no início do ano e as informações repassadas aos pais, a Diretora C relata que

[...] cada pai que vem fazer seu pedido de vaga que é chamado na escola para matrícula, primeira coisa ele vai ter é uma entrevista com a professora do seu filho. Então ele vem fazer a entrevista com a professora, durante esta entrevista já é colocado todo o funcionamento da escola, de horários, o período que a criança vai fazer sua adaptação, se é duas profes de 20 horas, então é uma horário com a profe da manhã e um horário com a profe da tarde. A gente procura fazer um horário assim que a profe consiga estar dando essa atenção. [...] durante esta entrevista é colocado aos pais, então, que ela vai começar com uma hora, uma hora e meia, né e vai dependendo da criança estar dando esta resposta de que ela está bem, de que pode aumentar duas horas, naquela semana, daqui a pouco dois ou três dias ela já consegue ficar na escola, tem crianças que demoram quinze dias, vinte dias, então depende de cada criança. Alguns pais entendem, mas a maioria dos pais eles já querem que no outro dia eles possam trazer e já deixar. Há essa resistência de entender que é muito importante esse período de adaptação. Daqui a pouco a criança vai ficar bem no primeiro e no segundo dia e na outra semana ela já não vai ficar, né, foi forçada a ficar. [...] Então assim, muitos pais tem essa dificuldade, entender que precisa: “Preciso mesmo fazer? Ela já ia em outra escola, já ficava com a tata, ela é super tranquila...” e a gente sabe que ele já quer deixar, porque para ele fica complicado. Então a gente já chama para a entrevista, já coloca para eles que é necessário que eles se organizem, de que eles tenham alguém para fazer essa parte, coloca-se que é muito importante o professor conversar diretamente [...] a gente percebeu que durante essas entrevistas é que eles entendem melhor né, essa conversa olho no olho com o professor, então está sendo bem tranquilo esse ano as nossas adaptações aqui.

Pode-se perceber que há uma observação interessante a respeito do comportamento dos pais, que procedem de maneira diferenciada quando se compara o que pensavam sobre a entrada da criança na escola antes de receber as orientações e depois das informações repassadas pela educadora no momento da entrevista, reforçando a importância desta conversa antes do primeiro dia de aula da criança na escola. Outra observação importante foi relatada pela Coordenadora A quando questionada se os pais aceitavam a orientação da escola. Ela respondeu:

A maioria sim, alguns têm um pouquinho mais de dificuldade em virtude de que nem sempre eles querem que a criança venha para a escola, né. Às vezes por ser o primeiro filho ou o filho único que está vindo para a escola e que a mãe ou o pai passam o maior tempo com ele, há esse apego, então existe uma resistência, mas conversando, aos poucos, a gente consegue sim.

Desta forma, torna-se necessário que a família, principalmente a mãe, por seu papel fundamental da maternidade, educadoras e a direção da escola possam caminhar juntos quando se fala em acolhimento da criança e adaptação escolar. De acordo com Sartori (2016, p. 97) pode-se

[...] afirmar que um efeito dessa falha na compreensão do processo, principalmente no que diz respeito à função das mães, é a dificuldade em sustentarem as propostas, que, em si mesmas, proporcionariam condições favoráveis à adaptação. Os efeitos desse tipo de vacilação recaem sobre a criança. É ela que sofre as consequências desse jogo de imprecisões, pois, muitas vezes, uma situação inadequada pode se encompridar, porque a escola, seja por via do diretor ou do professor, não interveio na hora certa. Acaba ficando para a criança um resto dessa operação marcada por mal-entendidos entre escola e mães.

Por isso, é extremamente importante que a orientação aos pais sobre o processo de adaptação escolar ocorra nas escolas de forma clara e objetiva, mostrando a eles o quanto é importante o seu papel na entrada da criança na escola e o quanto colabora para o bem-estar do seu filho que esteja tranquilo em deixá-lo com outras pessoas. Para Sartori (2016, p. 112) a “[...] função da escola nesse momento é a de acolher a criança, reconhecer essa dinâmica familiar que, de maneira variada, se apresenta. A escola precisa posicionar-se em relação às mães a fim de orientá-las no espaço escolar.”

Quanto a esta orientação aos pais, a Coordenadora A relata que, em sua escola

[...] acontece uma conversa com a professora, nós temos a orientadora educacional que também auxilia com os pais de como proceder, destacando que varia de criança para criança, cada criança tem uma forma de se adaptar e a gente tem que ter esse olhar atento para ver: “com essa criança vai funcionar desta forma, com a outra criança vai funcionar de outra forma”. Mas os pais são bem recepcionados também pela escola, a gente passa primeiramente uma confiança para os pais para que os pais possam estar passando essa confiança para as crianças e sempre que eles acharem necessário, eles podem vir e estar conversando tanto com a profe quanto com a coordenação ou a orientadora educacional.

É importante salientar que esta confiança que os pais devem ter na escola é essencial tanto para a educadora quanto para a criança, pois, conforme Nogaro e Nogaro (2012, p.35), a “[...] participação e envolvimento dos pais ou da família da criança, quando da sua entrada na escola, influencia no comportamento e no sentimento da criança em relação ao novo espaço de convivência”.

Desta forma, pode-se afirmar que a comunicação entre a educadora e os pais das crianças deve ocorrer frequentemente. Assim, em uma quarta questão, as gestoras relataram

sobre como acontece esse diálogo, essa comunicação entre as educadoras e a família da criança.

Segundo Nogaró e Nogaró (2012, p. 40) o

[...] diálogo aberto e franco entre a família e escola é poderoso aliado ao crescimento da criança. Os pais precisam sentir-se à vontade para perguntar e dirimir dúvidas, sugerir ideias que acreditam ser úteis à escola, em qualquer período do ano letivo e não somente na entrevista no início do ano. Família e escola constituem-se em diferentes contextos onde a criança vive, porém é necessário que ela, a criança, também perceba que estes dois espaços não são estranhos entre si.

E ainda complementa, reforçando que as “[...] trocas entre estes dois agentes/espacos permitem maior compreensão de como a criança está, bem como das formas adequadas e oportunas de intervenção para solucionar necessidades da criança.” (NOGARÓ; NOGARÓ, 2012, p. 41).

Por este motivo, a troca de experiências e informações entre a escola e os pais das crianças precisa ser constante. Quanto a esta comunicação, a Diretora B relata que [...] *pais e professoras mantêm um relacionamento tranquilo, comunicando-se através de recados na agenda e conversas informais*. As conversas informais, citadas pela gestora, dizem respeito aos diálogos ocorridos entre pais e educadoras ao final do dia, em que se relata como foi o dia da criança, se passou bem, como foi seu comportamento, alimentação, machucou-se, dentre outras situações.

Quanto a esta conversa diária Goldschmied e Jackson (2006, p.222) defendem que a “[...] pessoa que entrega a criança a quem vem buscá-la na hora de ir para casa deve saber, diretamente ou por meio da educadora-referência, o que a criança fez naquele dia e assim relatar ao pai ou à mãe; isso deve ser um procedimento padrão.” Quando esta conversa não ocorre pessoalmente, os pais precisam saber do cotidiano da criança ao menos através de outro meio de comunicação: a agenda.

Segundo a Diretora C a comunicação com os pais

[...] é muitas vezes assim: na porta da sala, o professor chega, a mãe chega com a criança e já quer ir conversando. Mas o que a gente pede é assim, que, a gente tem agenda que é um meio de comunicação entre a escola e a família e se tiver mais alguma coisa a gente sempre orienta que venha na “Hora Atividade” do professor, pois uma vez por semana o professor está ali planejando, né. Se o professor é 40 horas, então ele consegue estar atendendo os pais durante o dia, esclarecendo aos pais, porque você sabe que durante a aula é muito corrido, né, então o professor não vai ter esse tempo de atender os pais na porta, porque quando eles chegam, eles vão chegando um atrás do outro, então a profê já coloca: “Oh pai, se você precisa conversar comigo, então eu vou estar de hora atividade no dia 09 - ou o dia que ele tiver – então neste dia vou estar disponível para te atender e tirar as tuas dúvidas”,

então a gente sempre procura trazer para essa data. Algumas coisinhas, assim, até consegue conversar na porta, resolver, a agenda também resolve com o recadinho do professor, coisinhas assim a gente vai conseguindo e vai se comunicando.

Esta conversa com os pais, marcadas com horários próprios destinados a cada família da criança individualmente costuma ser mais produtiva, surgem outros assuntos não programados, a educadora pode esclarecer dúvidas recorrentes dos pais e, ainda, pode fazer com que se sintam mais seguros quanto à pessoa que está cuidando e educando seu filho diariamente. Além disso, a conversa porta-a-porta atrapalha a rotina da aula, uma vez que, naquele momento, a atenção deve estar voltada à criança.

Após saber sobre como ocorre a comunicação entre pais e educadoras e concluir que esta comunicação tão importante de fato está acontecendo, sendo por meio das conversas informais, das entrevistas, de anotações na agenda, dentre outras formas, as gestoras relataram como foi o acolhimento das crianças na escola no início deste ano letivo.

Segundo a Coordenadora A, o início do ano letivo

[...] foi tranquilo. Algumas crianças choraram no início do ano em virtude dessa separação, né, é um ambiente novo, com pessoas novas, tudo diferente, então sim, houve algum choro, mas nada que com a ajuda de setores, da profe e da família não foi contornado, então foi bem tranquilo.

A Diretora B relatou que *o período de acolhimento das crianças na escola foi tranquilo, houve choro, mas a professora e a direção fazem atividades diferenciadas para entreter.*

Já a Diretora C avaliou que

[...] o primeiro dia assim foi mais difícil para a escola [...]. A gente inicia as aulas ali no período de fevereiro e deixamos até quase o finalzinho de fevereiro para os alunos (que já eram da escola) retornarem, porque há uma nova readaptação, né, é a vinda das férias, então assim, esse período para nós os primeiros dias é difícil, porque eles voltam chorando, então, é como eu te digo, já inicia-se com atividades diferenciadas para o retorno desses alunos e depois que o professor vê que tá tranquilo, aí eu digo: “Ah, então a gente vai começar com os alunos novos!”

Então, durante a conversa, a Diretora C relatou que eles têm como política na escola receber, primeiramente, as crianças que já eram matriculadas na escola e, assim que estiverem adaptadas e convivendo bem com os colegas e professores, eles chamam as crianças que são novas na escola para iniciar o ano letivo. Então,

[...] depois que o professor vê “Agora minha turma já está readaptada, né”... porque é professor novo, é atendente nova, é sala nova né, é tudo novo pra ele. Então a partir do momento que o professor me passa “Oh dire, tá tranquilo, podemos iniciar” eu já inicio daí com os alunos novos. (DIRETORA C).

Esta forma diferenciada de perceber o acolhimento da criança na escola se destaca pelo fato de a educadora poder dar maior atenção àqueles que estão chegando pela primeira vez na escola e facilitar o seu processo de adaptação, uma vez que não haverá mais choros dos colegas ou as mais variadas formas de aversão das demais crianças em decorrência de não querer permanecer na escola. Isto deixa a educadora mais tranquila por poder preparar-se melhor para os novos desafios que surgem em decorrência de uma nova criança em sua sala de aula.

Pensando nas crianças, sejam elas novas na escola ou reingressantes após o período de férias, a educadora infantil precisa estar preparado para acolhê-las da melhor forma possível e convencê-las de que a escola é um bom lugar para estar. Desta forma, a sexta pergunta se remete aos recursos pedagógicos que os professores podem utilizar para acolher as crianças na escola.

Segundo Oliveira (2012, p. 194) a

[...] passagem da criança de seu núcleo familiar para a escola de Educação Infantil é um marco no seu desenvolvimento. Não apenas porque isso lhe permitirá alargar seus relacionamentos e aprender a viver em grupo, mas principalmente porque entrará em contato com novas situações, será estimulada a pensar e a se posicionar afetivamente em relação a determinados conhecimentos, e isso é condição para uma importante evolução da linguagem e do pensamento. Acompanhar esse processo e alimentá-lo é o principal objetivo do planejamento do professor.

Planejamento este que deve perpassar, dia a dia, a necessidade das crianças e, quando é chegada a hora de recebê-las na escola, precisa ser elaborado com muito carinho e muito bem pensado, fazendo uso de recursos pedagógicos atrativos e inerentes a cada faixa etária. Além disso, este planejamento precisa ser repensado ano após ano, para verificar o que de fato foi sucesso na chegada das crianças na escola e o que pode ser melhorado para o próximo ano.

Desta forma, a sétima e última pergunta da entrevista se remete a esta reflexão de como foi o acolhimento das crianças na escola neste ano e o que poderia ser melhorado, reestruturado para o próximo período letivo.

A organização de uma instituição de Educação Infantil é indispensável no momento de acolhida da criança e da separação que ocorre entre ela e sua família. Por isso, exige-se um momento de observar o que pode ser melhorado, planejar essa ação e, em seguida, pô-la em prática. Segundo Ortiz e Carvalho (2012, p. 59) “[...] é preciso promover discussões e

reflexões a cada novo período de entrada de crianças, aprendendo com o passado e planejando o futuro.”.

Neste contexto, durante a entrevista com a Coordenadora A, pôde-se entender que já existe uma preocupação por parte da direção desta escola em relação ao próximo ano letivo, levando em consideração o que puderam observar neste ano. Segundo a Coordenadora A

[...] para o próximo ano, nós pensamos e já foi discutido em reunião a possibilidade de iniciar o ano letivo da Educação Infantil uma semana antes do ano letivo dos anos iniciais e anos finais em virtude de que eles precisam de um tempo maior para adaptação, em que a escola vai estar mais calma, será só eles, então sim, a gente pensa nessa nova proposta para o ano que vem. Também pensamos na reunião de pais ser antecipada para que a profe possa ter esse contato com os pais antes e estar passando essa segurança maior para os pais.

Logo, nas demais escolas, esta preocupação ocorre, porém seguem realizando o trabalho que deu certo no início deste ano letivo para poder analisar e reorganizar durante o processo de acolhimento o que está tendo sucesso e o que podem melhorar. De acordo com a Diretora C

[...] por enquanto assim, o que a gente planejou para as adaptações novas e para os alunos retornar deu certo. Não houve nada assim que se dissesse: “Não, não deu!”... talvez algumas salas tem maior resistência, a criança chora, mas ali também pode ter faltado um pouco do envolvimento do professor, de criar uma atividade, de tentar fazer com que a criança fique, então, de repente, por falta do professor. Mas as turmas que realmente fizeram, foram tranquilas, respeitando os horários, não deixando a criança a manhã toda, combinando com o pai que é aquele horário, busca, deixa mais um pouquinho, até poder ficar para a alimentação, no período do soninho, aquela coisa, até ficar integral, aí foi tranquilo.

Ainda, a Diretora B salienta outra realidade existente na escola do Município e que implica diretamente no planejamento de um ano para o outro, que é a troca da direção da escola. Segundo ela, neste ano [...] *todas as tentativas deram certo, mas não temos previsão para o próximo ano em função dos partidos políticos que irão assumir e provavelmente mudarão a realidade das escolas de Educação Infantil.* Neste caso, o acolhimento das crianças será planejado no início do ano letivo, conforme os profissionais que estarão trabalhando na escola e de acordo com as práticas que já são realizadas, como já foram relatadas no início das entrevistas.

Considerando a realidade das escolas de Educação Infantil de Frederico Westphalen como um todo, pode-se dizer que é interessante a prática realizada pelas instituições educativas e a maneira como elas optaram para melhor receber as crianças dentro de suas realidades, levando em consideração a necessidade dos pais, valorizando e orientando o

trabalho das educadoras e, principalmente, o bem-estar das crianças em relação à sua chegada e processo de adaptação ao novo ambiente e às novas pessoas que vão passar a fazer parte do seu cotidiano.

As entrevistadas, de forma geral, mostram conhecimento a respeito deste período de acolhimento da criança na escola, sobre a adaptação escolar e as principais questões que este período implica. Além disso, demonstram preocupação com todos os envolvidos e procuram planejar novas alternativas para melhor receber as crianças e seus familiares na instituição escolar. Também, é possível perceber o interesse da direção no trabalho realizado pela educadora e influenciando diretamente em sua prática, com novas ideias e alternativas para aprimorar o seu planejamento e trazendo subsídios para a aplicação do mesmo.

5.2 O acolhimento da criança sob o ponto de vista das educadoras

Como já relatado neste trabalho, os questionários²⁹ foram entregues a 2 (dois) educadoras por escola de Educação Infantil selecionada, totalizando 6 (seis) participantes. Destes participantes, 5 (cinco) devolveram o questionário respondido, sendo que destes, todas as questões davam retorno do que pensavam a respeito da questão. Vale lembrar que será utilizado o termo “educadora” pelo fato de haver apenas mulheres participando desta parte da pesquisa. Ainda, conforme previsto no Tratamento ético do projeto desta pesquisa, as participantes terão seu anonimato assegurado, sendo que as mesmas serão referenciadas pelo termo educadora A, B, C, D ou E, conforme forem citadas³⁰ durante o texto da análise de dados. Da mesma forma, é importante salientar que, por se tratarem das mesmas perguntas, os *feedbacks* das participantes são muito similares e, por isso, nem todas as respostas serão citadas no trabalho.

Cabe destacar que, por haver respostas que podem ser mais satisfatoriamente visualizadas e explanadas através da utilização de imagens, estas formas de representação de dados serão utilizadas.

Considerando a primeira questão, em que as educadoras foram convidadas a responder se a acolhida das crianças é planejada, pode-se afirmar que esta prática é fundamental quando se quer uma recepção bem organizada e que atraia a atenção das crianças e desperte o sentimento de segurança dos pais.

Segundo Sartori (2016, p. 14) a

²⁹ Cabe destacar que as questões do questionário estão descritas, na íntegra, nos apêndices deste trabalho.

³⁰ As citações das educadoras participantes serão destacadas em itálico durante o texto, diferenciando das citações de autores.

[...] escola, aqui representada pelo professor, cabe receber a criança. Portanto, devem-se criar condições para que o espaço escolar seja reconhecido pela criança. Para o professor, é um momento de ação voltada para o aluno com a intenção de conhecê-lo e permitir que ele o conheça, ou seja, que entre ambos se estabeleça um laço, uma relação de confiança.

Assim, planejar a acolhida da criança e recebê-la com cordialidade, bom humor, com alegria e com materiais pedagógicos atrativos e bem elaborados é essencial para este momento do ano letivo. Este planejamento pode ser efetuado em consonância com a direção da escola e os demais educadoras pode ser uma valiosa ferramenta para elaborar boas estratégias e criar vínculos de planejamento para o restante do período letivo.

Em resposta à primeira pergunta do questionário, a Educadora B relata que a acolhida das crianças é planejada e explica que *no período que antecede o início das aulas as professoras do setor de Educação Infantil se reúnem para planejar a recepção das crianças com atividades diferentes, bem como salas temáticas e organizadas de forma a 'encantar' as crianças.*

O planejamento de uma recepção com salas de aulas temáticas e atrativas às vistas da criança, a entrega de lembrancinhas e a inclusão de brincadeiras e de brinquedos na prática das educadoras foi utilizado como resposta por todas as participantes. Ainda, cabe salientar que, deve haver muita pesquisa teórica e prática por parte da educadora a respeito da adaptação de novos alunos e readaptação das crianças que já frequentavam a escola, afinal é a educadora o principal responsável pelo encantamento da criança pela sua escola neste primeiro momento.

De acordo com Balaban (1988, p. 73) uma

[...] sala cuidadosamente arrumada com materiais bem selecionados e em quantidades apropriadas reflete a sua séria preocupação com as necessidades dos primeiros dias. Quando existe uma certa ordem, uma limpeza animadora, uma disposição atraente de brinquedos que não oprimem, isso vai mostrar àqueles que entram na sala que você previu a chegada delas com alegria e preocupação. O seu prazer e o seu cuidado com a chegada delas vai preparar o caminho para uma separação exitosa.

Além de preparar uma sala de aula atrativa, é importante pesquisar. Pesquisar a respeito da idade dos alunos, do que gostam de brincar, o que os atrai, de que forma deve conversar com os pais, o que fazer no momento da separação, tudo isso e muito mais devem estar presentes no momento da investigação da educadora para iniciar o ano letivo.

Esta pesquisa realizada neste período foi mencionada pela Educadora A, que explica:

Eu realizo várias pesquisas quanto ao nível (idade) que estarei atuando para que a recepção deles no primeiro dia seja a mais agradável possível. A escola busca trazer as características dos alunos, mas o importante é observar suas primeiras ações, pensando em novas estratégias de inclusão deste no meio escolar.

De forma geral, pode-se dizer que todas as educadoras que responderam ao questionário têm consciência da importância de planejar o acolhimento da criança na escola, buscando novas alternativas para que esta se sinta bem perante o ambiente e às demais crianças. Assim, a educadora que tem como postura ser um exímio pesquisador tem grandes chances de obter sucesso em seu planejamento e também no acolhimento da criança em sala de aula, uma vez que tem consciência dos processos e de todos os riscos que corre ao tomar esta ou aquela atitude perante a criança e à condução da sua aula.

Esta atitude também vai influenciar na resposta da segunda questão do questionário, que se remete ao procedimento que a educadora adota quando sabe que receberá uma nova criança em sua turma de alunos no decorrer do ano letivo. É sabido que as crianças têm comportamentos próprios e qualquer que seja o acontecimento modifica sua estrutura emocional. A criança nova que está chegando, precisa separar-se dos pais e ficar em uma escola que desconhece, com pessoas estranhas e colegas que já se entrosaram desde o início do ano letivo. Da mesma forma, as crianças que já fazem parte da turma, irão receber um novo membro, uma pessoa que não conhecem, que pode aceitá-las ou simplesmente não gostar delas, que talvez chegue chorando, toma o tempo da educadora, que era somente deles, para outra pessoa que mal conhecem. Desta forma, a chegada de uma nova criança no meio escolar, modifica muito a rotina e também deve modificar o planejamento da educadora.

Winnicott (1993, p.45) defende que cada criança deve ser tratada com singularidade, afeto e respeito, com amorosidade e dedicação inerente de cada ser humano. No entendimento do autor

[...] duas crianças rigorosamente idênticas, requer-se de nós que nos adaptemos de modo específico às necessidades de cada uma. Isso significa que todo aquele que cuida de uma criança deve conhecê-la e trabalhar com base numa relação viva e pessoal com o objeto de seus cuidados, e não aplicando mecanicamente um conhecimento teórico.

Isto equivale a dizer que, a educadora infantil tem uma responsabilidade redobrada quando se trata de cuidar e educar uma criança nova que se integra em sua turma. É preciso que recepcione esta criança com afeto e dedicação, que tome precaução em preparar o grupo

de alunos, explicando como procederá neste período, que a criança que chega exigirá uma atenção maior da educadora e procure conhecer a nova criança e sua família.

Segundo a Educadora B, *há o nervosismo e preocupação quanto à aceitação da criança quanto ao ambiente e quanto à turma e novos amigos. Por isso, é feito um preparo de alunos da turma para que o ambiente já esteja acolhedor a ponto de facilitar a adaptação escolar.* É natural que haja um sentimento de apreensão do professor quanto à chegada de um novo aluno, afinal, é difícil prever como será sua reação ao entrar em contato com pessoas diferentes do seu convívio natural.

De acordo com Araújo (1987, p.6), é

[...] provável que nos primeiros dias a criança se assuste com a ideia de ficar sozinha na escola. Crises de choro e indícios de tensão emocional são comuns nesse período, pois ela pode sentir-se abandonada ou não entender por que a estão deixando num lugar estranho com pessoas que até então nunca viu.

Ao se deparar com este novo ambiente de convívio, a criança pode ter várias reações e, desta forma, a família e a escola precisam trabalhar juntas. De acordo com a Educadora E o sentimento em receber uma nova criança é de *ansiedade, alegria, interesse em conhecê-la, pois além de um novo aluno, estamos recebendo uma nova família.* Assim, para que este início da vida escolar seja prazeroso, é preciso que a criança se sinta segura na escola. Para Nogaro e Nogaro (2012, p. 35), a

[...] criança precisa encontrar, na escola, condições para desenvolver-se com autonomia e segurança. No seio da família ela é revestida de cuidados muito próximos por aqueles que com ela convivem e, ao chegar na escola, este aconchego deixará de ser tão intenso, tão “apegado”, feito por pessoas diferentes (porém preparadas profissionalmente), exigindo que ela se desafie a enfrentar obstáculos e descobrir seu jeito de ser e de agir no novo ambiente.

Para que haja essa segurança na criança, é preciso que haja preparação por parte da educadora. Conforme a Educadora E é

[...] um momento de preparação. Em primeiro lugar é feita uma entrevista com os pais ou responsáveis pela criança para colher informações sobre a mesma. É uma forma de conhecê-la um pouco antes de recebê-la, como: o que ela gosta de brincar, ler, assistir, se tem alguma mania, medo ou doença, etc.

De modo geral, todas as respostas das participantes apontaram para a chegada de uma nova criança na escola como um momento repleto de emoções, sentimentos e, não menos importante, de preparação para o novo. Conhecer a criança, neste momento da vida escolar,

torna-se essencial para poder melhor acolhê-la e transformar suas inseguranças em vontade de vir para a escola e conviver com os demais colegas. Por este motivo, o papel da educadora sendo aquele que irá acolher a criança na escola, quem irá apresentar este espaço e os demais colegas para a criança ingressante é de extrema importância. Segundo Silva e Costa (2011, p. 49), o

[...] papel do adulto enquanto parceiro mais experiente é fundamental nessa primeira fase de reconhecimento e exploração do ambiente pela qual a criança passa. Ele deve procurar perceber a dinâmica das relações que estão sendo construídas. E contribuir para que elas se deem da melhor forma possível, sugerindo trocas ou empréstimos no caso das disputas pelos brinquedos, incentivando a criança a enfrentar desafios e assim por diante.

Sabendo do grande compromisso da educadora com sua prática nesta acolhida da criança e da sua responsabilidade enquanto sujeito integrador do grupo, a terceira questão se designa a conhecer quais estratégias pedagógicas as educadoras consideram essenciais para acolher um aluno que está no período de adaptação escolar.

Na visão de Reda e Ujii (2009, p. 10087), o

[...] processo de adaptação tem vida, ele se move de acordo com o sentimento e as percepções das pessoas nele envolvidas. O que toca o que encanta, o que prende a atenção da criança é a descoberta que fará a educadora no contato com ela. Este contato é dinâmico, se dá através do olhar, do toque, do tom de voz, da brincadeira e da imaginação que aparece sempre vestida de faz-de-conta.

Desta forma, a educadora precisa utilizar-se de sua criatividade e de sua afetividade para conquistar seus novos alunos. Este carinho e respeito pela emoção das crianças estão presentes na resposta de todas as participantes. A Educadora A enfatiza que é preciso dar *carinho em primeiro lugar, além das atividades lúdicas que envolvem e provocam maior interação entre professor-alunos-colegas*. O carisma e a paciência são outras características importantes citadas pela Educadora C.

Alguns outros pontos essenciais para o acolhimento da criança apresentam-se na resposta da Educadora D: *Conhecer um pouco de suas preferências; orientar a turma sobre a chegada de um novo (a) colega; acolher com carinho e atenção, proporcionando confiança para que se sinta bem no grupo; estimular sua participação em todas as atividades*.

A Educadora B lembra que a brincadeira pode ser um importante mecanismo para ajudar na adaptação da criança nova e para integrá-la no grupo, quando afirma que há a *preocupação em usar o ambiente da sala como meio de encantamento, promover atividades de interação entre as crianças para formar vínculos, promover recepções lúdicas e*

tranquilizar os pais para que confiem na professora e na escola. Além disso, conhecer as preferências da criança também se encontra relacionada como estratégia pedagógica para receber um aluno que se encontra no período de adaptação escolar, pois, conforme afirma a Educadora E: sempre pesquisando como é a família, o que a criança gosta de fazer (um brinquedo, uma toalha, etc.), até mesmo um filme ou música podem acalmá-la no momento do choro.

Destaca-se que todas as educadoras encontraram no afeto, no bom tratamento, no bem estar da criança a melhor estratégia para acolher as crianças que estão passando pelo período desafiador da adaptação escolar. Isto é muito importante, pois a base essencial da Educação Infantil como um todo está afixado no emocional, que envolve sentimentos das crianças e também dos educadoras. De acordo com Rizzo (2010, p. 81), é

[...] na primeira infância, de zero a seis anos, que o indivíduo forma hábitos, valores, atitudes e constrói as bases de sua personalidade. Qualquer ação psicopedagógica planejada para essa faixa etária tem que estar implantada em fortes bases afetivas, pois o desabrochar da inteligência se faz envolvido em profundas emoções, todas frutos da convivência do aluno com seu educadora.

Assim, a educadora possui papel fundamental na formação do indivíduo como um todo e, por mais obstáculos que tenha para cumprir a sua missão de cuidar e educar crianças pequenas, sejam elas a falta de tempo para teorizar sua prática, falta de material para realização de atividades pedagógicas ou falta de apoio da direção e dos pais dos alunos, é essencial que pense em seu alunato com carinho e dedicação. Embora esteja incumbido desta tarefa hercúlea, não se pode esquecer que a educadora também tem seus sentimentos e frustrações, suas preocupações em relação ao novo aluno, à nova família que irá chegar.

Dessa maneira, fez-se importante conhecer, em uma quarta questão, quais os desafios que enfrenta quando as crianças estão passando pelo período de adaptação escolar. Sartori (2016, p.68) salienta que o

[...] professor é aquele que vai estar submetido à pressão de todos os lados: das oscilações das crianças, da pressão dos pais, das exigências da direção da escola. É bastante frequente, nesse período, os professores viverem momentos de forte stress, chegando mesmo a produzirem sintomas físicos, caso não estejam bem-preparados para acompanhar e responder a essa condição de trabalho.

Para saber lidar com esse momento complexo da vida da criança e de seus familiares, a educadora precisa estar bem preparado teoricamente, ter consciência de que este momento

de separação do aluno dos seus pais é de sofrimento, além de ser um período desgastante. Para a Educadora B, os principais desafios são:

Ter tranquilidade e equilíbrio para transmitir isso às crianças, no momento em que há a necessidade de ser afetiva e firme para conquistar a confiança do aluno e dar segurança a ele. Também é um desafio convencer os pais a fazer adequadamente a separação com o filho ao chegar na porta da sala de aula.

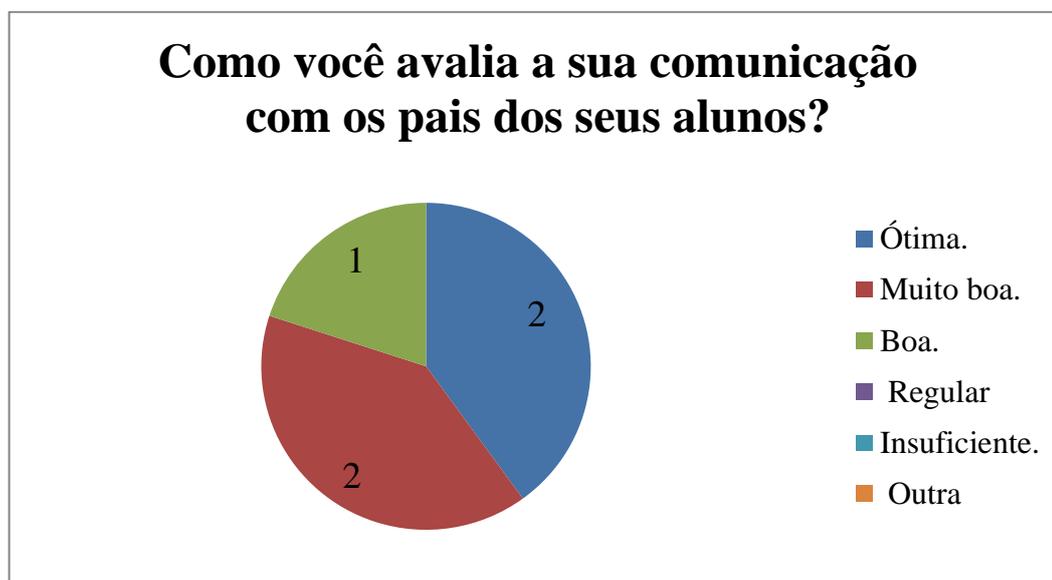
Corroborando com esta ideia, a Educadora D complementa, relatando que *adquirir sua confiança e fazê-la entender que ela ficará ali apenas algumas horas e que seus pais voltarão para buscá-la, pois as crianças sofrem esse momento de separação/ambiente novo/ tempo de espera* também se enquadram nos maiores desafios enfrentados, segundo ela.

Além das ideias expressas, as demais educadoras salientam a preocupação com o novo e em fazer com que os pais sintam-se seguros em confiar seus filhos a elas. Estas preocupações são comuns, pois, até mesmo para os adultos, o que é inesperado, desconhecido, novo, é também um grande desafio. Isto fica evidente no comportamento da família da criança enquanto ela passa por este processo. Segundo Silva e Costa (2011, p. 52), a

[...] época de adaptação é muito especial. Todos desejam que ela caminhe da melhor forma. Mas para cada criança e cada família esse processo ocorre de um jeito ligeiramente diferente e, em parte, imprevisível. [...] não dá para negar que as pessoas ficam mais sensíveis neste período. [...] E é justamente essa sensibilidade que pode facilitar ou dificultar as relações entre as pessoas. Facilita, quando elas ficam mais flexíveis, mais abertas para ouvir o que os outros têm a dizer, pois aumenta a possibilidade de refletir sobre um acontecimento e tomar uma atitude madura diante dele. Dificulta, quando a sensibilidade produz um nível de ansiedade e nervosismo muito grande. Um pequeno gesto de alguém pode ser tomado como ofensivo para quem está muito tenso. Uma coisinha qualquer pode desconjuntar as ideias e as relações. Por esse motivo, é importante ter na equipe pessoas disponíveis para ouvir um desabafo, conversar, orientar, dar apoio àqueles que estiverem precisando, seja uma criança, uma pessoa da família ou um educadora.

Portanto, há de se ter um cuidado especial no momento de comunicar aos pais algo importante que aconteceu durante o dia da criança na escola, principalmente durante este período de sensibilidade aflorada em todos os envolvidos. Neste caso, urge a quinta e última pergunta do questionário, em que faz referência à comunicação entre os educadoras e os pais das crianças. Nesta questão, as participantes foram convidadas a responder como avalia a comunicação com os pais dos pequenos. Por ser uma questão com alternativas definidas, surgem as respostas conforme o gráfico abaixo.

Imagem 1: Gráfico ilustrando o número de respostas em cada alternativa.



Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Analisando o gráfico, pode-se perceber que a maioria avaliou a sua comunicação com os pais como sendo “Ótima” ou “Muito boa”, o que significa que as educadoras participantes da pesquisa mantêm uma troca de conhecimentos e dão retornos eficientes aos pais a respeito do desenvolvimento da criança. Esse diálogo se torna muito importante, uma vez que a interação entre a família e a escola facilita a adaptação da criança e produz nela a sensação de segurança tão importante neste período.

Abrangendo as respostas das educadoras às questões propostas, é possível afirmar que as participantes estão cientes do que é o período de adaptação escolar, da importância da família neste processo e de como acolher as crianças com eficiência, oferecendo-lhes afeto, carinho, proteção e segurança, tão esperado destas profissionais neste período de início da vida escolar.

5.3 O acolhimento da criança na escola sob o ponto de vista das famílias

Os questionários foram entregues a 3 (três) famílias³¹ por escola de Educação Infantil selecionada, totalizando 9 (nove) participantes. Destes participantes, 8 (oito) devolveram o questionário respondido. É importante salientar que, por haver muitas perguntas objetivas,

³¹ Conforme previsto no Tratamento ético do projeto desta pesquisa, os participantes terão seu anonimato assegurado, sendo que os mesmos serão referenciados pelo termo Família A, B, C, D, E, F, G ou H, conforme forem citadas durante o texto da análise de dados. As citações dos familiares participantes serão destacadas em itálico durante o texto, diferenciando das citações de autores.

utilizaram-se gráficos para melhor ilustrar e analisar as respostas. Ainda, por se tratarem das mesmas perguntas³², algumas respostas apresentaram-se muito similares, o que, em muitos casos, gerou a generalização das conclusões apresentadas pelos participantes.

Iniciando a análise e discussão dos dados, traz-se presente a primeira questão, que faz referência à participação da família nas atividades que a escola promove. Esta pergunta foi proposta para que a família pudesse avaliar a sua participação na escola do filho e fazê-la refletir sobre a responsabilidade desta atuação neste ambiente.

O papel da escola e o papel da família na educação das crianças que frequentam as escolas de Educação Infantil é assunto muito discutido por autores na atualidade. Quanto a isso, Nogaro e Nogaro (2012, p. 44) defendem que em

[...] função dos posicionamentos e atitudes dos professores e pais, em algumas escolas, ocorrem disputas para verificar quem ocupa lugar privilegiado na vida da criança; pais e educadoras digladiam-se para ter atenção e ver quem atrai mais o interesse da criança. Acontece isto quando os pais não são suficientemente esclarecidos sobre seu papel e nos casos que o professor não tem formação adequada que lhe permita diferenciar seu papel daquele reservado aos familiares.

Por isso, é de extrema importância que os pais sejam esclarecidos do seu papel e participem integralmente dos assuntos da escola, pois só assim entenderá seu funcionamento e se sentirá mais seguro em deixar seu filho na instituição com uma profissional que conhece o que é melhor para o desenvolvimento da criança.

Então, quanto à participação da família em relação às atividades promovidas pela escola, apenas um dos participantes respondeu que não participa em função dos horários de trabalho e os demais assinalaram como afirmativa a sua presença nos eventos da entidade educacional.

Por ter conhecimento da importância de haver integração entre a família e a escola para o desenvolvimento integral da criança, para que ela se sinta segura no ambiente escolar e para que haja uma continuidade no trabalho com valores, virtudes e vivências é que a direção e educadoras precisam promover momentos e espaços para que exista comunicação de alguma forma.

De acordo com Goldschimied e Jackson (2006, p. 219)

[...] qualquer que seja o centro, as administradoras da creche e as educadoras têm de fazer um esforço consciente para criar uma ponte que conecte a creche, o lar e a família de cada criança, por meio da qual as informações e também as pessoas possam passar livremente de um lado a outro, de forma que haja o máximo de

³² Cabe destacar que as questões do questionário estão descritas, na íntegra, nos apêndices deste trabalho.

congruência e continuidade possível para a criança. A educadora-referência tem a tarefa essencial de organizar um canal de comunicação eficaz entre o lar da criança e o centro creche. Seu relacionamento com os pais contribuirá muito para determinar a qualidade das experiências da criança; no entanto, ele contém tensões inerentes, que devem ser reconhecidas e administradas.

Em vista disso, elaborou-se a segunda questão, procurando conhecer como é a comunicação da família com a educadora que atendia seu filho na escola. Como já foi visto, a comunicação entre a família e a escola é muito importante, pois tudo o que acontece ao redor da criança pode influenciar em seu comportamento, na sua aprendizagem, na sua forma de lidar com as situações tanto em casa quanto na escola. Assim,

Em qualquer caso, a partir da perspectiva psicológica de favorecer o crescimento harmônico da criança, convém que os educadoras dirijam seus esforços tanto às características das experiências educativas que estão a seu alcance no contexto da escola, como às relações que estabelecem com o seu contexto primário, que é a família. Todos os dois compartilham muitas funções educativas que buscam a socialização em determinados valores, a promoção das capacidades cognitivas, motoras, de equilíbrio pessoal, de relação interpessoal e de inserção social, e compartilham, também, o cuidado e o bem-estar físico e psíquico, não perdendo de vista que ambos têm a responsabilidade de apoiar o que é feito no outro contexto e favorecer o desenvolvimento da criança (BASSEDAS, 1999, p.283).

Tendo em vista a comunicação existente entre a escola e os pais das crianças, as respostas resultaram no seguinte gráfico:

Imagem 2:Gráfico ilustrando o número de respostas em cada alternativa.



Fonte: A autora (2016).

No gráfico, é possível identificar que uma parte das famílias responderam que a comunicação é “Ótima” e outra parte identificou como “Muito boa”. Tendo em vista o que as educadoras responderam em seu questionário, essas respostas encontram-se em consonância e pode-se avaliar que, num contexto geral, a comunicação entre pais e educadoras está ocorrendo de forma eficiente.

Em uma terceira pergunta, as famílias foram convidadas a relatar qual é o sentimento que têm ao deixar o filho (a) na escola. Sabe-se que os sentimentos dos pais podem ser adversos e influenciam diretamente na permanência da criança na escola ou não, na sua boa adaptação ou na não aceitação da escola.

Conforme Balaban (1988, p. 17), às

[...] vezes, os professores dizem que não é a criança que está tendo problemas com a separação, mas sim os pais. É claro que os sentimentos da criança estão intimamente ligados com os do pai ou da mãe. Os pais podem ter vários tipos de emoção quando trazem seus filhos para a escola pela primeira vez. Não é possível compreender os sentimentos da criança sem avaliar simultaneamente os sentimentos dos pais. O ingresso na escola é um acontecimento significativo para ambos.

Os sentimentos dos pais ao deixarem seus filhos na escola, seja no primeiro dia de aula ou nos demais que vierem, sempre serão diferentes. Os pais têm suas emoções primeiramente relacionadas ao filho, seu maior tesouro, que está deixando sob os cuidados de uma pessoa que não conhece e que, ainda, não confia. Começa a interrogar-se se a educadora irá compreender os pedidos do filho, atender suas necessidades, como irá proceder se houver desobediência, enfim, são inúmeras as preocupações dos pais, principalmente a figura materna, que é a que possui mais dificuldade em “romper o cordão umbilical” e deixar o rebento caminhar com as próprias pernas.

Segundo Sartori (2016, p. 37)

[...] é necessário admitir que para os pais também há conflito. [...] Para eles, então, também é um momento significativo, pois nessa separação está envolvido o fato de que possam ver seus filhos crescendo, ou seja, incluindo na sua experiência esse estranho que, de agora em diante, não deixará de se colocar também como referência para seus filhos.

Por isso é tão significativo que os educadoras possam passar segurança aos pais e, principalmente, às crianças, afinal, qual pai ou mãe não irá confiar no sorriso de um filho ao chegar à escola e despedir-se com tranquilidade, sabendo que ele sente-se satisfeito por frequentar tal ambiente?

Este questionamento é facilmente respondido pelas famílias das crianças quando a grande maioria, ao serem interrogadas a respeito do sentimento em deixarem seus filhos na escola, responderam “tranquilidade”. Segundo a Família A, o sentimento foi de tranquilidade, *porque vejo que ele está em um local seguro, um lugar que ele gosta de ir e ao mesmo tempo um sentimento, porque é meu bem maior que estou deixando ali*. Em um momento de tantas emoções é extremamente natural que os sentimentos de segurança, de tranquilidade e, ao mesmo tempo, de angústia se misturem, afinal, como mencionam os participantes na resposta, os filhos são especiais e existe esta inquietação para que se sintam confortáveis na escola.

De acordo com a Família B, o sentimento foi de *preocupação de como ela iria passar o dia com uma pessoa que ela não conhecia*. Este sentimento de preocupação também foi um dos mais abordados nas respostas dos familiares, o que é compreensível, afinal, para Nogaró e Nogaró (2012, p. 37-38), o

[...] comportamento dos pais[...] pode ser mais bem compreendido ao nos reportarmos à simbiose primária, existente entre pais e a criança. Estes se doam totalmente à criança, mesmo antes do seu nascimento, apego que se fortalece após a concepção, quando a mãe amamenta e o pai acalenta o bebê nos braços. Para a mãe, a criança sempre será uma extensão de si mesma, o que provoca este sentimento de não querer “separar-se”, que perdura a vida toda.

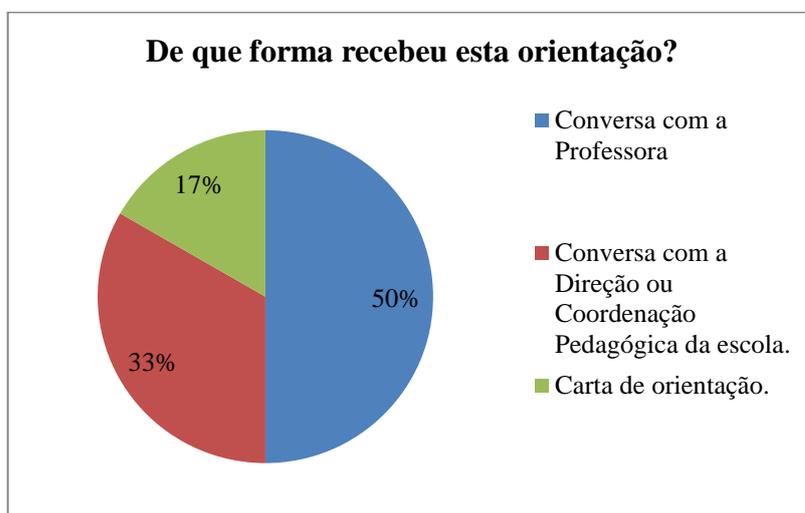
Mesmo havendo este sentimento de apego, é importante salientar que os pais mostraram sentimento de tranquilidade ao deixar seu filho na escola, primeiramente pelo seu comportamento ao chegar à escola e, em segundo lugar, por já terem se assegurado de que a escola é um lugar bom, seguro e que possui profissionais competentes para o cargo de educadora de seus filhos.

Conforme a Família D, o *sentimento é de tranquilidade. Fico bem tranquila, pois sei que minha filha fica bem cuidada e estimulada para as atividades desenvolvidas, despertando assim o seu interesse em permanecer na escola*. Ainda, complementa a Família G, que se sente *tranquilo, pois sei que está em boas mãos. Ele adora ir para a escola, sinal que está sendo bem recebido. A escola nos ajuda na educação do nosso filho, ele está aprendendo muita coisa boa*. Concluindo, a Família F afirma que *fico mais confiante, pois sei que está bem, além de bem cuidado, está aprendendo, é gratificante poder contar com a escola*.

Como já foi mencionado, é importante haver esta confiança, esta troca de informações e esta interação entre pais e escola, principalmente quando se fala no início da vida escolar da criança. Por este motivo, surge a quarta pergunta, que quis saber se a família foi orientada pela escola a respeito do período de adaptação e de que forma recebeu estas informações.

Todas as famílias participantes da pesquisa responderam que receberam orientação da escola e assinalaram de que forma foram informados, resultando no gráfico que pode ser visualizado abaixo.

Imagem 3:Gráfico ilustrando as três alternativas mais assinaladas pelas família das crianças.



Fonte: A autora (2016).

Interpretando o gráfico, é possível perceber que, dentre as alternativas oferecidas aos familiares para serem assinaladas, apenas as opções “Conversa com a professora”; “Conversa com a Direção ou Coordenação Pedagógica” e “Carta de orientação” foram marcadas como formas de orientação que receberam as informações a respeito do período de adaptação escolar da criança.

Das três opções assinaladas, é possível concluir que a conversa com a educadora, que atingiu 50% das respostas, é a forma como a maioria dos familiares receberam informações. Segundo o que já foi relatado nas entrevistas com a Direção das escolas e com as educadoras, essa conversa entre pais e educadoras se dá no formato de uma entrevista inicial, em que as educadoras podem conhecer um pouco mais seus alunos e seus familiares e os pais podem tirar suas dúvidas a respeito do funcionamento da escola. Neste momento, também são esclarecidos o que é o período de adaptação escolar e quais são os desafios que escola e família terão de enfrentar juntas naquele momento.

Quanto a esta entrevista inicial, Bassedas e Huguet (1999, p. 285) relatam que quando

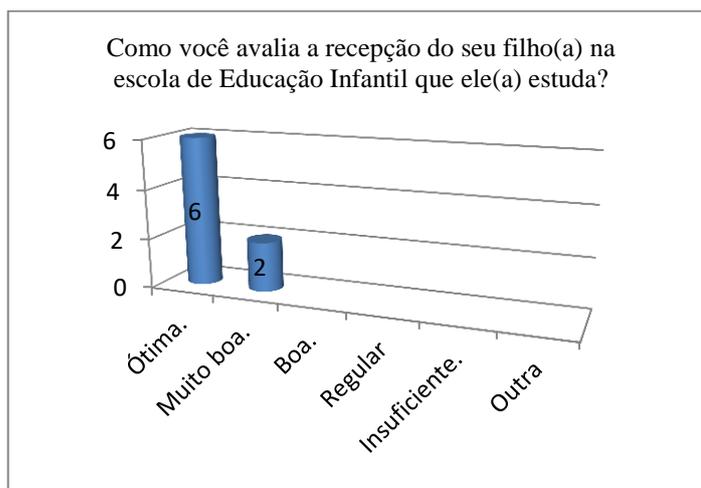
[...] a criança ingressa na escola, por pequena que seja – e quanto maior, ainda mais – já viveu, em sua família, um conjunto de experiências transcendentais a si. Os professores e as professoras necessitam saber como é essa criança, quais os seus ritmos, que pautas de relação está estabelecendo e com que pessoas, o que lhe agrada e o que não lhe agrada, etc. Frequentemente, essas informações são obtidas

mediante uma entrevista inicial que serve também para marcar os primeiros contatos entre a escola e a família.

Esta entrevista inicial tem exatamente esta finalidade: criar vínculos entre a família e os profissionais que passarão a atuar na vida escolar da criança, conhecer melhor as pessoas por quem o aluno está sendo educado e a sua realidade e, ainda e não menos importante, orientar os pais a respeito do funcionamento geral da escola.

Após participar desta entrevista, os pais sentem-se mais seguros sobre como proceder no primeiro dia do seu filho na escola. Assim, sabendo como o seu filho será acolhido na escola, fica mais fácil avaliar se esta recepção prevista será de fato efetivada. Desta forma, a quinta questão do questionário se remete a qualificar a recepção da criança na escola que ele estuda.

Imagem 4: Gráfico ilustrando a avaliação das famílias em relação à recepção das crianças na escola de Educação Infantil.



Fonte: A autora (2016).

No gráfico acima, pode-se verificar que grande parte das famílias assinalaram como “Ótima” a recepção das crianças na escola e 2 (dois) participantes avaliaram como “Muito boa”. Este acolhimento da criança na escola faz parte, principalmente, do papel da educadora infantil, que precisa utilizar-se de seus conhecimentos teóricos e práticos para conquistar a confiança das crianças e seus pais.

Para Sartori (2016, p. 112-113), a

[...] função da escola nesse momento é a de acolher a criança, reconhecer essa dinâmica familiar que, de maneira variada, se apresenta. A escola precisa posicionar-se em relação às mães a fim de orientá-las no espaço escolar. A criança chora e o professor precisa saber dar um suporte, antes de querer rapidamente

dissipar esse mal-estar. Oferecer opções nas quais a criança encontre ressonância com aquilo que é pertinente ao mundo infantil, dar tempo à criança para que ela possa criar vínculos, estabelecer laços de confiança com pessoas novas em sua vida. A criança precisa encontrar, na professora, segurança; à professora, importa envolver-se com as crianças. É um momento de descobertas. Isso também leva um tempo.

Por estes motivos, acolher bem a criança e seus familiares e dar tempo para que se adaptem a este novo ambiente de convívio social é importante papel da escola e da educadora infantil seja qual for a idade da criança. É costumeiro ouvir falar que crianças maiores, com 4 ou 5 anos de idade não precisam mais de tanta atenção quanto às menores. Aí se apresenta um grande equívoco, pois estas crianças precisam de respeito, de cuidados e de afabilidade tanto quanto as mais pequeninas.

Faz-se necessário salientar, também, que a opinião dos pais nesta recepção da criança na escola deve ser considerada, uma vez que eles são os principais conhecedores de seus filhos e entendem seus desejos, suas ambições, seus medos e o que mais lhe atrai a atenção. Por isso, a sexta e última questão faz referência às sugestões dos pais sobre o que pode ser melhorado no período de adaptação escolar.

Nesta questão, as opiniões foram diversas. Quatro das famílias participantes afirmaram que a forma como o período de adaptação na escola está sendo conduzido é ótimo e não precisa de reparos. Os demais declararam algumas sugestões que podem ser visualizadas a seguir:

Se a criança já se adaptou bem nos primeiros dias, talvez o tempo ou período de adaptação poderia ser menor. (Família A).

No período de adaptação houve uma troca de professor e monitor, que dificultou a adaptação da criança. (Família B).

Acredito que a conscientização dos pais. Os mesmos precisam entregar seus filhos as educadoras e confiar nelas, em seus trabalhos, fazendo com que os próximos pais, ao chegarem na sala, também tenham seu espaço e seus direitos. Poucas palavras: pais não devem permanecer por longo tempo nas portas das salas, isso dificulta o trabalho das professoras e monitoras e dos próprios pais que estão deixando seus filhos. (Família D).

Que cada professora possa ter uma assistente, para que assim a professora possa dar um pouco mais de atenção a criança passando pela adaptação. (Família F).

As sugestões, por serem de alguma forma, pertinentes, merecem um breve comentário. Primeiramente, a respeito do tempo do período de adaptação da criança na escola. É importante lembrar que não é apenas a criança que passa por este período de adaptação: os pais, as educadoras e a escola como um todo também estão em processo de mudança.

Para facilitar este processo e para que a criança possa conhecer a escola, sua educadora e seus colegas e não permanecer muito tempo longe dos pais, algumas instituições optam por

designar uma semana ou duas para que todos possam dedicar-se a este período especial de chegada das crianças na escola, solicitando que os pais venham buscar mais cedo nos primeiros dias e, conforme as crianças forem ficando no ambiente com mais tranquilidade, o tempo de permanência na escola é ampliado.

Algumas famílias, por não possuírem tempo hábil de cumprir os horários deste processo, querem aligeirá-lo. Porém, é importante que se respeite o período necessário para que cada criança, individualmente, se descubra quando está pronta para ficar em tempo integral na escola e quando os pais precisam ser compreensivos e deixar que se cumpra esse estágio por completo.

O período de adaptação implica, portanto, um “tempo para compreender”, que começa a se fazer necessário para que a criança possa dar um sentido, reposicionar-se diante da mãe. Esse tempo é determinante para que a criança reconheça o ambiente físico da escola, saiba circular por ele, que possa perceber como as coisas se ordenam naquele lugar, diferentemente de sua casa, para que ela possa estabelecer laços de confiança com o professor. (SARTORI, 2016, p.72).

Quanto às sugestões que fazem referência à troca de educadora durante o período de adaptação escolar e para que ele tenha uma assistente, uma monitora, que possa ajudar enquanto dá as devidas atenções à criança que está sofrendo um pouco mais com o processo, são propostas muito bem colocadas, afinal, a educadora infantil é a principal mediadora do vínculo que a criança tem com sua escola. É nela que a criança deposita sua confiança e se sente segura para afastar-se das pessoas que ama para poder permanecer em um ambiente desconhecido.

Balaban (1988) afirma que as atitudes da educadora infantil são importantes neste processo de adaptação, pois se ela está pronta para vir para a escola, com afeto e respeito, a educadora consegue que a criança transfira alguns sentimentos básicos de confiança de sua casa para a escola.

Até que a criança comece a sentir essa sensação de confiança, no entanto, o professor e a sala de aula permanecem estranhos. Dia após dia a familiarização substitui o desconhecido. Esse processo gradual começa com o relacionamento do professor com as crianças. Quando as crianças veem o professor com mais confiança, elas frequentemente começam a expandir os seus relacionamentos até o ambiente físico e até as outras crianças de maneira mais aberta. (BALABAN, 1988, p.16).

Sabendo desta importante tarefa da educadora infantil, é inadmissível que ocorra trocas de professores e atendentes neste período importantíssimo de início da vida escolar de

uma criança. Sem a presença da educadora na qual depositou sua confiança, a criança perde sua referência e, conseqüentemente, perde o desejo de voltar à escola.

Referindo-se à sugestão da Família D, é possível afirmar que a insegurança dos pais, neste processo de adaptação escolar, é natural, como já foi abordado neste texto. Talvez seja mais fácil lidar com essa situação para algumas famílias, enquanto para outras é mais angustiante, mas já por esses motivos é preciso que as educadoras deixem claro, no primeiro encontro, na primeira entrevista, que é imprescindível que os pais confiem em seu trabalho e que, se houver uma dúvida maior, podem marcar um momento reservado para conversas mais extensas. Afinal, naquele momento de recepção, as educadoras precisam estar atentas às necessidades das crianças.

Por fim, é possível concluir que, de uma forma geral, pais, educadoras e escolas que participaram da pesquisa estão realizando muito bem seus papéis e estão se organizando da melhor forma possível para atender a todas as necessidades existentes para as crianças. Ainda, pode-se dizer que mostram conhecimento a respeito do período de adaptação escolar e organizam o acolhimento das crianças na escola, cada um respeitando a realidade e necessidades da sua escola, planejando suas ações em prol do ingresso na Educação Infantil mais eficiente possível e em busca da qualidade de ensino nesta etapa da Educação Básica.

6 ACOLHIMENTO: AINDA TEMOS MUITO O QUE CAMINHAR

Na realização dos objetivos propostos e na resolução das questões norteadoras, pode-se entender que as legislações que amparam a Educação Infantil são cada vez mais exigentes e efetivas no cenário nacional. A educadora infantil que atua nesta etapa e a equipe pedagógica que a gerencia nunca estiveram tão amparados legalmente como ora estão.

No entanto, ainda há muito que ser feito pela Educação Infantil, principalmente no que diz respeito aos projetos pedagógicos das escolas, os quais precisam ser levados a sério pelos profissionais que o elaboram e que, posteriormente, o colocarão em prática através das ações educativas. Em outras palavras, no entendimento de Nogaro e Nogaro (2012) para que uma boa proposta pedagógica possa ter êxito e ser bem sucedida é preciso que haja o suporte e o apoio institucional. Assim, a filosofia educacional, por melhor que seja, não se sustenta por si só se não conseguirmos dispor das condições materiais e de recursos humanos adequados para sua execução. Na escola de Educação Infantil, é da responsabilidade do gestor educacional, como provedor e apoiador, garantir condições de trabalho e o ambiente preparado para acolher crianças. Os resultados do trabalho ali executado vão passar, em grande parte, pela sintonia entre administrativo e pedagógico.

Além disso, a formação de professores para trabalhar com esta etapa da Educação Básica deveria ser mais exigente, sólida e que lhe permita a posse de conhecimentos científicos básicos sobre desenvolvimento infantil, uma vez que se trata de uma fase muito importante na vida do ser humano. De acordo com Nogaro e Nogaro (2012), a educadora que vai atuar na Educação Infantil, por ser um espaço e um tempo pedagógico, com função educativa organizada e explícita, deverá ter preparo e estar ciente da diversidade do processo e ter clareza do desafio que é atuar neste nível de escolaridade. Precisa compreender que a aprendizagem é fenômeno complexo que envolve uma gama de componentes. Sociedade e família esperam muito dela, depositam confiança nela ao mesmo tempo em que reivindicam atitudes construtivas de sua parte em relação às crianças. A criança não pode ter seu percurso dificultado pela falta de brio ou incapacidade da educadora. É para evitar isso que ele deve ser remunerada de maneira condizente a função, ter boa formação, condições materiais e estruturais adequadas, caso contrário o entusiasmo e empenho desejado permanecerão como conto de fadas.

Entremeio a tantas legislações e políticas públicas que amparam a Educação Infantil, torna-se importante, também, refletir a respeito de um currículo específico para esta etapa da Educação Básica, uma vez que é a primeira vivência do ser humano dentro de um espaço formal destinado à aprendizagem e ao seu desenvolvimento como um todo e, como bem salienta Andrade (2010, p. 18) “[...] todas as crianças devem ter o direito a uma Educação Infantil de qualidade, pautada em um projeto educativo emancipatório, que promova o desenvolvimento de suas potencialidades e contribua para uma participação ativa e efetiva na sociedade”.

Para a elaboração deste projeto educativo, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil mostra-se um documento completo e bem elaborado, necessitando apenas de algumas atualizações, dado que foi criado há quase 17 anos atrás, deixando de constar, por exemplo, o uso das tecnologias em sala de aula e uma orientação para o mesmo.

Quanto ao acolhimento da criança na escola e seu período de adaptação, pode-se dizer que o RCNEI possui um bom material de pesquisa e instrução, embora haja poucas laudas e, portanto, informações mais brandas e pouco aprofundadas. Ainda, salienta-se que o acolhimento da criança na escola e o período de adaptação escolar não têm destaque em outros documentos oficiais de orientação para a prática escolar na Educação Infantil, o que dificulta ainda mais a elaboração de Projetos Políticos Pedagógicos consistentes no que diz respeito a esta temática. Estas instruções são de extrema importância em um documento de orientação, já que visa auxiliar na elaboração de planejamentos pedagógicos e demais ações educativas. Há que se considerar, também, que as educadoras e demais profissionais que estão envolvidos com a Educação Infantil vão estar em constante contato com estes documentos e os utilizarão como norte para desenvolver a sua prática no geral e, também, no que tange as questões do acolhimento da criança na escola.

Além disso, tendo em vista o principal objetivo deste trabalho, que é investigar como acontece o acolhimento das crianças de 3 a 5 anos de idade quando ao seu ingresso na escola de Educação Infantil no município de Frederico Westphalen, a fim de que se possa auxiliar de forma teórica e prática neste processo tão importante que envolve a escola, os professores, as famílias e, principalmente, as crianças, pode-se concluir que as escolas de Educação Infantil do município pesquisadas estão fazendo o seu melhor dentro de suas realidades e estão desenvolvendo um bom trabalho junto às crianças e seus pais. Porém, isto não quer dizer que não há possibilidades de melhora e/ou aprimoramento quando se trata do acolhimento da criança na escola.

Uma das mudanças que podem ser aplicadas é a visita domiciliar à casa do aluno antes do início do ano letivo, ou seja, é como se a educadora fosse visitar a criança em seu lar, em seu ambiente confortável, para que depois ela possa também ir visitá-lo em seu aconchego maior, que é a escola. Na sugestão, a visita funcionaria da seguinte forma: a educadora vai até a casa da criança conhecê-la e fazer a entrevista com os pais, neste momento, tem a oportunidade de identificar os brinquedos que mais gosta, o que prefere assistir na televisão, qual sua brincadeira favorita, enfim, pode aproveitar que a criança está segura, sob o olhar de seus pais, e criar laços de amizade e vínculos que facilitarão sua acolhida na escola.

Outra sugestão que pode dar certo são as oficinas com os pais: receber as crianças na sala de aula e os pais poderem permanecer juntamente com a criança no primeiro dia, fazendo atividades diferenciadas e apenas em meio turno. Nos dias que seguem a primeira semana de aula, os pais permanecem em um espaço separado da escola, desenvolvendo artesanatos, fazendo leituras e pesquisas enquanto a criança está em sala de aula. Isto aumentaria a segurança dos pais no trabalho das educadoras e, conseqüentemente, incentivariam mais seus filhos a frequentarem a escola.

É importante destacar, também, o que já vem ocorrendo nas escolas do município de Frederico Westphalen como um todo e que também é uma estratégia muito importante, que é a carta de orientação aos pais a respeito do material escolar e do funcionamento da escola como um todo, como devem proceder no período de adaptação, enfim, guiam os familiares com aspectos básicos que precisam saber nestes primeiros dias de aula.

Cabe ressaltar, ainda, que durante a entrevista com a direção das escolas, uma destacou uma estratégia muito importante para o acolhimento da criança na escola e que será implantada na instituição no próximo ano letivo, que é a realização da reunião de pais antes de o ano letivo iniciar, explorando os objetivos da escola, o seu Projeto Político Pedagógico, os conteúdos que as crianças irão trabalhar, salientar o letramento e não a alfabetização como algo obrigatório na Educação Infantil, enfim, poder sanar dúvidas e conhecer as expectativas dos familiares antes mesmo de a criança ingressar na escola.

Balaban (1988, p.88) afirma que “Uma reunião onde o enfoque vai ser o início da escola e a separação dos pais e da criança ratifica aos pais que este é um momento que merece uma atenção especial.”. E ainda sugere que se pode

Providenciar refrescos e crachás com os nomes (dos pais) ajuda a quebrar a tensão que as pessoas sentem quando fazem parte de um grupo constituído basicamente de pessoas estranhas. [...] Um dos aspectos positivos de uma reunião para pais é o contato que eles têm com outros pais de crianças pequenas. Assim, a reunião serve

tanto a uma função social quanto uma função educacional. (BALABAN, 1988, p.88).

Ainda, esta forma de trabalho garante que os pais sintam-se mais seguros ao deixar as crianças na escola, pois têm clareza de tudo o que vai acontecer com a criança para o bem-estar dela no período de adaptação escolar e nos demais dias letivos.

É importante que, da mesma forma que as educadoras e equipe diretiva pensem o período de adaptação escolar e a forma de acolhimento da criança na escola, também precisam incluir este ciclo do ano letivo como parte integrante do currículo na Educação Infantil. Cada escola pode encontrar o melhor método de acolhimento dentro de sua realidade, mas este período não pode ficar esquecido, deve ser registrado em documentos para que possa ser lembrado sempre que um novo ano se iniciar. Afinal, através desta pesquisa, foi possível compreender que as educadoras e gestoras das escolas participantes entendem que este período do ano é importante para crianças e familiares e, por isso, procuram repensar sua prática e melhorar a cada novo início do ciclo letivo, buscando atender cada vez mais as necessidades dos pais e suas angústias ao deixar seus filhos na escola.

Da mesma forma, os pais não podem omitir suas responsabilidades perante a vida escolar de seus filhos. É importante destacar que eles possuem um compromisso infindável com seus pequenos, assim como é seu laço consanguíneo. A família tem a obrigação de acompanhar o desenvolvimento da criança desde seus primeiros passos dentro de uma instituição escolar até sua formação acadêmica, quiçá sua vida profissional e adulta. Portanto, ser pai e ser mãe é, indubitavelmente, assumir a responsabilidade de educar para a vida, aonde ser um cidadão de bem e com boas maneiras está em seu cotidiano dentro de uma prática de diálogo constante e afeto no seio familiar.

Os pais precisam ter consciência de que levar o filho para a escola pela primeira vez ou a cada início de ano letivo exige um esforço grandioso de seriedade, paciência e dedicação à criança, para que se sinta segura e possa ficar bem no ambiente escolar. É preciso ter convicção de que este é um passo importante na vida de seus filhos e que não podem simplesmente voltar atrás e pensar que não haverá consequências. Se a responsabilidade da educadora for compartilhada com a responsabilidade dos pais, haverá grandes chances de sucesso no que diz respeito a um bom período de adaptação escolar da criança, dos pais e da escola.

Quando os pais assumem seu compromisso com a escola e com a criança, a responsabilidade da educadora e da instituição torna-se mais amena, podendo resguardar o tempo na escola para práticas voltadas ao ensino e à aprendizagem. Neste mesmo viés, é

necessário que os pais tenham a consciência de seu papel no desenvolvimento do ser que colocaram no mundo, pois eles não deixam de ser pais quando o filho tem a maturidade de ingressar sozinho na escola. E esta maturidade não significa autonomia total dos cuidados exercidos pela família. Pelo contrário, ser pai exige acompanhamento constante da evolução do filho e incentivo para que continue progredindo, bem como perceber quando está com dificuldade e auxiliar a educadora na solução deste impasse.

O apoio dos pais é indispensável, também, para a pessoa da educadora, que se sente amparada e segura para realizar seu trabalho com entusiasmo e dedicação. Não há júbilo ou presente maior para a educadora do que perceber a cooperação dos pais na vida escolar de suas crianças, momentos estes em que o progresso da criança torna-se o objetivo máximo entre as entidades da família e da escola. Fica evidente, nas respostas dadas pelos pais nos questionários, que eles acompanham a vida escolar de seus filhos e estão satisfeitos com o trabalho que é desenvolvido na escola, provando que as instituições de Educação Infantil de Frederico Westphalen estão no rumo certo quanto ao acolhimento e ao atendimento aos pais e seus filhos.

De igual maneira, percebe-se que os educadoras estão em constante formação e primam sempre pelo bem-estar das crianças e pela qualidade de seu trabalho, através de pesquisas, planejamento bem estruturado e a criatividade que é essencial na prática do profissional que atua na Educação Infantil.

Buscando qualificar cada vez mais o seu trabalho, a educadora precisa estar sempre atento a comportamentos adversos por parte de cada criança individualmente e ter em mãos um “diário de bordo”, no qual anotará tudo o que julgar relevante. Desta forma, quando for necessária uma conversa mais formal com os pais de uma de suas crianças, já saberá especificamente o que precisa falar e de que forma os pais podem lhe ajudar para melhorar a conduta do aluno, buscando sempre o bem estar da criança e seu pleno desenvolvimento.

Por fim, pode-se afirmar que, de uma maneira geral, pais, educadoras e gestores de escola estão caminhando juntos, engajados no bem-estar dos principais envolvidos no processo: as crianças. São elas que fazem com que os pais mudem sua rotina diária para atender suas necessidades e ajudá-las a superar a separação nos primeiros dias de aula. São elas quem mobilizam a equipe diretiva e as educadoras a pensar, refletir, estudar, aprimorar a sua prática e planejar estratégias na busca por um acolhimento adequado e no andamento do processo de adaptação escolar.

Embora tenham alguns aspectos que possam ser melhorados, as escolas de Educação Infantil de Frederico Westphalen encontraram nos seus anos de experiência e revisão da

prática, o seu jeito individual e especial de receber e acolher os familiares de seus alunos. Da mesma forma, descobriram um jeito peculiar, dentro de suas realidades e possibilidades, de acolher bem as crianças que frequentam suas escolas, respeitando o seu ritmo de desenvolvimento, sua evolução emocional e intelectual dentro dos processos que embalam a chegada da criança na escola.

É possível, finalmente, afirmar que esta pesquisa foi proveitosa e pode auxiliar pais, professores e gestores na árdua tarefa de educar e de criar possibilidades para o melhoramento da infância e seu desenvolvimento. Para uma próxima pesquisa, pode-se ir além e estudar o acolhimento da criança na escola desde os primeiros meses de vida, uma vez que as crianças nesta faixa etária também esboçam sentimentos e emoções em relação à escola, aos professores e aos colegas, bem como na separação, no corte do cordão umbilical com seus pais para ficar em outro ambiente que não seu lar.

Ressalta-se, ainda, que é importante que educadoras e direção das escolas possam ampliar o olhar que possuem sobre sua realidade e perceber que acolher a criança e seus familiares na escola é apenas um dos muitos desafios enfrentados na sala de aula de Educação Infantil. É preciso compreender que nesta faixa etária as crianças precisam brincar, interagir com o mundo ao seu redor e vivenciar todas as infinitas possibilidades de experiências sensoriais e motoras que se possa planejar. É imprescindível que a escola de Educação Infantil não seja curricularizada, mas que seja feliz, que envolva um planejamento lúdico, que faça a criança se expressar, aprender linguagens, matemática e todas as ciências através de brincadeiras, exposições, imagens, passeios e não com folhas com atividades prontas impressas.

Dito isto, resta aguardar os próximos capítulos da história de conquistas que a Educação Infantil vai alcançar, lutar para que esta fase da Educação Básica não seja esquecida pelos poderes públicos e desenvolver um trabalho competente dentro das salas de aula e nas escolas, afinal, o acolhimento e as vivências que as educadoras infantis proporcionam na estrada da criança na escola podem ocasionar consequências positivas ou negativas que a acompanhará na sua vida escolar futura. A responsabilidade é grande, mas com sabedoria, muito estudo e a consciência de que ninguém é um ser inacabado em conhecimentos, é possível sonhar e conseguir melhorar cada dia mais a realidade das escolas de Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.B.P. **Educação Infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. ISBN 978-85-7983-085-3. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.

ANDRADE, M. I. F. de. **O processo de adaptação e a importância do acolhimento na Educação Infantil**. 2016. 24 f. Artigo de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Curso de Pedagogia. Natal, 2016.

ARAÚJO, D. B. de. **Convivendo com a pré-escola**: teoria e prática da educação pré-escolar. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

AZEVEDO, C. E. F. et.al. A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo. In: **Anais IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**. Brasília, 3 a 5 de novembro de 2013.

AYRES, S. N. **Educação Infantil**: teorias e práticas para uma proposta pedagógica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. **Aprender e ensinar na Educação Infantil**. Trad. Cristina Maria de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BALABAN, N. **O início da vida escolar**: da separação à independência. Trad. Yeda Luci Sehm Berlin. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BONA, V. de. **Tecnologia e infância**: ser criança na contemporaneidade. 2010. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal de Pernambuco. Ceará, 24 de Fevereiro de 2010.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acesso em: 17 de outubro de 2015.

BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 26 de mar. 2015.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23

dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 26 de mar. 2015.

BRASIL, MEC. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Vol. 1. Vol. 2. Vol. 3. MEC, Brasília, DF, 1998.

_____. **Plano Nacional de Educação 2014-2024** [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

_____. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. A criança no ciclo de alfabetização. Caderno 02 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.

_____. **Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica**. Brasília, 2016.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999.

CAPELATTO, I. R. **Diálogos sobre a afetividade**. 4. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2009.

CHIZZOTI, A.A **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**, São Paulo: Cortez, 2001.

CORSARO, W.A. **Sociologia da infância**. Trad. Lia Gabriele Regius Reis. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERREIRA, I. L.; CALDAS, Sarah P. Souza. **Atividades na Pré-escola**. 17.ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

FINK, A. T.; FONTANA, C. O cuidar e o educar: implicações teórico-práticas na busca da construção de uma pedagogia da infância. In: SUDBRACK, E. M. (Org.) **Extensão e universidade: relatos de uma trajetória** [recurso eletrônico]. Frederico Westphalen: URI, 2012. 131 p. v. 5. – Série Pesquisa em Ciências Humanas. ISBN 978-85-7796-071-2.

FRIEDMANN, A. **O brincar na Educação Infantil: observação, adequação e inclusão**. São Paulo: Moderna, 2012.

_____. O olhar antropológico por dentro da infância: Adentrando nas casinhas das crianças. In: MEIRELES, Renata (Org.). **Território do brincar: diálogo com escolas**. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

FERREIRA, M. Do “Averso” do Brincar ou... as Relações entre Pares, as Rotinas da Cultura Infantil e a Construção da(s) Ordem(ens) Social(ais) Instituinte(s) das Crianças no Jardim-de-Infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. (Org.) **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Santa Rita de Azóia, Portugal: ASA, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas S.A., 2010.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas S.A., 2012.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche.** Trad. Marlon Xavier. 2.ed. Porto Alegre: Grupo A, 2006.

KRAMER, S. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas Educacionais no Brasil: Educação Infantil e/é fundamental. **Educação e Sociedade.** Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 797-818, out. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

_____, S; SANTOS, A. P. dos (Org.) **Infância e Educação Infantil.** 2.ed Campinas, SP: Papyrus, 1999.

_____, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** São Paulo: Cortez, 1995.

KUHLMANN JR, M. Histórias da Educação Infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação.** Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 14. Mai/Jun/Jul/Ago, 2000.

NOGARO, A.; NOGARO, I. **Primeira infância: espaço e tempo de educar na aurora da vida.** Erechim, RS: Fapes, 2012.

NOVAES, M. H. **Adaptação escolar: diagnóstico e orientação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

OLIVEIRA, Z. M. R.; ANDRADE, C. M. R. J. ((Org.)). **Educação Infantil: muitos olhares.** 3.ed São Paulo: Cortez, 1996.

OLIVEIRA, Z. M. de; et. al. **Creches: crianças, faz de conta e cia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

OLIVEIRA, Z. M. de (Org.). **O trabalho do professor na Educação Infantil.** São Paulo: Biruta, 2012.

ORTIZ, C.; CARVALHO, M. T. V. de Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação. **Coleção InterAções.** São Paulo: Blucher, 2012.

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. A história da Educação Infantil no brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line,** Campinas, n.33, p.78-95,mar. 2009 - ISSN: 1676-2584.

PINHEIRO, M. M. **Concepções de infância e Educação Infantil que permeiam a prática docente.** 2008. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, 2008.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

QVORTRUP, J. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 36, n.2, p. 631-643, maio/ago. 2010. ISSN 1678-4634. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28253>. Acesso em: 03 nov. 2015.

REDA, M. G.; UJIIE, Nájela Tavares. A Educação Infantil e o processo de adaptação: as concepções de educadoras da infância. In: **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. ISSN: 2176-1396, Curitiba, PR: Champagnati, 2009.

RIZZO, G. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

RIZZI, L.; HAYDT, R. C. **Atividades lúdicas na educação da infância**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1993.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. **Os fazeres na Educação Infantil**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; VITORIA, T.; GOULARDINS, L.G. Quando a criança começa a frequentar a creche ou pré-escola. In: ROSSETTI-FERREIRA, M.C. et al. **Os fazeres na Educação Infantil**. 12.ed. Ribeirão Preto, SP: Cortez, 2011.

ROUSSEAU, J. **Emílio** ou Da educação. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. 2.ed. Chapecó, SC: Argos, 2012.

SANTOS, E. P. Adaptação de crianças na Educação Infantil. **Revista Modelos – FACOS/CNEC**, Osório, Ano 2, Vol. 2, Ago. 2012. Disponível em: <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/eped/agosto_2012/pdf/adaptacao_de_crianças_na_educacao_infantil.pdf>. Acesso em: 24 de abril de 2014.

SARTORI, C. H. G. **Entrada da criança na escola e período de adaptação**. 2. Ed. Campinas, SP: Alínea, 2016.

SILVA, H. A. **Abordagem fenomenológica-hermenêutica**. Disponível em: http://agora.ceedo.com.br/agora10/abordagemfenomenologica_hermeneutica_HenriquetaAlvesdaSilva.pdf . Acesso em: 12 de out. 2015.

SILVA, M. C. D. S. **O processo histórico da Educação Infantil: um olhar reflexivo a partir da realidade de Capivari do Sul**. 2010. 63 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. São Leopoldo: EST/PPG, 2010.

STEIN, E. **Aproximações sobre Hermenêutica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

SILVA, A. H. A.; COSTA, E. F. O adulto, um parceiro especial. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. **Os fazeres na Educação Infantil**. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, A. H. A. “Roda, roda, roda, pé, pé, pé...”. In: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. **Os fazeres na Educação Infantil**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual.** Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

THIESSEN, M. L. **Pré-escola: tempo de educar.** São Paulo: Ática, 1991.

VILA, G. B. de; MÜLLER, M. **Brincadeiras e atividades recreativas para crianças de 6 meses a 6 anos.** Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Paulinas, 1992.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido para as educadoras de Educação Infantil

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
EDUCADORAS**

Informações para o (a) participante voluntário (a):

Você está convidado (a) a participar de um questionário que faz parte da coleta de dados da pesquisa: O acolhimento da criança de 3 a 5 anos: o ingresso na escola de Educação Infantil, sob responsabilidade da pesquisadora Elisiane Andreia Lippi, residente na Rua Guarani, nº 120, telefone (55) 3744-2986, Bairro Fátima, na cidade de Frederico Westphalen. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) Você está livre para qualquer momento, recusar-se a responder as perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) Você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativa para isso; c) Sua identidade será mantida em sigilo; d) Caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente de fato de mudar seus consentimentos em participar da pesquisa. **Uma cópia deste consentimento informado será arquivada pela pesquisadora e outra será fornecida a você. Maiores esclarecimentos ou dúvidas de qualquer natureza poderão ser sanadas com o orientador prof. Arnaldo Nogaro, Av. 7 de setembro, 1621, CEP: 99700 000 – Erechim. Fone: (54) 3520 9000, ramal 9012 ou com a pesquisadora Elisiane Andreia Lippi, residente na Rua Guarani, nº 120, telefone (55) 3744-2986, Bairro Fátima, na cidade de Frederico Westphalen.**

Frederico Westphalen,de.....2016.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Educadora

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido para as coordenadoras pedagógicas

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
COORDENADORA PEDAGÓGICA**

Informações para o (a) participante voluntário (a):

Você está convidado (a) a participar de uma entrevista que faz parte da coleta de dados da pesquisa: O acolhimento da criança de 3 a 5 anos: o ingresso na escola de Educação Infantil, sob responsabilidade da pesquisadora Elisiane Andreia Lippi, residente na Rua Guarani, nº 120, telefone (55) 3744-2986, Bairro Fátima, na cidade de Frederico Westphalen. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) Você está livre para qualquer momento, recusar-se a responder as perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) Você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativa para isso; c) Sua identidade será mantida em sigilo; d) Caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente de fato de mudar seus consentimentos em participar da pesquisa. **Uma cópia deste consentimento informado será arquivada pela pesquisadora e outra será fornecida a você. Maiores esclarecimentos ou dúvidas de qualquer natureza poderão ser sanadas com o orientador prof. Arnaldo Nogaro, Av. 7 de setembro, 1621, CEP: 99700 000 – Erechim. Fone: (54) 3520 9000, ramal 9012 ou com a pesquisadora Elisiane Andreia Lippi, residente na Rua Guarani, nº 120, telefone (55) 3744-2986, Bairro Fátima, na cidade de Frederico Westphalen.**

Frederico Westphalen,de.....2016.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do (a) Coord. Pedagógica (o)

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido para os familiares dos alunos

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PAIS DE ALUNOS**

Informações para o (a) participante voluntário (a):

Você está convidado (a) a participar de um questionário que faz parte da coleta de dados da pesquisa: O acolhimento da criança de 3 a 5 anos: o ingresso na escola de Educação Infantil, sob responsabilidade da pesquisadora Elisiane Andreia Lippi, residente na Rua Guarani, nº 120, telefone (55) 3744-2986, Bairro Fátima, na cidade de Frederico Westphalen. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) Você está livre para qualquer momento, recusar-se a responder as perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) Você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativa para isso; c) Sua identidade será mantida em sigilo; d) Caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente de fato de mudar seus consentimentos em participar da pesquisa. **Uma cópia deste consentimento informado será arquivada pela pesquisadora e outra será fornecida a você. Maiores esclarecimentos ou dúvidas de qualquer natureza poderão ser sanadas com o orientador prof. Arnaldo Nogaro, Av. 7 de setembro, 1621, CEP: 99700 000 – Erechim. Fone: (54) 3520 9000, ramal 9012 ou com a pesquisadora Elisiane Andreia Lippi, residente na Rua Guarani, nº 120, telefone (55) 3744-2986, Bairro Fátima, na cidade de Frederico Westphalen.**

Frederico Westphalen,de.....2016.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do responsável pela criança

APÊNDICE D – Questionário a ser aplicado com as educadoras de Educação Infantil

PROJETO DE PESQUISA:

**O ACOLHIMENTO DA CRIANÇA DE 3 A 5 ANOS: O INGRESSO NA ESCOLA DE
EDUCAÇÃO INFANTIL**

QUESTIONÁRIO PARA OS EDUCADORAS

Informações para o (a) participante voluntário (a):

Você está convidado (a) a responder este questionário anônimo, que faz parte da coleta de dados da pesquisa: **O ACOLHIMENTO DA CRIANÇA DE 3 A 5 ANOS: O INGRESSO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**, sob responsabilidade da pesquisadora Elisiane Andreia Lippi, Mestranda do PPGEDU – Mestrado em Educação da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Frederico Westphalen. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) Você está livre para qualquer momento, recusar-se a responder as perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) Você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativa para isso; c) Sua identidade será mantida em sigilo; d) Caso você queira poderá ser informado (a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente de fato de mudar seus consentimentos em participar da pesquisa.

1. Você e/ou sua escola costumam planejar a recepção e o acolhimento dos alunos no início do ano letivo? Explique.

2. Quando recebe a notícia de que acolherá um novo aluno em sua turma de crianças, que procedimento adota?

3. Quais estratégias pedagógicas você considera essenciais para acolher um aluno que está no período de adaptação escolar?

4. Quais desafios enfrenta quando as crianças estão passando pelo período de adaptação escolar?

5. Como você avalia a sua comunicação com os pais dos seus alunos?

() Ótima.

() Muito boa.

() Boa.

() Regular.

() Insuficiente.

() Outra: _____

APÊNDICE E – Entrevista semiestruturada a ser aplicada com as coordenadoras pedagógicas

PROJETO DE PESQUISA:

O ACOLHIMENTO DA CRIANÇA DE 3 A 5 ANOS: O INGRESSO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS COORDENADORES PEDAGÓGICOS

1. A acolhida da criança na escola de Educação Infantil, a qual coordena, é planejada? De que forma? Quem participa deste planejamento?
2. Como os professores se organizam para acolher as crianças que ingressam na escola durante o ano letivo?
3. Os pais das crianças são orientados no período de adaptação escolar durante o acolhimento delas na escola? Quem orienta? De que forma? Como reagem a estas orientações?
4. Como é a comunicação entre a professora e os pais das crianças? Como ela ocorre?
5. Gostaria que falasse sobre como está acontecendo o acolhimento das crianças na escola no início do período letivo? Está tranquilo, muito choro?
6. Quais são, a seu ver, os principais recursos pedagógicos que os professores podem utilizar para acolher as crianças que ingressam na escola.
7. Existe alguma mudança no planejamento da escola para o acolhimento das crianças para o próximo ano letivo, existe algo que vocês já pensaram, já planejaram, que não deu certo neste ano e que pode dar certo no próximo?

APÊNDICE F – Questionário a ser aplicado aos familiares dos alunos

PROJETO DE PESQUISA:

**O ACOLHIMENTO DA CRIANÇA DE 3 A 5 ANOS: O INGRESSO NA ESCOLA DE
EDUCAÇÃO INFANTIL**

QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS DE ALUNOS

Informações para o (a) participante voluntário (a):

Você está convidado (a) a responder este questionário anônimo, que faz parte da coleta de dados da pesquisa: **O ACOLHIMENTO DA CRIANÇA DE 3 A 5 ANOS: O INGRESSO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**, sob responsabilidade da pesquisadora Elisiane Andreia Lippi, Mestranda do PPGEDU – Mestrado em Educação da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Frederico Westphalen. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) Você está livre para qualquer momento, recusar-se a responder as perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) Você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativa para isso; c) Sua identidade será mantida em sigilo; d) Caso você queira poderá ser informado (a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente de fato de mudar seus consentimentos em participar da pesquisa.

1. Sua família costuma participar das atividades que a escola promove?

 Sim. Não.

2. Como é a sua comunicação com o(a) professor(a) do seu filho(a)?

 Ótima. Muito boa. Boa. Regular. Insuficiente.

() Outra: _____

De que forma ocorre?

3. Qual é o seu sentimento ao deixar seu filho(a) na escola? Explique.

4. Você foi orientado pela escola a respeito do período de adaptação do seu filho(a) a este espaço educacional?

() Sim

() Não

Se sim, responda à próxima pergunta:

De que forma recebeu esta orientação?

() Conversa com a Professora.

() Conversa com a Direção ou Coordenação Pedagógica da escola.

() Carta de orientação.

() Cartazes informativos pelos corredores da escola.

() Outra forma: _____

5. Como você avalia a recepção do seu filho(a) na escola de Educação Infantil que ele(a) estuda?

() Ótimo

() Muito bom

() Bom

() Regular

() Deixa a desejar

() Outro: _____

6. Sugira o que pode ser melhorado no período de adaptação escolar do seu filho(a) na escola:

APÊNDICE G – Autorização da direção da escola da rede privada para realização da pesquisa

PROJETO DE PESQUISA:

O ACOLHIMENTO DA CRIANÇA DE 3 A 5 ANOS: O INGRESSO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO DA ESCOLA

Autorizo a pesquisadora Elisiane Andreia Lippi a realizar sua pesquisa de campo referente à sua dissertação de Mestrado em Educação na escola de Educação Infantil da qual sou gestor (a). A referida pesquisa tem como título: O acolhimento da criança de 3 a 5 anos: o ingresso na escola de Educação Infantil, sob responsabilidade da pesquisadora Elisiane Andreia Lippi, residente na Rua Guarani, nº 120, telefone (55) 3744-2986, Bairro Fátima, na cidade de Frederico Westphalen. **Uma cópia desta autorização será arquivada pela pesquisadora e outra será fornecida a você. Maiores esclarecimentos ou dúvidas de qualquer natureza poderão ser sanadas com o orientador prof. Arnaldo Nogaro, Av. 7 de setembro, 1621, CEP: 99700 000 – Erechim. Fone: (54) 3520 9000, ramal 9012 ou com a pesquisadora Elisiane Andreia Lippi, residente na Rua Guarani, nº 120, telefone (55) 3744-2986, Bairro Fátima, na cidade de Frederico Westphalen.**

Frederico Westphalen,de.....2016.

Assinatura do (a) Diretor (a)

APÊNDICE H – Autorização da SMEC de Frederico Westphalen para a realização da pesquisa nas escolas da rede pública

PROJETO DE PESQUISA:

O ACOLHIMENTO DA CRIANÇA DE 3 A 5 ANOS: O INGRESSO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA SMEC

Autorizo a pesquisadora Elisiane Andreia Lippi a realizar sua pesquisa de campo referente à sua dissertação de Mestrado em Educação nas escolas de Educação Infantil do município de Frederico Westphalen. A referida pesquisa tem como título: O acolhimento da criança de 3 a 5 anos: o ingresso na escola de Educação Infantil, sob responsabilidade da pesquisadora Elisiane Andreia Lippi, residente na Rua Guarani, nº 120, telefone (55) 3744-2986, Bairro Fátima, na cidade de Frederico Westphalen. **Uma cópia desta autorização será arquivada pela pesquisadora e outra será fornecida a você. Maiores esclarecimentos ou dúvidas de qualquer natureza poderão ser sanadas com o orientador prof. Arnaldo Nogaro, Av. 7 de setembro, 1621, CEP: 99700 000 – Erechim. Fone: (54) 3520 9000, ramal 9012 ou com a pesquisadora Elisiane Andreia Lippi, residente na Rua Guarani, nº 120, telefone (55) 3744-2986, Bairro Fátima, na cidade de Frederico Westphalen.**

Frederico Westphalen,de.....2016.

Assinatura da Secretária da Educação